



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

EDUARDO MARQUES DA FONSECA

O VAQUEIRO E SUAS REPRESENTAÇÕES EM ALTO LONGÁ-PI: reflexões e
propostas para o Ensino de História

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI

Julho / 2024



EDUARDO MARQUES DA FONSECA

O VAQUEIRO E SUAS REPRESENTAÇÕES EM ALTO LONGÁ-PI: reflexões e propostas para o Ensino de História

Dissertação apresentada, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de História, no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba.

Área de concentração: Ensino de História

Orientador: Prof. Dr. Danilo Alves Bezerra

Parnaíba
2024

F676v Fonseca, Eduardo Marques da.
O vaqueiro e suas representações em Alto Longá-PI: reflexões e propostas para o ensino de história / Eduardo Marques da Fonseca. – 2024.
136 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, *Campus* Alexandre Alves Oliveira, Parnaíba-PI, 2024.
“Área de Concentração: Ensino de História.”
“Orientador Prof. Dr. Danilo Alves Bezerra.”

1. Ensino de história. 2. Currículo escolar. 3. Representações.
4. Educação patrimonial. 5. Alto Longá-PI - Vaqueiro. I. Título.

CDD: 981.22

Dedico este trabalho aos profissionais da educação, em especial os que trabalham com o Ensino de História, que apesar das dificuldades, seguem firmes e determinados na mais nobre das atividades: a arte de ensinar e aprender.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Senhor Deus, pois quem segura na sua mão não cai.

À minha esposa e companheira, Lillian Lettiere, que, mais do que ninguém, esteve ao meu lado nessa caminhada, sendo meu incentivo, minha direção, meu exemplo.

Aos meus filhos, Maria Eduarda e Pedro Eduardo, que são os maiores motivos para que busque o meu crescimento profissional.

Ao meu pai (José), e meu irmão (Júnior), pela confiança, apoio e auxílio que tiveram para comigo durante todo o meu caminhar.

À minha saudosa mãezinha, Helena Marques, que com certeza está sempre olhando por mim e se alegrará com mais essa conquista acadêmica.

Aos amigos e amigas, pela força e motivação no decorrer do curso, especialmente os(as) mestrandos(as) da turma ProfHistória - UESPI 2022.1, que compartilharam toda essa trajetória acadêmica juntos.

Aos colegas mestrandos(as) do Grupo Resenha ProfHistória, tanto pelos momentos de apoio e ajuda mútua quanto por aqueles de descontração e alegria, fatos que fizeram desses amigos e amigas que pretendo levar para toda a vida.

Aos colegas de trabalho – das escolas: Coronel Boa Vista e Acrísio Veras - pela compreensão e flexibilidade durante todo esse difícil percurso.

Ao meu orientador, professor Dr. Danilo Alves Bezerra, pelo direcionamento, paciência e parceria na construção deste trabalho.

Aos demais professores e professoras do curso, que além do aprendizado e das orientações, também se mostraram compreensivos e solícitos em todos os momentos.

A todos que, de forma direta ou indiretamente, contribuíram para a construção e término deste trabalho.

Gosto do som da viola / E o toque do
sanfoneiro / Da carne de sol assada / E de um
feijão tropeiro / Mas o que enche meu ego /
Isso é coisa que eu não nego / Meu orgulho
é ser vaqueiro.

(Genival Lacerda)

RESUMO

Na presente dissertação apresenta-se uma reflexão sobre a construção das representações em torno da figura do vaqueiro no município de Alto Longá (PI) e a inserção destas na prática docente. Os objetivos do trabalho foram: analisar o processo histórico de escolha do vaqueiro como protagonista desse território, percebendo como outras figuras ficaram à margem dessa construção identitária; bem como discutir a adequação dessas temáticas locais aos currículos em vigor, por meio da sugestão de situações de aprendizagem que envolvam as mesmas. Utilizou-se como fontes de pesquisa e como objetos de análise: as manifestações culturais existentes na Festa do Vaqueiro e no Museu do Vaqueiro. O texto está dividido em três capítulos: no primeiro são realizados debates conceituais sobre cultura, identidade, tradição e representação, traçando relações iniciais com o tema central; o segundo aborda a formação da cidade e do vaqueiro, fazendo conexões com as festividades e o museu; já o terceiro traz reflexões sobre Educação Patrimonial e, principalmente, Ensino de História, analisando a estruturação curricular e as adequações possíveis à referida temática. A metodologia de pesquisa utilizada foi a revisão bibliográfica, tanto de autores como Clifford Geertz, Michel de Certeau, Peter Burke, Pierre Nora, Roger Chartier, Sandra Pesavento e Stuart Hall: sobre aspectos teóricos de um modo geral, como trabalhos acadêmicos e jornalísticos diversos que tratam da cidade, do vaqueiro, das festas e do museu. Como resultados percebeu-se a forte identificação dos vaqueiros e da população longaense com as festividades, que crescem a cada ano e recebem milhares de visitantes. No entanto, essa identificação não se estendia ao museu – que se encontra fechado – e, mesmo quando estava em funcionamento, não recebia grande visitação e nem era integrado ao Dia do Vaqueiro. Constatou-se ainda que, apesar da festa ser em torno do vaqueiro, essa figura não se encontra presente no Ensino de História local, nem o vaqueiro nem os indígenas que dão nome à cidade. O recurso pedagógico desenvolvido como proposta de intervenção foi uma unidade temática que apresenta as diversas representações do vaqueiro em Alto Longá e como estas podem ser trabalhadas nos níveis fundamental e médio. Portanto, apresentamos propostas concretas e contextualizadas de situações de aprendizagem, que poderão nortear a construção do planejamento, execução e avaliação por parte dos docentes que atuam no Ensino de História naquela cidade.

Palavras-chave: Alto Longá-PI; Currículo escolar; Educação Patrimonial; Ensino de História; Representações; Vaqueiro.

ABSTRACT

In this dissertation, a reflection on the construction of representations surrounding the figure of the cattle rancher in the town of Alto Longá (PI) and their incorporation into teaching practice is presented. This work aims to analyze the historical process of choosing the cattle rancher as the protagonist of this territory, observing how other figures have been marginalized in this identity construction; and to discuss the integration of these local themes into current school curriculum, through the suggestion of learning situations that involve them. The sources of research and objects of analysis used were: the cultural manifestations present at the “Festa do Vaqueiro” and the “Museu do Vaqueiro”. The text is divided into three chapters: the first chapter engages in conceptual debates on culture, identity, tradition, and representation, establishing initial connections with the central theme; the second chapter addresses the formation of the town and the cattle rancher, making connections with the festivities and the museum; the third chapter presents reflections on Heritage Education and, particularly, History Teaching, analyzing the school curriculum structuring and possible adjustments to the aforementioned theme. The research methodology used was bibliographic review, including works by authors such as Clifford Geertz, Michel de Certeau, Peter Burke, Pierre Nora, Roger Chartier, Sandra Pesavento, and Stuart Hall, as well as various academic and journalistic works that address the town, the cattle rancher, the festivities, and the museum. The results showed a strong identification of the cattle ranchers and the people of Alto Longá with the festivities, which grow every year and attract thousands of visitors. However, this identification did not extend to the museum – which is currently closed – and, even when it was operational, it did not receive much visitation and was not integrated into the Day of the Cattle Rancher. It was also found that, despite the festival being centered around the cattle rancher, this figure is not present in the local History school curriculum, nor are the indigenous peoples who gave the town its name. The pedagogical resource developed as an intervention proposal was a thematic unit that presents the various representations of the cattle rancher in Alto Longá and how these can be addressed at the elementary and secondary levels. Therefore, we present concrete and contextualized proposals for learning situations that can guide the planning, execution, and evaluation by teachers involved in History education in that town.

Keywords: Alto Longá-PI; School Curriculum; Heritage Education; History Education; Representations; Cattle Rancher.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CCTA – Centro de Comunicação, Turismo e Arte

CEDAP – Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa

CNAE – Classificação Nacional das Atividades Econômicas

CNM – Cadastro Nacional de Museus

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

FCLAS – Faculdade de Ciências e Letras do Campos de Assis

FGV – Fundação Getúlio Vargas.

FUNCASA – Fundação de Cultura, Assistência Social e Sustentabilidade Ambiental

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PI – Piauí

PUC – Pontifícia Universidade Católica

UESPI – Universidade Estadual do Piauí

UFDFPar – Universidade Federal do Delta do Parnaíba

UNESP – Universidade Estadual Paulista

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Mapa da localização geográfica de Alto Longá
- Figura 2 e 3 – Mapas do território piauiense no final do século XVII
- Figura 4 – Vaqueiros participando das festividades em sua homenagem
- Figura 5 – Fachada da Casa do Vaqueiro
- Figura 6 – Vaqueiros no espaço da Casa do Vaqueiro
- Figura 7 – Localização das manifestações do vaqueiro no Centro de Alto Longá
- Figura 8 – Vaqueiros chegando à missa com a imagem de N. Sra. Dos Humildes
- Figura 9 – Percurso da procissão até o Prado Municipal
- Figura 10 – Procissão do Vaqueiro – Cavalgada da Igreja para o Prado
- Figura 11 – Corridas de Vaqueiros no Prado Municipal
- Figura 12 – Padre Gilberto celebrando a Missa do Vaqueiro
- Figura 13 – Show Cultural da Festa do Vaqueiro
- Figura 14 – Peças da indumentária típica do vaqueiro
- Figura 15 – Urna do sorteio
- Figura 16 – Vaqueiro encourado
- Figura 17 – Participantes da Festa do Vaqueiro
- Figura 18 – Fachada do Museu do Vaqueiro
- Figura 19 – Planta baixa- Museu do Vaqueiro antes do processo de reconfiguração
- Figura 20 – Ambientação de uma cozinha típica do campo no passado
- Figura 21 e 22 – Situação atual do Museu do Vaqueiro
- Figura 23 – Localização do Museu do Vaqueiro e da Escola Acrísio Veras
- Figura 24 – Eventos realizados no Museu do Vaqueiro

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 POSSIBILIDADES DE ANÁLISE EM TORNO DA FIGURA DO VAQUEIRO | 21 |
| 2.1 Cultura e tradição: discussão e aproximações possíveis com a realidade da cidade | 21 |
| 2.2 Identidades e representações: sentidos plurais e mutantes | 33 |
| 3 AS MANIFESTAÇÕES DO (E SOBRE O) VAQUEIRO EM ALTO LONGÁ (PI) | 43 |
| 3.1 A formação da cidade e a participação do vaqueiro | 43 |
| 3.2 A festa do vaqueiro: lugares, práticas e envolvimento | 50 |
| 3.3 O museu do vaqueiro enquanto lugar de memória | 67 |
| 4 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA ARTICULADOS ÀS REPRESENTAÇÕES DO VAQUEIRO | 82 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 98 |
| REFERÊNCIAS | 102 |
| O VAQUEIRO NA SALA DE AULA E PARA ALÉM DELA..... | 109 |

1 INTRODUÇÃO

A escolha desta temática se deu pela percepção de uma estreita relação histórica e cultural entre a figura do “vaqueiro” e o município de Alto Longá (PI): de onde sou natural, morei, estudei durante toda a Educação Básica e, atualmente, atuo como docente a nível de Ensino Médio, na rede pública estadual. Ao longo dessa vivência (enquanto munícipe, estudante e agora professor), pude identificar vários aspectos que interligam as manifestações que gravitam em torno desse ofício, com a própria construção de muitas das identidades da população “longaense”.

Primeiramente, dentre essas relações percebidas estão as tradicionais festividades culturais em homenagem aos vaqueiros (algumas delas comemoradas desde o século XVIII), que ocorrem durante todo o ano, mas que têm no maior evento religioso e cultural do município, os Festejos de Nossa Senhora dos Humildes¹, padroeira católica da cidade, o seu ponto alto. Nesse acontecimento festivo, com duração de dez dias, se destaca o famoso “Dia do Vaqueiro”, comemorado todos os anos na data de 28 de dezembro. No referido dia dedicado a eles ocorre a Festa do Vaqueiro que envolve locais como a Casa do Vaqueiro e atividades como: Procissão do Vaqueiro, Missa do Vaqueiro, Leilão do Vaqueiro e Corridas de Vaqueiros.

No entanto, por mais que as mencionadas festividades religiosas e culturais sempre tenham dado a esses indivíduos um certo destaque na sociedade longaense, há a necessidade de investigar qual seria a relevância histórico-cultural que esses indivíduos tiveram na própria formação identitária da cidade, refletindo de que forma isso é percebido e reconhecido (ou não) pela própria comunidade nos dias atuais.

De modo geral, o objetivo mais amplo deste trabalho é refletir sobre as representações existentes em torno da figura do vaqueiro no município de Alto Longá (PI) e a utilização destas no Ensino de História. Como objetivos específicos temos: analisar os motivos da escolha do vaqueiro como o protagonista desse território e como outras figuras ficaram à margem nesse processo de construção identitária; verificar o envolvimento dos próprios vaqueiros e da população em geral com essas manifestações culturais; discutir a inserção dessas temáticas locais frente às normas e documentos curriculares vigentes no atual sistema de ensino; analisar as possibilidades de diálogo

¹ Imagem trazida de Portugal ainda na primeira metade do século XVIII, sendo depositada na antiga capela dedicada à mesma, cuja construção iniciou-se em 31 de dezembro de 1740, tornando-se desde então a santa homenageada nos festejos católicos desse território, sendo esta imagem diferente das demais já encontradas.

entre a percepção do vaqueiro como patrimônio local e as temáticas trabalhadas em sala de aula e em torno dela.

Na busca por tais compreensões, deve-se analisar os motivos da escolha do vaqueiro como o principal tipo identitário desse território em detrimento de outras figuras e suas práticas e costumes, que foram quase inteiramente “esquecidas” ao longo dos tempos, como os povos originários (que são muito anteriores na ocupação dessa região), as populações negras escravizadas, assim como outros ofícios ou grupos que também tiveram atuação importante, em algum momento do processo histórico de construção da sociedade longaense.

A pesquisa reflete outro investimento cultural relevante, criado em 2007, o Museu do Vaqueiro, um espaço onde existe um acervo de centenas de peças relacionadas ao ofício e às ações cotidianas realizadas por esses atores, além da ambientação de locais típicos de morada dos mesmos, nos séculos passados. Esse museu foi fundado em 2007, pela idealização da assistente social e autora de livros sobre Alto Longá, Valmira Cabral, cujas características trataremos num tópico específico no segundo capítulo.

O Museu do Vaqueiro, desde então, é o único museu de toda essa região (que engloba municípios como: Coivaras, Novo Santo Antônio, Beneditinos, São João da Serra, Prata do Piauí e Pau D’arco do Piauí), cujo início do povoamento se deu a partir da antiga Vila dos Humildes, depois cidade de Alto Longá. Cabe ressaltar, entretanto, que apesar de toda essa simbologia histórica, cultural e identitária que o Museu do Vaqueiro carrega (ou pelo menos se imagina que carregasse), ele encontra-se fechado desde o início da pandemia de Covid-19, apesar das restrições mais rígidas e os decretos de isolamento social terem sido extinguidos em 2022. O motivo, segundo as informações conseguidas, seria de ordem financeira, pois os repasses feitos pela prefeitura da cidade para a manutenção do espaço teriam sido cortados desde então.

O fechamento do Museu do Vaqueiro gera uma enorme perda para a região como um todo, abrindo espaço para um debate coletivo sobre a possibilidade de sua reabertura. Ademais, instiga preocupação com a própria memória do museu em si e em torno de medidas para que volte a funcionar como aparelho de cultura local, que reflete uma parte da história regional. Além do mais, o fato do museu ainda se encontrar fechado nos leva a refletir sobre a relevância social desse equipamento enquanto um produtor e disseminador da memória da cidade articulada à figura do vaqueiro.

Nesse processo de diálogos sociais e comunitários, no que tange ao referido espaço de memória da cidade, os profissionais da educação, notadamente os docentes,

teriam um papel fundamental nessa reflexão e ação, instigando os estudantes e a própria comunidade a perceber o nível de pertencimento dessa memória museificada, do vaqueiro, e do próprio museu.

A partir dessas diversas constatações, verificou-se a necessidade de estudar mais detalhadamente a construção da história (transformada em memória) dessa profissão considerada por muitos como “simples”, como forma de identificar a trajetória que a levou ao atual status de relevância para a população local.

Nesse âmbito, consideramos que a própria escola da qual sou docente, o Centro Estadual de Educação Profissional Acrísio Veras, pode iniciar juntamente com a comunidade escolar uma mobilização no sentido de trabalhar as temáticas relacionadas ao vaqueiro (na verdade a alguns tipos de vaqueiro), e também de perceber como houve essa predileção por essa figura enquanto tipo identitário e quais personagens locais foram deixados à margem nesse processo.

Para tais reflexões, foram tomados como base as atividades existentes no Dia do Vaqueiro, assim como o Museu do Vaqueiro. No que tange à temática da nossa pesquisa, incorporamos a análise das várias coberturas jornalísticas existentes e da imprensa de um modo geral (televisiva, digital, impressa) compreendidas entre 2014 e 2023 acerca das manifestações culturais que envolvem o referido Dia do Vaqueiro e suas diversas festividades e representações.

Outro conjunto documental analisado foi o próprio espaço do Museu do Vaqueiro – entre 2007 e 2023 – tanto com o seu acervo físico (as peças, objetos, mobiliário etc.) quanto as práticas culturais desempenhadas (apresentações teatrais, musicais, ações comunitárias etc.). Isso foi realizado, primeiramente, através da análise de depoimentos e entrevistas existentes em alguns veículos de comunicação feitas aos próprios atores sociais aqui estudados, bem como da população local de um modo geral sobre aspectos ligados às tradições que envolvem esse ofício, suas práticas culturais e suas percepções de continuidades e/ou de mudanças nas relações de identidade junto à cidade ao longo dos tempos.

Além disso, analisamos também dois trabalhos acadêmicos que tem como temática central o Museu do Vaqueiro, ambos de 2017. O primeiro deles é intitulado “O Museu do Vaqueiro como Patrimônio Cultural da cidade de Alto Longá-PI”, da historiadora Antônia Rodrigues de Barros, que faz parte do livro “Alto Longá: de vila à cidade, da cidade aos nossos dias (História, Memória e Patrimônio)”, organizado por Maryneves Saraiva de Arêa Leão Costa e Maria do Amparo Moura Alencar Rocha. Nessa

obra há várias falas relevantes do próprio vaqueiro e de outras pessoas que mantêm relações de proximidade com o referido museu, como a curadora, professores e pesquisadores.

O segundo é a dissertação de mestrado “Museu do Vaqueiro / Alto Longá / Piauí: diagnóstico e documentação museológica e propostas de expografia, educação e ação cultural”, defendida por Maria do Amparo Moura Alencar Rocha junto ao programa de mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Piauí (hoje, Universidade Federal do Delta do Parnaíba), no ano de 2017. Nesse trabalho, a autora fez uma intervenção no próprio museu, com o intuito de realizar um diagnóstico museológico desse espaço, de modo a contribuir para uma melhor gestão do seu acervo e identificar eventuais potencialidades ainda não exploradas e/ou fragilidades já existentes.

Este trabalho de pesquisa foi dividido em três capítulos. No primeiro, foram feitos diálogos teóricos e conceituais com autores como Clifford Geertz, Eric Hobsbawm, Jacques Le Goff, Michel de Certeau, Peter Burke, Pierre Nora, Roger Chartier, Sandra Pesavento e Stuart Hall a fim de se construírem definições, críticas e reflexões sobre a própria noção geral de cultura em si, além da relação desse termo com alguns ideais afins como identidade, tradição, memória e representação. Todo esse referencial teórico-metodológico será mobilizado no decorrer do trabalho, afim de entender como os processos de construção de uma dada identidade ocorreram.

Com relação ao segundo capítulo, nele abordamos questões mais específicas acerca da temática desenvolvida nesta pesquisa. Alguns questionamentos que são discutidos nessa parte do trabalho, a saber: Como essas relações de identidade entre o vaqueiro e a cidade foram construídas? Quais figuras foram silenciadas em detrimento dessa escolha do vaqueiro como preservação da memória? O que leva as pessoas a participarem das festividades em homenagem ao vaqueiro? Há envolvimento da população com o museu assim como com as festas? Os próprios vaqueiros se sentem representados pelo museu que leva o nome deles? Existem relações diretas entre as festas e o museu? Existem tipos diferentes de vaqueiro nessas festividades?

Na tentativa de responder às perguntas acima reforçamos que foram utilizadas as análises e depoimentos encontrados em livros de autores locais – como Valmira Cabral, Maryneves Arêa Leão e Amparo Alencar – e em diversas matérias e documentários existentes em portais de notícias, plataformas de vídeo e *streaming* (tanto sobre as festas como o museu), bem como trabalhos acadêmicos que versam, exclusivamente, sobre o

Museu do Vaqueiro, visto que não foram encontrados materiais semelhantes de pesquisa sobre a Festa do Vaqueiro.

No terceiro e último capítulo refletimos sobre as possibilidades da educação patrimonial enquanto aporte teórico-metodológico para trabalhar as dimensões existentes entre a cidade e o vaqueiro, no Ensino de História propriamente dito. Para tal, nos utilizaremos das ideias de Áurea Pinheiro, Carmem Gil, Helena Pinto, Mário Chagas, Marcelo Fronza e Sandra Pelegrini, no que se refere às questões patrimoniais; e de Antoni Zabala, Circe Bittencourt e Luís Fernando Cerri, no tocante ao Ensino de História e à sua didática. É imprescindível perceber como essas manifestações culturais (materiais e imateriais) acerca da figura do vaqueiro poderiam ser trabalhadas na atuação docente de História no município de Alto Longá, tanto no ambiente escolar quanto a partir dele.

Nesse capítulo aliamos os referenciais teóricos à análise das fontes do capítulo anterior, procurando dimensionar, à luz da educação patrimonial, as implicações e as possibilidades de discussão dessas representações identitárias que são projetadas enquanto patrimônio local. Além disso, propomos a estrutura do recurso pedagógico deste trabalho de pesquisa: uma unidade temática, que instiga reflexões sobre como as representações existentes na cidade de Alto Longá (referentes ao vaqueiro) podem ser trabalhadas no componente curricular de História a nível de Ensino Fundamental e/ou Médio; bem como propostas de situações de aprendizagem que podem nortear a prática pedagógica dos profissionais que atuam nessa área do conhecimento, na referida cidade.

A utilização desse produto educacional, pode colaborar no desenvolvimento de uma reflexão acerca do processo de eleição desse símbolo e seus protagonistas. Essa reflexão pode desembocar na construção de um raciocínio crítico sobre a atualidade desse símbolo e suas manifestações adjacentes, bem como a percepção de outros aspectos/símbolos culturais ligados à própria história da cidade que por ventura não tenham recebido a relevância que poderiam.

Há ainda a possibilidade de auxiliar os docentes que atuam no Ensino de História naquele município a tratar sobre aspectos e temáticas do cotidiano e da construção histórica da própria comunidade escolar, aproximando as habilidades trabalhadas em sala de aula com as vivências tanto dos estudantes quanto dos demais participantes do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, pode promover uma reflexão sobre a estruturação dessas matrizes culturais predominantes e a proposição de novas figuras ligadas à cultura local além da demonstrada relevância que o vaqueiro recebeu ao longo dos tempos.

Para que seja possível realizar essa aproximação acima mencionada devemos analisar como essas temáticas locais dialogam (ainda que muito superficial, a princípio) com os dois grandes documentos curriculares que balizam o Ensino Fundamental e Médio da rede estadual de educação do Piauí: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo do Piauí, em que o segundo segue as diretrizes principais do primeiro.

No que se refere ao nível fundamental, as competências específicas de História, que podem ser trabalhadas junto à temática do vaqueiro (e tudo aquilo que mantém relação com o mesmo), são as de números:

1 – Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo; 4 – Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários; e 8 – Construir uma identidade piauiense através da contextualização das contribuições do Piauí no processo de formação histórica do Brasil. (Piauí, 2020, p. 273).

Dentro das competências relacionadas acima, as principais habilidades para o Ensino Fundamental que manteriam ligação com a temática deste trabalho são aquelas inerentes ao 7º ano e 8º ano. Entre as que estariam contidas na grade curricular do 7º ano, destacam-se:

(EF07HI09): Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência, destacadamente do Brasil e das comunidades que habitavam o território do litoral ao sertão piauiense; (EF07HI10): Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as dinâmicas das sociedades americanas no período colonial e a consolidação da sociedade piauiense mediante a interiorização do Brasil via atividade pecuarista; e (EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira, em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico cultural (indígena, africana, europeia e asiática), e entender a constituição territorial do Piauí a partir da expansão da América Portuguesa, compreendendo a forma diversificada da chegada do povo negro à capitânia do Piauí, o movimento das bandeiras e os conflitos entre os bandeirantes e indígenas no Piauí na expansão do território, e a importância do ciclo da mineração na constituição histórica da capitania do Piauí (Piauí, 2020, p. 281-282).

Com relação aos objetos do conhecimento, presentes no mesmo documento legal ora comentado, esses são: “A conquista da América e as formas de organização política dos indígenas e europeus: conflitos, dominação e conciliação; Resistências indígenas, invasões e expansão na América portuguesa” (Piauí, 2020, p. 281-282).

No que concerne às habilidades que o Currículo do Piauí designou para o 8º ano, podemos utilizar as seguintes: (EF08HI14):

Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos e estereótipos sobre as populações indígenas e negras no Brasil, nas Américas e no Piauí; (EF08HI22) Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e artísticas na produção do imaginário e das identidades no Brasil do século XIX (Piauí, 2020, p. 283-284).

Para encerrar esse diálogo prévio com as normativas curriculares vigentes (que é retomado no terceiro capítulo e também no material de intervenção deste trabalho), chegamos aos objetos do conhecimento referentes ao 8º ano, com alguma interação com o tema central do mesmo, que são:

Políticas de extermínio do indígena durante o Império; A produção do imaginário nacional brasileiro: cultura popular, representações visuais, letras e o romantismo no Brasil; O silenciamento dos saberes indígenas e as formas de integração e destruição de comunidades e povos indígenas (Piauí, 2020, p. 283-284).

Para o Ensino Médio, as competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, presentes na Nova BNCC, que podem ser desenvolvidas são as de números:

1 – Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos. Desse modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista. Tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica; e 2 – Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações (Brasil, 2018, p. 570).

Dentro das competências que podem ser trabalhadas em todos os três anos do Ensino Médio, as habilidades (novamente referentes à Nova BNCC) desenvolvidas são: “EM13CHS104 – Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço” (Brasil, 2018, p. 572); “EM13CHS206 – Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico” (Brasil, 2018, p. 573); e

EM13CHS404 – Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais (Brasil, 2018, p. 576).

Quanto aos objetos do conhecimento do Currículo do Piauí que imaginamos que podemos trabalhar são: “Patrimônio cultural: material e imaterial e o legado cultural de diferentes povos; Patrimônio histórico cultural e os lugares de Memória” (Piauí, 2021, p. 324); “Trabalhos invisíveis: domésticos, voluntários, imigrante, trabalho para consumo próprio: cultivo, pesca, caça, criação de animais, artesanato etc.” (Piauí, 2021, p. 331); e “O processo de povoamento do Piauí a partir das rotas de gados” (Piauí, 2021, p. 337).

Por fim, com relação aos objetivos de aprendizagem presentes no Currículo do Piauí, os principais são:

Identificar a importância do patrimônio para a identidade social e territorial dos indivíduos e inventariar o patrimônio material e imaterial do Brasil e do Piauí. Analisar o legado cultural de cada povo em diferentes períodos e lugares, relacionando essa herança à formação da sociedade ocidental, sobretudo a brasileira, a partir do enfoque do patrimônio histórico cultural e da importância da preservação da memória local e nacional (Piauí, 2021, p. 324);

Além de “Discutir sobre a diversidade e a complexidade de sociedades e culturas em diferentes tempos, destacando a situação dos excluídos e dominados: indígenas, mulheres, camponeses, escravos, miseráveis da cidade e do campo etc.” (Piauí, 2021, p. 331); e “Analisar o processo de ocupação do território piauiense a partir das conexões das rotas de gados” (Piauí, 2021, p. 337).

A relação de todas essas competências, habilidades, objetos do conhecimento e objetivos de aprendizagem, com os temas conexos desta pesquisa ocorreria num recorte regional (a figura do vaqueiro em Alto Longá), numa contextualização com eventuais abordagens históricas relacionadas ao Brasil Colônia e Império (7º e 8º ano do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino Médio) e Brasil República (3º ano do Ensino Médio). Toda a intercessão temática é melhor detalhada no capítulo referente ao Ensino de História e as estruturas curriculares atuais, bem como no próprio recurso pedagógico, que alia o tema às manifestações culturais do referido ofício e é apresentada de forma separada em outro arquivo.

2 POSSIBILIDADES DE ANÁLISE EM TORNO DA FIGURA DO VAQUEIRO

As pretensões deste trabalho de pesquisa, algumas delas mencionadas de forma explícita ou implícita na breve introdução anterior, giram em torno de características que permeiam aspectos intimamente relacionados aos conceitos de: cultura, identidade, tradição, memória e representação. Eles foram trabalhados de forma a ofertar um norte teórico para o entendimento da própria temática central, que tem como foco as representações sobre o vaqueiro a partir das principais manifestações culturais e identitárias da cidade de Alto Longá. Essa reflexão se estende aos demais capítulos, mediante os debates sobre o tema em questão se apresentem e seja possível fazer essa articulação teórica com o objeto analisado.

Para que seja possível uma compreensão acerca do processo de construção das representações culturais ligadas ao ofício do vaqueiro na cidade de Alto Longá, é de suma importância, primariamente, dialogar com questões teóricas e conceituais relacionadas à própria ideia de “cultura”, que se destaca como a mais relevante palavra-chave de toda a nossa pesquisa, pois as demais teriam nela o seu ponto de partida.

Nessa discussão sobre os aspectos basilares de cultura, que é realizada logo na parte inicial desse primeiro capítulo, analisamos as principais ideias dos autores Clifford Geertz e Michel de Certeau (que também se utilizam das teorias de Marx Weber), destacando tanto aquilo que converge quanto as diferenças nas visões de ambos acerca desses aspectos ideais. Depois utilizamos como referências, para tratar das relações entre cultura e tradição, os historiadores Peter Burke e Roger Chartier, além das visões de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, e do já citado Michel de Certeau.

No tópico que aborda as ligações entre identidade e cultura, dialogamos, principalmente, com as ideias de Sandra Pesavento e Stuart Hall, com pequenas, porém relevantes, contribuições de Peter Burke. Na última seção do 1º capítulo, analisamos, ainda, a relação entre a cultura e as noções de representação a partir das contribuições de Sandra Pesavento e Roger Chartier. Quanto ao segundo capítulo debatemos as ideias de Pierre Nora, no tocante à História e Memória. Todo o escopo teórico é sempre articulado ao nosso tema de pesquisa.

2.1 Cultura e tradição: discussão e aproximações possíveis com a realidade da cidade

Em *A interpretação das Culturas*, o antropólogo estadunidense Clifford Geertz aborda a cultura como um processo representativo da própria história humana e de suas construções coletivas. Os seres humanos são vistos como atores capazes de produzir as concepções que se tornam os costumes e os hábitos praticados por eles mesmos no decorrer das décadas e séculos, transmitidos coletivamente.

Sobre essa premissa básica de cultura, Geertz (1989), analisa que a mesma se confundiria com a vivência dos seres humanos em si, pois seriam produtos dos atos que eles realizam, em um processo de produção de significados mediado pela própria cultura, em que as pessoas encontrariam sentidos para suas práticas por meio de normas e padrões conceituais e contextualizados. Então, a cultura, ao se confundir com a própria representação da história humana, seria como uma espécie de acúmulo de significados, construídos, transmitidos e materializados através de comportamentos sociais produzidos (e reproduzidos) pelas sociedades ao longo dos tempos.

Com base nessas ideias iniciais é possível perceber que essa relação estreita entre os homens e a cultura está incorporada nas representações constituídas em torno de significados que, além de manipular as ações humanas, são fruto de padrões igualmente manipulados de alguma forma na sua construção. Esse duplo contexto de manipulação citado é bastante debatido nos parágrafos e tópicos ao longo deste primeiro capítulo, pois são manifestações tão amplamente materializadas no cotidiano, que nos parecem algo naturalmente formado, porém, são frutos de discursos construídos para legitimar alguma ideia ou intenção.

Ainda estabelecendo conexões primárias entre os indivíduos e a cultura, percebemos em Geertz (1989, p. 34) a defesa de que um não existiria sem o outro, pois segundo ele “[...] o homem é um animal incompleto, inacabado” que somente se aperfeiçoaria por meio da cultura. É possível inferir que através da cultura as sociedades produzem significação às ações, normas e comportamentos praticados, de modo a criar formas de “sentido” para as manifestações humanas e sociais. Acerca dessa constatação, o mesmo autor ainda discorre:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície (Geertz, 1989, p. 4).

Fica evidente que o referido autor julga a “ciência cultural” como sendo dotada de uma característica de busca pela interpretação dos seus próprios significados, os quais ele utiliza uma metáfora com o termo “teias” com a intenção de demonstrar que os seres humanos se prendem a essas relações de sentido e de significação que eles próprios constroem, como denota mais uma vez:

Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um nativo faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura). Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são “algo construído”, “algo modelado” (Geertz, 1989, p. 11).

Depreende-se, então, que o antropólogo acima acredita ainda que as interpretações realizadas pelos próprios autores que estudam sobre determinadas culturas seriam criações fictícias e que somente aqueles indivíduos que fizessem parte do convívio cotidiano com tais aspectos culturais de fato poderiam interpretá-los da forma mais fidedigna e “natural” possível.

Partindo dessa ideia anterior para a nossa temática de pesquisa, seria como afirmar que somente os vaqueiros por si mesmos poderiam interpretar as manifestações relacionados à cultura deles próprios de uma maneira mais orgânica e sem interferências externas, pois como o referido trecho cita, estes seriam os “nativos” dessa cultura, e por isso mesmo poderiam realizar essa comentada interpretação em primeira mão.

O autor ainda aborda que, segundo Marx Weber (1989, p. 96), “[...] os acontecimentos não estão apenas lá e acontecem, mas também tem um significado e acontecem por causa desse significado”. Ao tratar dessa interferência dos costumes e do meio nas ações e percepções humanas, Geertz aponta para uma análise de declínio daquilo que seria natural e universal nos indivíduos, passando a serem dotados muito mais de características convencionais e de transformação pelo socialmente enraizado.

Portanto, de acordo com Weber, haveria uma prevalência dos valores, símbolos e significados sociais sobre todas as práticas humanas que, inclusive, seriam moldadas por aqueles. Em outros termos, as construções socioculturais que, a princípio, julgávamos que surgiriam quase como algo mecânico, se apresentam como possuidoras de um caráter pré-existente de significação e de sentido social.

Continuando o diálogo com este teórico acerca da proximidade dos ideais de cultura com a sistematização do agir em sociedade e dos significados por trás dessas ações, o mesmo demonstra que:

A cultura de uma sociedade, para citar novamente Goodenough, desta vez numa passagem que se tornou o *locus classicus* de todo o movimento, "consiste no que quer que seja que alguém tem que saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros." A partir dessa visão do que cultura, segue-se outra visão, igualmente segura, do que seja descrevê-la — a elaboração de regras sistemáticas (Geertz, 1989, p. 8).

No que tange às práticas sociais e suas significações culturais, a passagem acima é muito simbólica, visto que atrela os comportamentos dos indivíduos ao regramento construído (consciente ou inconsciente) manifestados através de valores, normas e ações “aceitáveis”. Essa tarefa de moldar-se para se encaixar nesses padrões coletivos, tem uma certa relação com as próprias construções de identidades, visto que tais práticas vão se afirmando nos âmbitos grupais ao longo do tempo, até serem vistas como algo quase natural pelos seus membros, isoladamente, e pela sociedade em si.

Acerca disso, devemos refletir sobre o próprio discurso em torno da figura do vaqueiro, analisando se este teria sido construído por esses trabalhadores ligados à pecuária expansiva do território para o interior. Em contrapartida, criado pelo próprio “sistema” de expansão dessas atividades econômicas para tais regiões do Brasil, como forma de buscar uma compreensão sobre os eventuais interesses de “agentes externos” na consolidação de uma identidade que teria, nesse ofício específico, uma significação talvez maior que ele mesmo (no sentido de representar uma atividade econômica e uma população de cunho regional).

Para tal entendimento, é necessário perceber as origens desse ofício: a profissão de vaqueiro teve suas raízes ainda na primeira metade do século XVI, quando as primeiras cabeças de gado chegaram em território brasileiro, conforme percebido no ensaio “Fidalgos e Vaqueiros”, de Eurico Boaventura, que aduz: “[...] foram as boiadas que rasgaram os primeiros caminhos, à procura de pastagens, os mesmos caminhos que entreteceram o contato do sertão com o mar” (1989, p. 44). O vaqueiro então se constituiu etnicamente do contato dos portugueses (brancos) com as populações originárias desde o início da ocupação compulsória do território nordestino e piauiense pelas fazendas de gado.

A miscigenação entre esses dois grandes grupos étnicos deu origem ao “caboclo” que, segundo o Dicionário Aurélio, quer dizer “procedente de branco”, mas que muitos etnólogos defendem que signifique “filho de mãe índia e pai branco”, chegando mais próximo da definição dessa figura mestiça de fato. No mesmo trabalho citado acima, o

autor destaca justamente esses mestiços, que foram os responsáveis pela disseminação da atividade pecuária:

E se abriu o sertão aos olhos dos do litoral. Os mais audazes esqueceram a saudade, trocando-a pela alegria viril de criar um mundo novo. Isto, quando nasceu o mestiço. E abraçaram a terra desconhecida num conúbio de aventura. E veio o Brasil propriamente nascer do seu gesto de coragem, quando saíram a tocar os rebanhos em procura do desconhecido, que os horizontes lhes ocultavam. Só o mestiço, com o tratado de paz que o sexo ditou, pôde desvendar o sertão (Boaventura, 1989, p. 44).

Outra obra bastante relevante nesta seara de conceituação dos ideais trabalhados até aqui é *A cultura no plural*, do historiador e filósofo francês Michel de Certeau, na qual ele sugere um amplo rol sobre tal conceito, baseado em pelo menos seis eixos, que buscam compreender as variadas formas de definição perante essa temática. Dentre eles podemos destacar alguns, que estariam em certa consonância com a pretensão de nossa pesquisa, como se verifica em:

Comportamentos, instituições, ideologias e mitos que compõem quadro e referência e cujo conjunto, coerente ou não, caracteriza uma sociedade como diferente das outras. Um sistema de comunicação, concebido segundo os modelos elaborados pelas teorias da linguagem verbal. Enfatizam-se, sobretudo as regras que organizam entre si os significados (Certeau, 2008, p. 194).

Assim como as ideais do autor inicialmente trabalhado, Certeau também reconhece que a cultura teria como uma das principais bases, a confecção de significados para os comportamentos sociais e para o regramento das ações e valores humanos. Além disso, essas práticas culturais necessitam de uma certa significância para os seus agentes realizadores, conforme é perceptível nesse excerto:

Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aqueles que as realiza. A cultura consiste não em receber, mas em exercer a ação pela qual, cada um, marca aquilo que os outros lhe dão para viver e pensar (Certeau, 2008, p. 141).

Conforme o trecho acima, a cultura não teria um papel passivo frente ao ser humano, mas sim uma força de ação sobre ele. Por isso haveria uma certa reversão da ordem que habitualmente imaginamos existir entre esses dois entes complementares: em vez dos indivíduos dominarem a cultura é esta que domina e move aqueles através do gerenciamento de suas ações e práticas.

A respeito desse aspecto, podemos verificar de que forma as festividades culturais em homenagem aos vaqueiros influenciam, não apenas eles próprios, como a comunidade longaense e circunvizinha de um modo geral a participarem delas, como uma espécie de quadro referencial cultural daquela região, que é compartilhado pelas pessoas. Sobre isso, o próprio Geertz também tratava:

A cultura que é mais bem vista não como complexos de padrões concretos de comportamento-costumes, usos, tradições, feixes de hábitos, com tem sido agora; mas como um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam “programas”) para governar o comportamento (Geertz, 1989, p. 32).

Fazendo uma relação com nossa temática de pesquisa, nessa perspectiva até agora debatida (no que tange à relação entre cultura e a produção de sentidos e significados pelos próprios agentes produtores e para eles também) é necessário verificar e discutir – e isso será feito de forma mais detalhada no próximo capítulo – os significados existentes e o sentido atribuído pelos longaenses tanto às festividades do Dia do Vaqueiro quanto ao próprio espaço do Museu do Vaqueiro, como forma de compreender os pontos de relevância que esses indivíduos reconhecem (ou não) no tocante às variadas manifestações referentes à “cultura do vaqueiro” nesta cidade.

Retornando à busca pelo entendimento, no que se refere à cultura e daquilo que orbita em seu entorno, percebe-se que o próprio termo em si, se mostra bem maior que uma mera formulação de conceito, podendo ser representado como um “campo histórico”, como um conjunto e um contexto de relações que explica os acontecimentos e comportamentos, e que, igualmente, se reconhece enquanto a própria experiência das constituições dos mesmos, conforme nos mostra:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível, descritos com densidade (Geertz, 1989, p. 10).

Nessa linha de pensamento, depreende-se que a cultura seria uma espécie de estrutura maior em torno do qual os comportamentos sociais são guiados. Nesta mesma obra, o autor busca compreender as diferenças culturais existentes entre as sociedades como uma expressão da variedade própria do ser humano, como bem observa: “[...] a

humanidade é tão variada em sua essência como em sua expressão, e um ser humano pode ser um enigma completo para outro” (Geertz, 1989, p. 10).

Ainda sobre essa ideia de pluralidade, Geertz, apesar de reconhecer essa variedade cultural citada anteriormente, teoriza que os conceitos de cultura foram se tornando tão pluralizados, que essa ampliação pode acabar por debilitar suas próprias concepções. Ele defende um conceito de cultura menos amplo e mais específico, o que segundo ele tornaria “[...] um conceito de cultura mais limitado, mais especializado e, imagino, teoricamente mais poderoso” (Geertz, 1989, p. 3). Assim, torna-se imperioso observar as características que aproximam ou que distanciam os dois autores até então destacados, nessa análise presente.

Como vimos, ambos convergem nos ideais de que a cultura seria como uma expressão de normas, comportamentos e manifestações sociais que constroem significados múltiplos para aqueles indivíduos que vivenciam e realizam as mesmas. Porém, ampliando esse debate sobre a multiplicidade dos próprios conceitos de cultura, percebemos algumas diferenças nas reflexões desses autores. Certeau, ao contrário de Geertz, defende a ideia de uma maior pluralidade conceitual, conforme verifica-se nessa passagem:

Eis os caminhos plurais de que lança mão a cultura comum para fugir de seus amos, sonhar com a felicidade, enfrentar a violência, povoar as formas sociais do saber, insinuar-se na escola ou na universidade, dar nova forma ao presente e realizar essas viagens do espírito sem as quais não há liberdade. Com lucidez e precisão, esse ensaio delinea as formas possíveis de uma invenção social, em um gesto político cheio de compaixão para com a multidão anônima (Certeau, 2008, p. 250).

Assim, percebe-se que Certeau define a cultura englobando tanto os fatores comportamentais e de regramento social, quanto visões de interferência política, de ação educacional, de quebra de paradigmas, entre outros. Para ele, toda essa multiplicidade de expressões, propiciariam mudanças frequentes nos padrões culturais de um modo geral, pois seriam reflexos de uma suposta “sociedade do espetáculo”, em que a cultura estaria intrinsicamente relacionada com os diversos ideais de poder, especialmente o poder político e social, que para ele seriam as bases para a afirmação de uma cultura em detrimento da outra.

Quanto ao Geertz, apesar de não atribuir uma visão única ao conceito de cultura, foi mais restritivo na sua formulação, visto que ele considera a mesma somente como uma rede de significados, que governam os comportamentos humanos e organizam os

processos sociais. Para sua conceituação, um pouco diferente daquela feita por Certeau, não haveriam tantos referenciais que pudessem trazer uma face tão múltipla de significados assim, o que teria sido programado, pois, segundo ele, uma postura diversa a transformariam em uma visão debilitada e enfraquecida.

Para além desse diálogo conceitual mais geral sobre o que seria a cultura e suas estruturas basilares mais básicas, há outros aspectos teóricos correlacionados intrinsecamente à mesma, a exemplo da ideia de tradição, de identidade e de representação. Tratando inicialmente da concepção de tradição cultural, encontramos subsídios importantes na obra *O que é História Cultural*, do historiador inglês Peter Burke. No que tange à ligação primária entre esses dois temas – cultura e tradição – o referido autor disserta:

A idéia de cultura implica a idéia de tradição, de certos tipos de conhecimentos e habilidades legados por uma geração para a seguinte. Como múltiplas tradições podem coexistir facilmente na mesma sociedade – laica e religiosa, masculina e feminina, da pena e da espada, e assim por diante – trabalhar com a idéia de tradição libera os historiadores culturais da posição de unidade ou homogeneidade (Burke, 2005, p. 39).

Verifica-se em Burke a defesa de que a própria noção de tradição e de cultura possui uma proximidade relevante com a de multiplicidade (conforme também observado anteriormente, nas ideias defendidas por Michel de Certeau acerca unicamente do segundo conceito). Ademais, fica nítido que uma eventual pretensão de trabalho com uma suposta “homogeneidade cultural”, estaria bem distanciada deste (e talvez da maioria dos estudiosos que trabalham com este ramo do conhecimento).

A respeito disso, próprio Burke (2005, p. 38) interroga: “[...] é possível estudar as culturas como um todo, sem fazer falsas suposições sobre homogeneidade cultural?”. Em outras palavras, há uma defesa imbuída em um questionamento, deixando transparecer a tese de que, assim como o já mencionado título de uma das obras aqui debatidas, a cultura (e por consequência a tradição também) deveria ser mesmo sempre encarada no plural.

Com relação a essa natureza de heterogeneidade e também de multiplicidade, – ambos defendidos claramente ou nas entrelinhas pelos autores anteriormente citados – atribuídos aos conceitos de cultura e de tradição, encontramos agora no historiador Roger Chartier, na sua obra *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*, algumas passagens interessantes no que tange a esse comportamento dos estudos históricos e

culturais, que buscam fugir de um “pré-determinismo” e de um engessamento conceitual e metodológico:

Ao renunciar ao primado tirânico do recorte social para dar conta dos desvios culturais, a História em seus últimos desenvolvimentos mostrou, de vez. (...) que sua distribuição e seus usos numa dada sociedade não a organizam necessariamente segundo divisões prévias, identificadas a partir de diferenças de estado e de fortuna. Donde as novas perspectivas abertas para pensar outros modos de articulação entre as obras ou as práticas e o mundo social, sensíveis ao mesmo tempo à pluralidade de clivagens que atravessam uma sociedade e à diversidade dos empregos de materiais ou de códigos partilhados (Chartier, 1991, p. 177).

Fica evidente que os estudos históricos da segunda metade do século XX, têm reservado um papel de destaque para as novas e diversas formas de interações culturais e para os múltiplos contextos sociais existentes, empenhando-se em observar com mais atenção aos chamados “desvios culturais” em detrimento do foco que anteriormente era direcionado às estruturas tradicionalmente organizadas em torno de certas classes, grupos ou classificações dominantes.

Outro ponto de destaque trazido por Burke acerca dessas características acima mencionadas é:

Uma outra alternativa óbvia para a suposição da homogeneidade cultural é distinguir entre cultura erudita e cultura popular em uma dada sociedade. No entanto, como o conceito de *Zeitgeist* e a idéia de superestrutura, a noção de “cultura popular” tornou-se, ela própria, uma questão em debate – para o qual teóricos como Michel de Certeau e Stuart Hall e historiadores como Roger Chartier e Jacques Revel deram contribuições valiosas. Para começar, é difícil definir o tema. Quem é “o povo”? Todos, ou apenas quem não é da elite? Neste último caso, estaremos empregando uma categoria residual e, como acontece muitas vezes em se tratando de dessas categorias, corremos o risco de supor a homogeneidade dos excluídos. Talvez seja melhor seguir o exemplo de vários historiadores e teóricos recentes e pensar as culturas populares no plural, urbana e rural, masculina e feminina, velha e jovem, e assim por diante (Burke, 2005, p. 40-41).

Percebe-se, nesse excerto, que o autor reafirma a sua posição de defesa da pluralidade, evitando qualquer característica que os tratasse como homogêneos ou algo nesse sentido. Contudo, o mesmo vai além e aborda uma visão a mais acerca dessa problemática: as diferenças entre supostas culturas e tradições eruditas e/ou populares.

Burke realiza uma reflexão a respeito da própria ideia de “cultura popular”, ao questionar se as elites estariam fora dessa noção de “povo”. Esse pensamento é muito

pertinente, pois de fato são conceitos que possuem uma proximidade literal e usual bem nítida. Nesta seara, Burke ainda pontuou que:

Os especialistas várias vezes sugeriram que as muitas interações entre cultura erudita e popular eram uma razão para abandonar de vez os dois adjetivos. O problema é que sem eles é impossível descrever as interações entre o erudito e o popular. Talvez a melhor política seja empregar os dois termos sem tornar muito rígida a oposição binária, colocando tanto o erudito como o popular em uma estrutura mais ampla (Burke, 2005, p. 42).

A saída então seria, ao invés de negligenciar tais conceitos, procurar não promover uma polarização engessada entre eles e tratá-los com uma visão mais aberta e holística. Ao chegarmos nessa discussão, que envolve características fundamentais desse ideal de cultura e tradição popular, encontramos uma passagem interessante, do texto “Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar” onde Durval Muniz de Albuquerque Junior aduz:

A cultura popular, é quase sempre pensada com base no esquema do conflito e resistência, como atividade semiótica de preservação e defesa de um universo cultural ou simbólico próprio, ameaçado de desaparecimento pelas práticas e significações do mundo letrado ou das elites sociais. A cultura popular é, portanto, tomada como uma manifestação política e estética de contestação da hegemonia cultural e social das camadas dominantes da sociedade (Albuquerque Junior, 2011, p. 141).

Verifica-se que o autor avalia a cultura popular como sendo dotada quase que naturalmente de uma ação contestatória e conflituosa, frente aos valores simbólicos impostos pelos grupos que dominam as diversas áreas da sociedade. Tal leitura aponta para uma preocupação em situar esse debate sobre as possíveis “escalas de hierarquização” entre valores e tradições culturais próprios das camadas menos ou mais abastadas econômica e socialmente. Ainda sobre essa discussão, encontramos em Chartier a ideia de que:

Um primeiro distanciamento estabeleceu-se face a uma concepção estreitamente sociográfica que postula que as clivagens culturais estão forçosamente organizadas segundo um recorte social previamente construído. É preciso, creio, recusar esta dependência que refere as diferenças de hábitos culturais a oposições sociais dadas *a priori*, tanto à escala de contrastes macroscópicos - entre as elites e o povo, entre os dominantes e os dominados), quanto à escala das diferenciações menores (por exemplo entre os grupos sociais hierarquizados pelos níveis de fortuna ou atividades profissionais (Chartier, 1991, p. 180).

No trecho acima, Chartier postula uma concepção mais dinâmica e flexível sobre os aspectos ligados à cultura e à tradição, negando estruturas estáticas referentes aos aspectos e às manifestações que lhes são afins e recusando modelos e divisões pré-estabelecidos, quanto aos ideais de elitismo em detrimento do popular, observados por ele sob a ótica da condição financeira, do ofício desempenhado ou do nível de domínio intelectual. Para ele, na contemporaneidade, as ações e relações sociais seriam dotadas de uma maior relativização de trocas e mudanças e de uma complexa e articulada rede de construções culturais, que tendem a modificar os comportamentos humanos de tempos em tempos.

Partindo dessa análise acima, e levando para o contexto temático do objeto deste trabalho, cabe analisar se as tradições culturais que circundam a figura do vaqueiro, na cidade de Alto Longá (PI), são ou não “múltiplas” e “heterogêneas”. Poderíamos, dentro desse recorte de classe ou ofício, nos questionar se existem variadas formas de expressão ou significação nas práticas verificadas, se essas manifestações pertenceriam (no todo ou em parte) a essa categoria de “tradições populares”, bem como se as mesmas demonstram essa qualidade de contestação frente àquelas que representam os grupos sociais historicamente dominantes, na referida sociedade analisada.

Retornando ao debate sobre a relação entre cultura e tradição, vale ressaltar ainda que, para além desse viés de classificações e de concepções entre tradições eruditas e populares, percebe-se algumas transformações recentes nas próprias condições de acesso das classes sociais diversas à produção cultural em sentido amplo, como ainda afirma Michel de Certeau:

A relação da cultura com a sociedade modificou-se: a cultura não está mais reservada a um grupo social; ela não mais constitui uma propriedade particular de certas especialidades profissionais (docentes, profissionais liberais), ela não é mais estável e definida por um código aceito por todos (Certeau, 2008, p. 104).

Presume-se então que: de um lado a relação de proximidade com os bens ditos “culturais” vem se tornando mais democrática no sentido de ser possível o acesso mínimo de grupos que durante muito tempo ficavam totalmente à margem. Por outro lado, denota mais uma vez o caráter mutável e contestatório das diversas relações que permeiam os estudos culturais, notadamente nos últimos tempos, onde tem prevalecido os ideais de transformação no *status quo* anteriormente dominante.

Evidencia-se ainda, analisando as ideias de Burke, que até mesmo os conceitos referentes à tradição em si têm passado por algumas reformas, ressignificações e, o mais importante, modificações nos modos de ver, de tratar, de transmitir, de interpretar esses aspectos culturais que lhes são próprios, pois:

A ideia de tradição parece quase auto evidente, mas essa noção tradicional de tradição, como podemos chamá-la, é problemática. Os dois problemas principais podem ser descritos como paradoxos gêmeos da tradição. Em primeiro lugar, uma aparente inovação pode mascarar a persistência da tradição. Inversamente, os signos externos da tradição podem mascarar a inovação. Em outras palavras, o legado muda – na verdade deve mudar – no decorrer de sua transmissão para uma nova geração (Burke, 2005, p. 39-40).

É justamente nesta visão de oposição ferrenha entre ideais de tradição e de inovação que muitas vezes surgem as dificuldades de compreender que ambos podem e/ou devem coexistir. A Nova História Cultural tem sido determinante para essa virada de chave, seja no campo teórico ou prático, como tem sido visto até agora nestes debates.

Para ampliar essa reflexão conceitual acerca da noção de tradição, devemos também utilizar a obra *A Invenção das Tradições*, onde na sua introdução, os autores Eric Hobsbawm e Terence Ranger trazem uma definição de “tradição inventada” como um conjunto de práticas simbólicas e ritualísticas que almejam alcançar uma ideia de continuidade através, principalmente, da repetição e da imposição de valores, práticas, comportamentos etc.

Nesse trabalho fica evidente uma análise crítica dos conceitos de costume e de tradição, bem como da ligação e também das diferenças entre ambos. As tradições são descritas como manifestações maiores, mais fixas e repetitivas; os costumes como dotados de maior dinamismo e inovação. Assim, até mesmo as transformações que ocorreriam nos costumes seriam parte de um processo de construção coletiva que no fundo é regulado pelos interesses das próprias tradições, que seriam os de uma certa manutenção das estruturas fundantes.

Na tentativa de melhor entendimento sobre essas interrelações e ao mesmo tempo contraposições entre os dois conceitos, podemos utilizar esse trecho do referido trabalho:

A diferença entre “tradição” e “costume” fica bem clara. “Costume” é o que fazem os juizes; “tradição” (no caso, tradição inventada) é a peruca, a toga e outros acessórios e rituais formais que cercam a substância, que é a ação do magistrado. A decadência do “costume” inevitavelmente modifica a “tradição” à qual ele geralmente está associado (Hobsbawm; Ranger, 1997, p. 10).

Percebe-se que esse é um processo complexo, no qual os comportamentos e práticas em si sofrem ressignificações em sua simbologia e ritualística, mas que isso também contribuiria para a finalidade de continuidade das tradições como um todo. Segundo os autores, repousaria justamente nessa dicotomia no que tange às tradições e costumes, o seu maior meio de atração de interesses pela temática, como se percebe na passagem:

[...] é o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social, que torna a invenção da tradição um assunto tão interessante para os estudiosos da vida contemporânea (Hobsbawm; Ranger, 1997, p. 11).

Analisando essas ideias acima e tentando traçar um paralelo com as questões que perpassam nossa temática de trabalho, podemos imaginar, ainda que de forma superficial, que algumas das manifestações diversas que envolvem a figura e o ofício do vaqueiro estariam mais ligadas ao ideal de tradição, enquanto outras ao de costume (tanto aquelas presentes na Festa do Vaqueiro, quanto no Museu do Vaqueiro).

Esse aspecto é debatido de outras formas no segundo capítulo (que trata das características mais específicas do objeto principal de análise dessa pesquisa) e no terceiro também (que abordará o Ensino de História propriamente dito). Contudo, já é possível perceber que – a título de exemplo – representações como a indumentária de couro, o estilo musical do aboio, a utilização do cavalo, entre outros estariam mais relacionadas ao ideal de continuidade, própria das tradições. Ao passo que grande parte das atividades praticadas pelos vaqueiros (ainda que se utilizem da permanência dos itens citados), são constantemente modificadas, atualizadas, ressignificadas, conforme veremos adiante.

Continuando nossos diálogos teóricos e conceituais, trataremos agora das noções relacionadas com a construção e manutenção das identidades e suas relações com a cultura. Para tal lançaremos mão da utilização de novas perspectivas que vêm avançando em quase todas as áreas do conhecimento, visto que, além dessa importante correlação com a tradição, os estudos culturais também estão estreitamente interligados ao ideal de identidade, como passaremos a tratar a partir de agora.

2.2 Identidades e representações: sentidos plurais e mutantes

Segundo Peter Burke (2005, p. 116), “[...] a preocupação com a construção da identidade é uma característica importante da Nova História Cultural, o que não é de surpreender, numa época em que a ‘política de identidade’ se tornou questão de grande relevância em muitos países”. Ele defende então que, nos estudos contemporâneos que envolvem as relações socioculturais, a valorização da noção identitária tornou-se uma busca das próprias sociedades organizadas como forma de atrelar a mesma às construções de significados culturais e de pertenças sociais de determinados recortes ou grupos.

Essa visão está em consonância com a da historiadora brasileira Sandra Pesavento, que em sua obra *História e História Cultural* discute temáticas ligadas aos conceitos de “imaginário”, de representação e de sensibilidades e assim aborda algumas dessas relações:

Enquanto representação social, a identidade é uma construção de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença. A identidade é relacional, pois ela se constitui a partir de uma identificação de alteridade. Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro (Pesavento, 2008, p. 90).

Fica evidente que a autora trata a noção de identidade a partir de duas óticas distintas (porém complementares). A primeira como uma forte construção social que leva os indivíduos, de maneira consciente ou não, a se sentirem representados pelas manifestações coletivas praticadas e, a partir delas, criem um ideal de pertencimento a determinado grupo.

Com relação à segunda, ela admite que, como uma consequência da primeira, essa identidade construída também seria capaz de delimitar as divergências existentes naqueles indivíduos ou agrupamentos exteriores à mesma. Ao buscarmos compreender os eventuais motivos que poderiam levar as pessoas a se identificarem com determinada prática ou manifestação coletiva, permanecemos nas ideias de Sandra Pesavento, em que ela afirma:

Assumir uma identidade implica encontrar gratificação com esse endosso. A identidade deve apresentar um capital simbólico de valoração positiva, deve atrair a adesão, ir ao encontro das necessidades mais intrínsecas do ser humano de adaptar-se e ser reconhecido socialmente. Mais do que isso, a identidade responde, também, a uma necessidade de acreditar em algo positivo e a de que possa se considerar como pertencente (Pesavento, 2008, p. 91-92).

É perceptível que a autora, ao fazer uma reflexão acerca da relação entre os indivíduos e a questão identitária, defende que as noções e ideais de pertencimento, reconhecidas pelas pessoas que formam um determinado agrupamento social, são produtos da percepção das mesmas sobre a importância de fazer parte delas. Em outros termos, não seria uma mera aproximação casual, pois por mais que isso possa ser perfeitamente possível, os seres humanos buscariam certas “compensações” pessoais para tal, sejam elas de cunho interior ou exterior ao próprio indivíduo.

O sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall, a partir de sua destacada obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, realiza reflexões sobre este período histórico recente e sobre a prevalência de correntes historiográficas e culturais a partir dele. De início, ao tentar compreender suas concepções básicas, o autor assevera que:

[...] a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (Hall, 2006, p.11).

Fica evidente que, assim como a própria noção de cultura – já debatida anteriormente – a de identidade também se apresenta a partir do encontro dos indivíduos propriamente ditos e o meio social ao qual constroem e ao mesmo tempo estão inseridos, pois:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”, entre o mundo pessoal e o mundo público. De que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura (Hall, 2006, p. 12).

Essa parte final da citação acima é emblemática, pois o autor se utiliza, de forma bem didática, de um tipo de comparação implícita, sugerindo que há um processo de “sutura” entre o ser individual e o ser social, numa troca mútua de alinhamentos, posturas e comportamentos entre eles. Outra intenção possível desse uso do termo “suturar” poderia ser no sentido de contenção e de união: a primeira ao conter certas diferenças que por ventura existam entre os indivíduos e o meio social; e a segunda como forma de transformá-los numa estrutura só, aumentando assim sua ideia de homogeneidade.

Vale pontuar, antes de continuar nesta discussão maior que um dos pontos convergentes da nossa pesquisa com esta última citação poderia estar consubstanciado na reflexão deste aspecto de sutura entre a população da cidade ora estudada, tanto com as festividades em homenagem ao Dia do Vaqueiro quanto com as manifestações e práticas relacionadas ao Museu do Vaqueiro como forma de tentar perceber se em ambos os casos de fato ocorre esse processo de “costura”.

Outra característica muito presente na obra é usar esse termo no plural (identidades), pois a reflexão que caminha por quase todo o texto é a da descentralização das mesmas, num processo complexo e contínuo, especialmente a partir das sociedades modernas, como bem se observa em:

O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall, 2006, p. 12-13).

Por meio dessas constatações, há um reforço para tornar-se perceptível que o que antes era visto como permanente sofreu um colapso, entrando, como o próprio Hall afirma, em “deslocamento”, pois como presente no título desse livro analisado: a pós-modernidade “transformou” os sujeitos, trazendo como consequência um processo de pluralização de identidades. No bojo dessa característica, Hall reconhece que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (Hall, 2006, p. 13).

De acordo com esse autor, o processo de reconhecimento dessas identidades culturais múltiplas e plurais estaria sofrendo uma grande interferência do amplo fenômeno da globalização e de suas consequências em variados campos, o que o levou a afirmar que estaríamos diante de um “jogo de identidades”, ao passo que as mesmas se

apresentam cada vez menos fixas e homogêneas e mais contraditórias e em confronto. Verifica-se esse pensamento também em Hall:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais (Hall, 2006, p. 13).

Então, essas transformações vivenciadas pelas estruturas e instituições sociais refletiriam na própria forma de identificação que as pessoas constroem, culminando com aquilo que Hall chama de “deslocamento” das identidades culturais. Em outras palavras, algo como uma quebra dos antigos paradigmas vigentes acerca de um ideal de unidade e do surgimento de novas características nas sociedades modernas e pós-modernas, como se percebe neste trecho:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2006, p. 07).

Essa citada “crise de identidade”, poderia ser lida como intencional por parte do autor, para enfatizar aquilo que segundo ele estaria ocorrendo durante o período do amplo processo de globalização, pois a partir das transformações vigentes desde então, em quase todos os setores sociais, haveria uma espécie de tensão entre os aspectos globais, nacionais e locais naquilo que se refere às próprias identidades, bem como na forma como as mesmas podem interagir desse momento em diante.

De acordo com Hall, esse processo de mudanças poderia trazer algumas consequências, como: a desintegração das identidades nacionais, movidas por uma suposta “homogeneidade cultural do pós-moderno global”; o reforço das identidades nacionais e locais, como uma aversão à própria globalização em si; ou ainda a eclosão de novas identidades, através de uma intercessão entre os aspectos identitários advindos de todos estes níveis espaciais e territoriais comentados.

De todo modo, para além dessas supostas possibilidades, este teórico aponta para um aspecto importante e de mais fácil verificação: que as transformações trazidas pela

globalização cultural possibilitaram que viessem à tona “novas identificações” também em outros campos, como políticos, sociais, educacionais, profissionais, etc., com menos engessamento e mais maleabilidade em diversos sentidos. Hall assevera sobre tal viés:

Este “local” não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. E mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais” (Hall, 2006, p. 78).

Na perspectiva da temática trabalhada, tanto esse caráter plural das identidades quanto essas novas identificações locais podem estar presentes, seja nas possíveis transformações ocorridas nas tradicionais festividades em homenagens aos vaqueiros ou mesmo na relação afetiva da população para com o museu que leva o nome e as possíveis representações daqueles.

Sobre a ideia primária de representação, Peter Burke afirma que esta seria uma construção da realidade e não o seu reflexo, indicando uma posição ativa no tocante à confecção do seu próprio sentido. Nessa mesma linha de defesa, a autora Sandra Pesavento, ao tratar sobre as representações, escreveu que estas são:

Construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coerciva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (Pesavento, 2008, p. 39).

Percebe-se com este pensamento que, muito mais que uma construção da realidade, a identidade se mostra como a própria explicação para a percepção e entendimento da mesma, por parte dos indivíduos, através de uma espécie de “lógica”, criada ao redor das representações diversas que trariam ideias de pertencimento para as esferas particulares e coletivas das pessoas envolvidas com alguma manifestação identitária.

Ainda nesse diapasão, a mesma autora trabalha com outra noção importante: a ligação estabelecida entre os ideais de representação e de imaginário. Sobre isso, Pesavento (2008, p. 43) entende como “[...] imaginário um sistema de ideias e imagens de representações coletivas que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”. Percebe-se novamente a correlação existente entre esses

conceitos estudados (identidade, representação, imaginário) e a construção de sentido pelos seres humanos e para eles.

Voltando para as bases conceituais sobre a temática inicial deste tópico, encontramos uma leitura mais específica e que muito contribui para este entendimento, o texto *O mundo como representação*, de Roger Chartier. Nesse trabalho, o autor considera que uma representação coletiva é um produto das disputas existentes entre as relações de poder na sociedade, que se apresentam em três modalidades, conforme fica evidente em:

[...] de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe (Chartier, 1991, p. 183).

Tratando dessas “instâncias representacionais” e de como elas seriam dotadas de uma força enorme sobre a própria sociedade e seus grupos, classes ou comunidades, esse estudioso utiliza o pensamento de Marcel Mauss (1991, p. 183) para quem “[...] mesmo as representações coletivas mais elevadas só têm existência, só são verdadeiramente tais, na medida em que comandam atos”. Tal característica será analisada mais a fundo no capítulo referente ao vaqueiro e suas manifestações culturais, como forma de perceber se essas representações ligadas às festividades e ao espaço do museu possuem essa força de atração junto aos vaqueiros e à população geral.

Assim, este último autor defende que a própria ideia de representação possui uma relação estreita com as ações e práticas que se enraízam no cotidiano sociocultural e nas identidades de uma comunidade, como se observa em:

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade (Chartier, 1991, p. 183).

Quando o autor utiliza o termo “lutas de representação” ele talvez queira metaforizar as diversas disputas socioculturais existentes numa determinada comunidade

ou grupo, para que seja construída – nela mesma – uma noção de simbolismo e de identidade cultural. Essas lutas seriam de fato as relações que se mostram, segundo ele, quase sempre tensas e de confronto, pois elas dariam origem às representações:

Daí as tentativas para decifrar de outro modo as sociedades, penetrando na meada das relações e das tensões que as constituem, a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles (Chartier, 1991, p. 176-177).

Novamente nos confrontamos com a ideia de “dar sentido ao mundo”, agora na perspectiva que as representações (ou “apropriações”) propiciam aos seres humanos e aos agrupamentos dos quais eles participam, conforme Chartier coloca:

a apropriação visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem. assim, voltar a atenção para as condições e os processos que sustentam as operações de produção do sentido (Chartier, 1991, p. 180).

Sobre isso, Chartier continua defendendo que:

A operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) como um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as comunidades e que as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes) (Chartier, 1991, p.178).

Chartier também defende que existem duas vertentes no processo de produção das identidades sociais, sendo a primeira uma espécie de união de esforços feitos pelas representações que se impõem de forma coercitiva juntamente com o nível de absorção ou de repulsa da própria sociedade ou grupo envolvido. Quanto à segunda – que parte do princípio da própria organização desses agrupamentos – enxerga que os mesmos possuem capacidade de união e de reconhecimento da sua própria existência e, a partir disso, da representação que essas entidades coletivas veem em si mesmas.

Então, a partir desses diálogos conceituais, entende-se que uma das consequências desse complexo processo de construção das representações culturais, seria a própria percepção destas pelos agentes construtores (e ao mesmo tempo absorvedores) das mesmas, naquilo que a autora Sandra Pesavento chamou de “sensibilidades”, que segundo ela seriam:

As formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos. Nessa medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida (Pesavento, 2005, p. 57).

À luz do nosso objeto de pesquisa, essas sensibilidades estariam presentes na percepção dos vaqueiros para com as variadas manifestações culturais construídas e vivenciadas por eles próprios, na cidade de Alto Longá; e partir dessa consciência a respeito das mesmas, de que forma elas tem influenciado no cotidiano, não apenas dos representantes deste ofício, quanto da comunidade longaense de um modo geral, ao passo que essas representações possuem grande ligação identitária com o referido município, há muito tempo.

Analisando tais teorias, leva-nos a fixar também o olhar para os pontos de partida que os grupos sociais tem privilegiado ao longo do tempo, no que abarca as compreensões e concepções histórico-culturais, e pensar em uma ampliação de caminhos e numa pluralidade de abordagens, como se verifica em:

Partir assim dos objetos, das formas, dos códigos, e não dos grupos, leva a considerar que a história sociocultural repousou demasiadamente sobre uma concepção mutilada do social. Ao privilegiar apenas a classificação sócio profissional, esqueceu-se de que outros princípios de diferenciação, igualmente sociais, podiam dar conta, com maior pertinência, dos desvios culturais. Assim sendo, as pertenças sexuais ou geracionais, as adesões religiosas, as tradições educativas, as solidariedades territoriais, os hábitos de ofício (Chartier, 1991, p. 180).

Para Chartier, ao buscar entender as sociedades, partindo das suas representações culturais e não somente delas mesmas propriamente ditas, a História deslocaria sua atenção para os citados desvios culturais, que se manifestariam na existência de representações heterogêneas, diferenciadas e imperfeitas, nas próprias simbologias construídas de maneiras cada vez mais singulares. Como parte dessa visão de mundo, Geertz sustenta a noção de que:

Mas não há nada tão coerente como a ilusão de um paranoico ou a estória de um trapaceiro. A força de nossas interpretações não pode repousar, como acontece hoje em dia com tanta frequência, na rigidez com que elas se mantêm ou na segurança com que são argumentadas. Creio que nada contribuiu mais para desacreditar a análise cultural do que a construção de representações impecáveis de ordem formal, em cuja existência verdadeira praticamente ninguém pode acreditar (Geertz, 1989, p. 13).

Infere-se com esta leitura, que as representações diversas que vão sendo construídas no seio social (e que também são como “espelhos” dele) não se apresentam como dotadas de visões fixas e muito menos perpétuas, pois a própria manutenção da essência das práticas culturais carece dessa condição de maleabilidade e de inconstância, fruto das mudanças nas interpretações que os indivíduos fazem a respeito daquilo que os rodeia, com o passar dos tempos e de acordo com seus contextos específicos.

Ademais, sobre aquilo que se relaciona com os ideais de pertencimento e de sensibilidade, faz-se necessário dialogar com as representações que a figura do vaqueiro possui atualmente na sociedade longaense, tanto nas relações existentes nas festividades quanto nos espaços dedicados à memória dessa figura, verificando adesões, absorções, indiferenças da comunidade local para com tais manifestações.

3 AS MANIFESTAÇÕES DO (E SOBRE O) VAQUEIRO EM ALTO LONGÁ (PI)

Desde o momento em que decidimos trabalhar com a figura do “vaqueiro” como temática central, nos confrontamos com uma questão muito relevante na historiografia contemporânea: que seria a de dar visibilidade àqueles que por muito tempo ficaram em segundo plano, ou seja, de trazer para o debate cultural as memórias das “minorias”. Sobre esse viés, Le Goff trata de forma categórica:

O interesse da memória coletiva já não se cristaliza exclusivamente sobre os grandes homens, os acontecimentos, a história que avança depressa, a história política, diplomática, militar. Interessa-se por todos os homens, suscita uma nova hierarquia mais ou menos implícita dos documentos; por exemplo, coloca em primeiro plano, para a história moderna, o registro paroquial que conserva para a memória todos os homens (Le Goff, 1996, p. 6).

Percebe-se, neste trecho acima, que os estudos mais recentes sobre a memória coletiva, buscam dar protagonismo aos atores que, historicamente, sempre foram resguardados ao papel de coadjuvantes. Se pensarmos no vaqueiro que, apesar de receber algumas menções em trabalhos acadêmicos ou no próprio currículo escolar, carece de uma maior atenção, dada a sua relevância para o processo de ocupação territorial e atividade econômica da região nordeste, do Piauí e, mais especificamente, da cidade de Alto Longá.

Além desse reconhecimento enquanto um ofício que teve grande destaque no cenário regional ao longo dos últimos séculos (e isso é facilmente percebido no próprio cotidiano da cidade), cabe também analisar de que forma ocorreram as escolhas para que estes indivíduos e suas práticas culturais, se dessem em torno da figura do vaqueiro.

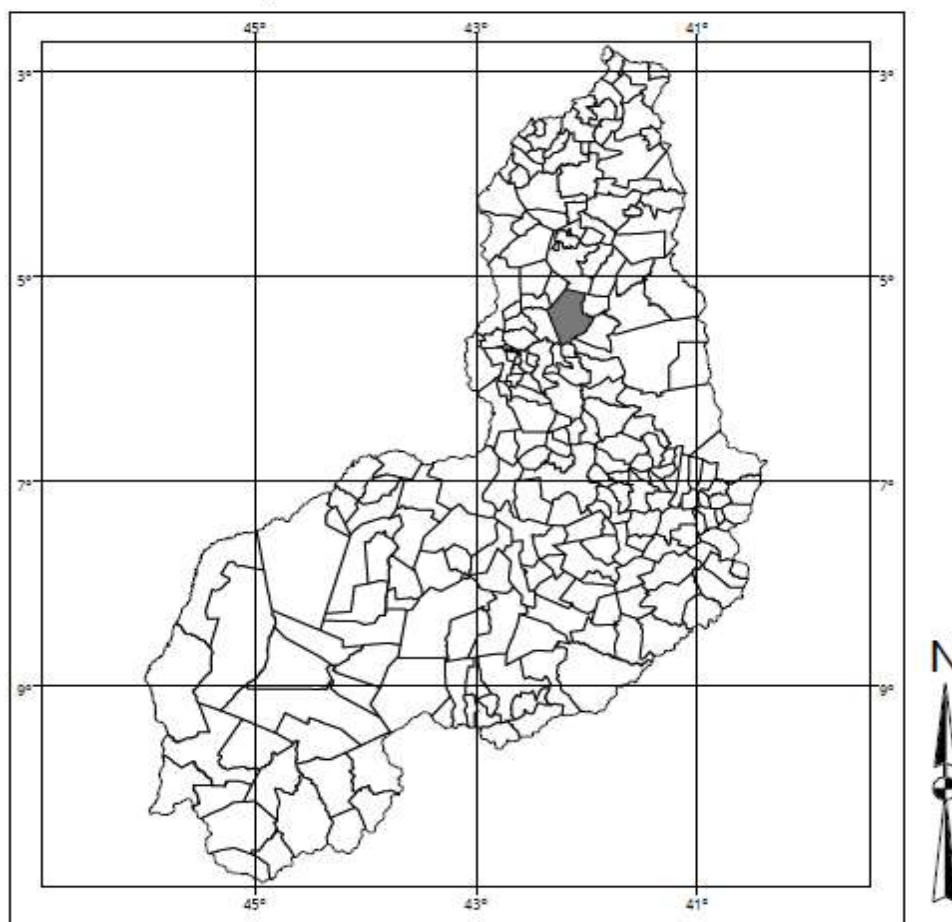
No âmbito local da cidade de Alto Longá, faz-se necessário essa reflexão acerca da noção de representação que a população atribui ao próprio museu e às festas em homenagem aos vaqueiros. Para tanto, devemos primeiro entender como ocorreram os processos de formação do município e do ideário ligado às práticas culturais que compõem essa profissão, tanto no aspecto geral, como particular deste território.

3.1 A formação da cidade e a participação do vaqueiro

Para efeitos iniciais de localização geográfica, de acordo com o IBGE (2022), o município de Alto Longá está situado na Mesorregião Centro-Norte Piauiense, na

Microrregião de Campo Maior, na Região de Influência de Teresina e no Território de Desenvolvimento Entre Rios, possuindo uma população de 13.479 pessoas, distribuídas em uma área territorial de 1.743,331 km² (sendo urbanizada apenas 3,18 km²). O mapa abaixo mostra essa localização espacial:

Figura 1: Mapa da localização geográfica de Alto Longá.



Fonte: IBGE, 2020.

No que tange aos primórdios da ocupação desse território, consta que no final do século XVII e início do século XVIII, já havia iniciado em terras piauienses a expansão da criação de gado, através de várias fazendas e, por conseguinte, a paulatina dominação dessa região, que até então era habitada por variadas tribos de povos originários (denominados genericamente pelos invasores de “índios”). Essas populações tradicionais, de um modo geral, tentaram resistir ao avanço do projeto de colonização, representado pelos fazendeiros, o que gerou um gradual extermínio desses habitantes nativos.

O território que abrange o atual município de Alto Longá, e suas áreas circunvizinhas, também faziam parte dessa complexa empreitada de ocupação pela

atividade pecuária, pois como demonstra o autor Barbosa Lima Sobrinho, na sua obra *O devassamento do Piauí*:

Em 1688, o Piauí continuava a ser um sertão difícil, dominado por tribos de índios combativos. Já possuímos preciosos documentos, a respeito dessa fase da vida do Piauí. As fazendas de gado dominavam boa parte do território, entre o rio Gurgueia e os afluentes do Longá. Entre o Gurgueia e o Parnaíba, não havia núcleos de povoamento, assim como ao longo do rio Parnaíba, que o gentio dominava, com exceção de um pequeno trecho, entre a foz do Gurgueia e a do Canindé. A zona litorânea continuava, também, sob a ocupação dos longazes (Sobrinho, 1946, p. 101).

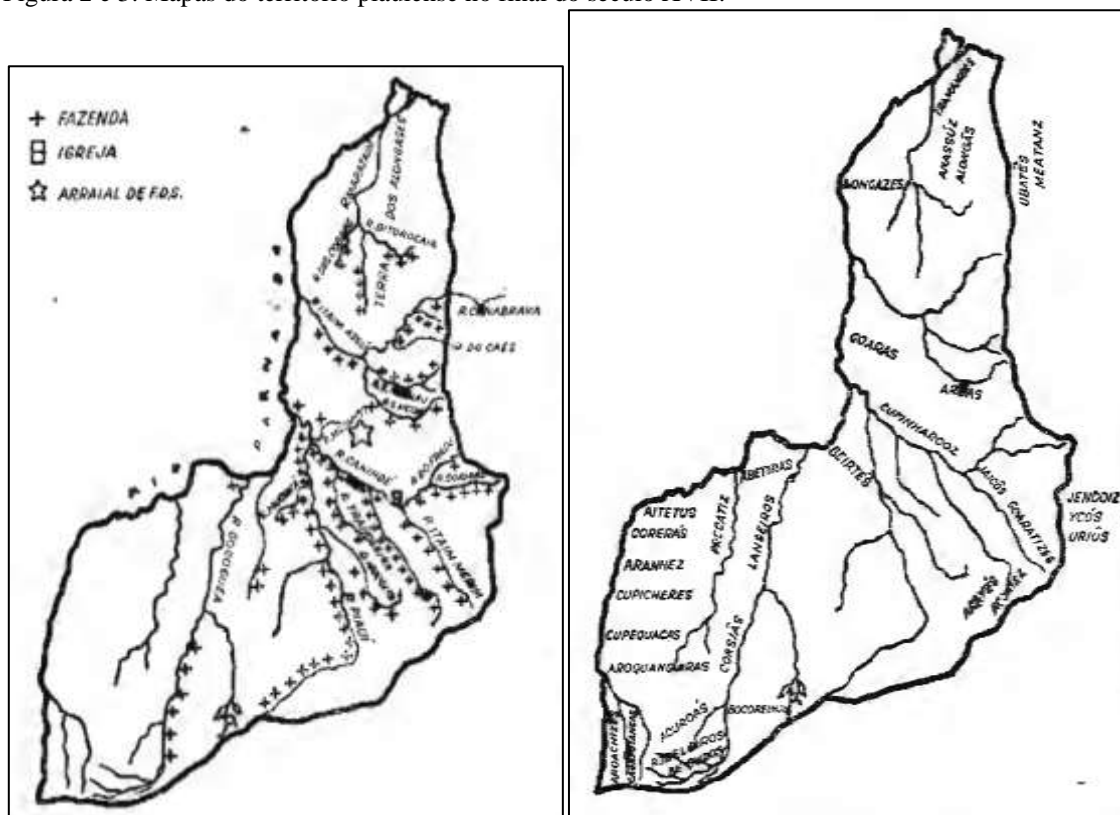
Conforme a passagem acima, o território ao redor do Rio Longá, que tem suas nascentes no atual município de Alto Longá, foi um dos primeiros em solo piauiense a receber um número considerável de núcleos de ocupação colonial, através da atividade pastoril, juntamente com a parte mais ao sul, nas imediações do citado Rio Gurgueia. Para a implantação dessas fazendas de gado era necessário travar disputas com os habitantes nativos dessas terras. Na região comentada, as principais tribos originárias eram os tremembés e principalmente os longazes (ou alongazes), como percebe-se na raríssima obra *As Guerras nos Palmares*, de Ernesto Ennes:

A terra dos Alongazes está por detraz destes riachos, correndo p^a a Serra da Guapaba p^a a qual fugirão os Tapuyas, chamados também de Alongaz que nella moravão, e de prez.te a tem os brancos povoada com algũas fazendas de gados, cituadas à beira de Riachoz que tem suas vertentes p^a o Norte. Muitos Maiz citios se tem descuberto nesta terra dos Alongazes p^a se lhez Meterem gados o que brevemente se fará porque andão os moradores a Competencia qual tomará primeiro posse delles, e de prez.te levarão alguz gados os P.ez da comp^a que vivem na Serra da Guapava, dizem que com tenção de povoarem estas terras na volta que fizerão da missão que vierão fazer nesta pavação em o mez de Janr.º proximo passado, povoandoce em tanta quantid.e como dizem augmentará m.to esta nova freguezia (Ennes, 1938, p. 380-381).

Os riachos os quais a passagem indica seriam os rios Poti e Longá e a referida serra era a da Ibiapaba, que divide os estados do Piauí e Ceará, área geográfica onde predominavam as referidas populações de tremembés e alongazes. Ambas se destacaram, historicamente, pela extrema resistência à dominação dos bandeirantes e demais invasores, sendo desde cedo um entrave para as pretensões dos mesmos.

Nos mapas abaixo, o primeiro ilustra a localização aproximada das fazendas existentes e o segundo das tribos originárias no território piauiense em fins do século XVII, segundo a descrição do Padre Miguel do Couto, constante na já referida obra *O devassamento do Piauí*:

Figura 2 e 3: Mapas do território piauiense no final do século XVII.



Fonte: Sobrinho, 1946, p. 193-194.

Percebe-se, em ambos, que toda a região que circunda Alto Longá era habitada pelos povos Longazes ou Alongazes, de modo que foi chamada no mapa de “Terra dos Alongazes”; e que desde o século XVII haviam de fato algumas fazendas nas proximidades dos rios Longá e Poti (chamado ainda de Itaim-Açu). Esse fator pode explicar a formação de alojamentos “militares” construídos pelos exploradores para combater essas povoações, conforme demonstra ainda Sobrinho (1946, p. 109): “[...] os paulistas mantinham ao Norte, defronte da terra dos Alongazes, um arraial com muitos tapuias cristãos e do qual era capitão-mor Francisco Dias de Siqueira”. O cadastro dos moradores do Piauí, realizado em 1697, pelo Padre Miguel Carvalho, constante no livro *A capitania do Piauí*, de Carlos Studart Filho, revela ainda que:

“De todas essas terras, esclarece o Padre, são senhores; Domingos Afonso Sertão e Leonor Pereira Marinho, que as partem de meias; tem nelas algumas fazendas de gado seus, as mais arrendam a quem lhes quer meter gados pagando-lhe 10 réis de foro por sítio, e desta sorte então introduzidos donatários das terras, sendo só sesmarias que as povoaram com gados seus. Entrementes, os paulistas de Francisco Dias de Siqueira, continuavam em seu

arraial das terras dos Longazes, cercados de muitos tapuias cristãos, mas em condições bastante precárias. Viam-se impossibilitados de extinguir o gentio de corso que infestava a capitania, conforme haviam prometido em contrato firmado com o governo, por se terem agregado muitos dos seus às guerras e tropas que andam na conquista dos Palmares, como se vê da C. R. de janeiro de 1697 ao governador e capitão-general do Estado do Maranhão” (Filho, 1958, p. 127-128).

Nesse trecho fica claro que houve diversas formas de extermínio dos povos originários dessa grande região (notadamente os longazes), que englobava a futura Vila dos Humildes (depois cidade de Alto Longá), além de outras como Campo Maior e Marvão (atual Castelo do Piauí). Um dos reflexos disso é a rara presença dessas populações de forma organizada nessa parte do território piauiense.

Em terras longaenses, pouco se sabe sequer sobre a existência – no passado – dessas populações nativas, visto que o genocídio praticado ao longo de séculos em toda a região, causou o desaparecimento de praticamente toda a memória cultural desses indivíduos, o que gerou, na grande maioria da população, um total desconhecimento de tudo que está relacionado aos povos originários da tribo dos Longazes (que deu nome ao principal rio e à própria cidade).

Inferese ainda que as atividades de criação de gado eram uma das maiores finalidades dessa expansão colonial, visto que os encarregados de realizar a concessão das sesmarias, além do critério de pagamento de valores, também empunhavam a obrigação de introduzir fazendas nessas áreas concedidas, por parte dos arrendatários (ou donatários), que aos poucos ficaram conhecidos como fazendeiros.

Ainda no início do século XVIII, as terras, que depois viriam a se tornar a Vila dos Humildes, possuíam empreendimentos pastoris que mantinham contato com as autoridades políticas e religiosas da então Vila da Mocha (a primeira vila do Piauí e, posteriormente, primeira cidade e capital, Oeiras). Sobre essa relação inicial, o livro *Alto Longá, meu notável paraíso*, de Valmira Cabral, cita:

Há registros de sacerdote no território do município, já em 1705, fazendo ali ponto de desobriga na fazenda São Bartolomeu, o então vigário da Vila da Mocha, padre Tomé de Carvalho. Em 1757, entre as paróquias piauienses estava a de Santo Antônio do Surubim (Campo Maior). Sua matriz e 3 capelas agrupadas: Nossa Sra. dos Humildes (Alto Longá), do Livramento (atual José de Freitas) e da Conceição (atual Barras) (Cabral, 2010, p. 5).

Verifica-se que antes mesmo do começo da edificação do primeiro templo católico em território longaense, eram praticadas cerimônias que visavam introduzir ou expandir

as doutrinas cristãs pelas áreas recém conquistadas. Como visto acima, as próprias fazendas de gado eram os locais de iniciação dessas práticas, o que aproximou, desde então, as manifestações religiosas e os sujeitos que participavam desse projeto de conquista e ocupação.

Lembramos que no projeto de colonização dessas terras, tendo como carro-chefe a pecuária bovina, havia não só o objetivo de aumentar o controle político-administrativo, como também o domínio religioso e cultural. Sendo assim, sempre que esses donatários conseguiam as concessões de espaços para a exploração das referidas atividades agropecuárias, ao mesmo tempo inseriam as práticas das doutrinas da igreja cristã nesses locais. Em Alto Longá essa regra não foi descumprida:

A História de Alto Longá data do início do século XVIII quando o Capitão Benedito José de Souza Brito ali fixou residência e situou uma fazenda de gado, a pequena distância do rio Gameleira, junto a um olho d'água que, durante muito tempo, abasteceu a população local. Foi construída uma capela consagrada a Nossa Senhora dos Humildes, tendo o fundador doado, além do patrimônio territorial, muitas cabeças de gado (IBGE, 2023).

De acordo com essas informações oficiais do IBGE, o primeiro núcleo de povoamento colonial de Alto Longá se deu a partir dessa referida fazenda, próxima de onde foi edificada a primeira capela, visto que as terras e os recursos financeiros para ambas as construções pioneiras vieram desse mesmo fazendeiro. A partir de então foram surgindo as manifestações religiosas e culturais relacionadas à atividade econômica predominante (a pecuária), tendo sido escolhido para essa simbologia a figura mais relevante para o funcionamento das fazendas e do processo colonizador: os vaqueiros.

Os vaqueiros, por mais que não fizessem parte dessa elite criadora de gado (na verdade eles eram os subalternos), representavam a maioria dos trabalhadores desse período, visto que apenas mais adiante é que outras atividades foram se desenvolvendo e os núcleos populacionais crescendo, conforme afirma Castelo Branco (1970, p. 44): “o vaqueiro aparece, então, mais como fruto da mística do boi do que como categoria social subordinada, que se definia pelo trabalho na fazenda de gado, sendo o Piauí celebrado como pátria dos vaqueiros”.

Apesar desse papel de subordinação dentro da atividade colonial, na mesma obra, *O Piauí, a terra, o homem e o meio*, o autor acima realça também que: “[...] o vaqueiro nas fazendas piauienses, tinham um papel de destaque, era ele quem administrava a propriedade, negociava o gado nas feiras e tinha poder de tomar decisões em nome do

fazendeiro” (1970, p. 24). Sobre essas relações de poder existentes nessa denominada “sociedade do couro”, Tânia Maria Brandão, na obra *O Vaqueiro: símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão*, pontua:

Seu poder era, portanto, uma delegação do fazendeiro, porém sua autoridade era legitimada pelos demais segmentos sociais. É, entretanto, através de seu comportamento no cotidiano da vida social, econômica e política da região que a figura do vaqueiro se sobressai como elemento que consolida e conserva uma sociedade hierárquica, quase estamental como a do sertão pecuarista do Nordeste (Brandão, 2008, p. 131).

Assim, o vaqueiro tornou-se um ofício com uma certa remuneração, grande liberdade nas suas funções laborativas (o que não ocorreu de forma sistemática e consequente com as populações originárias, africanas e afrodescendentes). Observa-se ainda a possibilidade de mobilidade dentro da pirâmide social da época, pois pela partilha de gados a que tinham direito e algumas remunerações fixas, muitos deles chegaram a constituir suas próprias fazendas, passando então ao controle desde vaqueiros livres, até mesmo indivíduos escravizados.

Essa escolha pela constituição do vaqueiro como símbolo de uma sociedade, estaria em consonância com as ideias de Aníbal Quijano (2005, p. 129), no livro *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*, no qual introduz a reflexão de que: “[...] os brancos construíram uma pirâmide com algumas raças, que hierarquizaria as que estavam mais próximas do estado de natureza, em detrimento da civilização europeia, estando os negros e os indígenas na base da pirâmide social civilizatória”.

Para além desse recorte de cunho étnico, houve ainda questões ligadas à imposição de um determinado comportamento de gênero. Na construção simbólica e representativa desse ofício, as sociedades sertanejas dessas regiões teriam como atributos: a agilidade, a coragem e a força (atribuídas quase sempre à masculinidade do vaqueiro). Esse processo também pode ter silenciado as narrativas femininas acerca dessas mesmas representações, que elas também vivenciavam, pois muitas das atividades referentes a esse ofício do vaqueiro foram e ainda são desempenhadas (na prática) por mulheres, ainda que raramente sejam reconhecidas como “vaqueiras”.

Após realizarmos essas análises acerca da estruturação histórica e cultural em torno do vaqueiro, em detrimento de outros grupos que foram, sutil ou violentamente, esvaziadas no âmbito das representações identitárias, percebe-se que em território longaense esta prática foi fielmente implementada, pois esse discurso de uma tradição

única soterrou quaisquer contribuições construídas por atores como: as populações originais, os trabalhadores escravizados, as mulheres sertanejas, entre outros. Esse soterramento direciona um entendimento de que a cidade e a região foram construídas em torno de uma figura única e específica, diluindo o papel e o sentido de outros atores sociais importantes.

Nos tópicos que virão a seguir, traçamos debates sobre a educação patrimonial, fazendo contextualizações com os aspectos ligados ao vaqueiro e a cidade de Alto Longá, no tocante às festividades e ao museu que leva o nome dessa figura, como forma de tentar uma compreensão sobre como essas manifestações foram criadas e mantidas, e como as mesmas são percebidas hoje.

3.2 A festa do vaqueiro: lugares, práticas e envolvimento

Essas representações coletivas, como entendidas até agora, são construídas por meio da identificação das pessoas, gerando condutas e práticas sociais que imprimem sentido às mesmas. Esse fato pode ser percebido na cidade de Alto Longá através do chamado Dia do Vaqueiro (onde é realizada a também conhecida “Festa do Vaqueiro”), data que envolve locais e atividades como: a Casa do Vaqueiro, a Cavalgada do Vaqueiro, a Procissão do Vaqueiro, a Missa do Vaqueiro, as Corridas de Vaqueiros e o Leilão do Vaqueiro.

O período mais festivo e devoto do ano ocorre nos Festejos de Nossa Senhora dos Humildes, padroeira católica do município. Comemorado desde a segunda metade do século XVIII, entre 22 de dezembro e 1º de janeiro, em que o dia dedicado a esses trabalhadores (dia 28 de dezembro) sempre foi o de maior destaque, em detrimento dos demais dias, que são dedicados aos comerciantes e empresários, aos professores e demais profissionais da educação, aos trabalhadores da área da saúde, motoristas e afins, entre outros.

Toda a relevância dessa data comemorativa local se deve, em grande parte, ao enorme envolvimento das pessoas de toda a região, tanto daqueles que são homenageados pelas diversas festividades, quanto da população de um modo geral. A cidade inteira se mobiliza e os vaqueiros tomam conta da paisagem, como se percebe na imagem a seguir, que mostra os vaqueiros chegando na praça central logo pela manhã para o início das comemorações.

Figura 4: Vaqueiros participando das festividades em sua homenagem.



Fonte: Alto, 2017².

Essa imagem acima, como visto na legenda, foi retirada de uma reportagem sobre a Festa do Vaqueiro, no ano de 2022. A partir de agora vamos analisar fotos, depoimentos e trechos de coberturas jornalísticas diversas, tanto sobre essas festividades, quanto sobre o Museu do Vaqueiro. Cabe ressaltar que não iremos seguir uma sequência cronológica dessas fontes, mas sim uma utilização das mesmas de acordo com as temáticas específicas abordadas ao longo do texto.

Nesse Dia do Vaqueiro as inúmeras festividades são organizadas por uma comissão formada e apoiada por pessoas ligadas à Prefeitura Municipal, à Câmara de Vereadores e à Paróquia local. Essas atividades iniciam-se ainda na madrugada e ao raiar do dia, com a vinda de centenas de vaqueiros das zonas rurais para a sede do município, onde existe um local denominado de Casa do Vaqueiro.

Na imagem abaixo, vê-se que essa referida “casa” se caracteriza como um espaço aberto grande e bem simples, com chão de terra batida e construções de abrigos em madeira e palha, bem próximo da Praça Central da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Humildes, e que se notabiliza por receber esses indivíduos e oferta-lhes um reforçado café

² Link da reportagem: <https://180graus.com/alto-longa/alto-longa-comemora-o-dia-do-vaqueiro-com-muitas-atracoes/>.

da manhã, que geralmente conta com: café com leite, bolos doces e salgados, carne assada, cuscuz, caldo de carne e ovo, frito de carne de sol e panelada.

Figura 5: Fachada da Casa do Vaqueiro



Fonte: acervo do autor, 2022.

Neste mesmo local, no período matutino, estão concentradas diversas atividades festivas como: recitais de aboios e de cantigas de Cordel, com artistas advindos de diversas regiões do estado e até de fora dele. Duas atrações que são muito convidadas para este evento são: o Coral de Vaqueiros da cidade de União (PI) e o cantor paraibano Galego Aboiador, que costumam animar esse espaço desde as primeiras horas do dia, quando chegam dezenas de vaqueiros, como se vê:

Figura 6: Vaqueiros no espaço da Casa do Vaqueiro.



Fonte: acervo do autor, 2022.

Pela fotografia recente desse espaço, é possível verificar que o mesmo, apesar de localizado na região central da zona urbana de Alto Longá, preserva um ambiente de simplicidade, próximo daqueles em que esses profissionais costumam atuar com a lida diária desse ofício. Percebe-se ainda que a maioria deles é formada por homens, de cor de pele variadas e que costumam vir à rigor, no tocante às vestimentas típicas e tradicionais. Contudo, há também aqueles que utilizam trajes mais comuns no cotidiano geral da população.

Ainda no período da manhã, a realização da benção do padre aos vaqueiros é tradicional, ocorrendo antes do início da cavalgada, que parte da Casa do Vaqueiro, percorrendo alguns quarteirões do centro da cidade (principalmente nas ruas: Duque de Caxias, Benedito Brito, Cantídio Saraiva e 13 de Maio) até a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Humildes, onde é realizada a primeira missa do dia, como forma de marcar o pontapé inicial da parte religiosa das festividades (que como dissemos inicia-se mais cedo com a chegada dos vaqueiros à casa que leva o seu nome).

É importante ressaltar que no roteiro dessa cavalgada estão: o local já referido como ponto de partida (a Casa do Vaqueiro), o espaço onde ocorre o Leilão do Vaqueiro (na frente da Casa Paroquial) e a igreja onde acontecem as Missas do Vaqueiro (uma pela manhã, após a cavalgada e outra à noite, após as corridas).

Conforme foi brevemente adiantado na introdução deste trabalho, a cidade possui também o Museu do Vaqueiro, que fica localizado bem próximo dos demais ícones dessas festividades em homenagem a esses indivíduos, mas que não é contemplado como parte oficial deste roteiro, como trataremos detalhadamente no próximo tópico e conforme se percebe na imagem de satélite a seguir:

Figura 7: Localização das manifestações do vaqueiro no Centro de Alto Longá.



Fonte: Google Earth (adaptado), 2023.

Nesse trajeto destacado em vermelho na imagem, além dos vaqueiros em seus cavalos, vai à frente um carro de som (ou trio elétrico, dependendo de cada ano), onde a atração musical, como por exemplo Galego Aboiador vai recitando novamente os famosos “aboios”, versos de cordel ou trechos de músicas de vaquejada, todas elas feitas de forma improvisada e tendo como temáticas as próprias festividades do vaqueiro e seus diversos elementos, além do ambiente e das pessoas ao redor do trecho percorrido, de modo que todos de alguma forma se integram a esse momento.

Ao final da cavalgada, os vaqueiros deixam seus cavalos amarrados ao redor da praça ou mesmo em cima dela e adentram à igreja, levando a imagem da santa padroeira (Nossa Senhora dos Humildes), aconchegando-se nas cadeiras mais próximas ao altar que, nesta data tão importante, ficam quase todas reservadas para que esses grandes atores desse dia manifestem sua devoção e fé de perto.

Em geral, os vaqueiros fazem questão de permanecer durante toda a cerimônia religiosa devidamente trajados com seus ternos de couro, que fazem mudar também a paisagem interna da igreja, pois no dia a dia, geralmente, mesmos aqueles que se identificam ou exercem de fato tal ofício de vaqueiro não costumam acompanhar as pregações eclesíásticas com a sua indumentária clássica.

Figura 8: Vaqueiros chegando à missa com a imagem de N. Sra. Dos Humildes



Fonte: Município, 2023³.

Finalizada a primeira missa, os vaqueiros retornam à Casa do Vaqueiro que, além das atrações musicais, também concentra a oferta gratuita de bebidas (cervejas, refrigerantes, água etc.) e também porções de churrasco como “tira gosto” para os participantes. Após o meio dia é servido um almoço para todos que estejam presentes, como bem se observa na fala da Dona Osmarina, uma das cozinheiras do evento, sobre as refeições oferecidas para mais de 300 vaqueiros, contidas na reportagem da *TV Clube* de 2021, disponibilizada na plataforma Globoplay⁴:

“Primeiramente agradecermos a Deus por estarmos aqui mais uma vez. Aqui é Maria Isabel (mexida com talo de coco) de costela de gado, esse é um dos pratos preferidos dos vaqueiros, e aqui é um arroz branco que é uma comida típica. Aqui é costela de gado que a gente serve ao lado da Maria Isabel de carneiro” (Marques, 2021).

Além do cardápio mencionado, é comum compor o almoço do vaqueiro: o cozidão de carne de gado bovino e de “criação” (como são chamados os ovinos e caprinos na região), além da carne de porco. Ficam evidentes alguns traços marcantes dessa festa: a relação estreita com a religiosidade católica, características da culinária típica, utilização

³ Link da reportagem: <https://180graus.com/alto-longa/municipio-de-alto-longa-celebra-o-dia-do-vaqueiro/>.

⁴ Link da reportagem: <https://globoplay.globo.com/v/10163685/>.

de termos comuns ao ambiente sertanejo, etc. Ao citarmos a senhora acima, devemos pontuar que nas festividades do Dia do Vaqueiro as mulheres participam de variadas formas, pois muitas fazem parte da Comissão Organizadora, atuando, por exemplo, no auxílio da condução da missa e procissão, na organização e controle do leilão e da Casa do Vaqueiro; assim como expectadoras das atividades promovidas na casa, nas corridas e nos shows em homenagens aos vaqueiros.

Encerrada essa parte de atividades na Casa do Vaqueiro, mais ou menos na metade do período da tarde, os vaqueiros seguem novamente em cavalgada, acompanhados pela população de um modo geral, dessa vez num percurso maior, fazendo a tradicional “Procissão do Vaqueiro”, onde a imagem de Nossa Senhora dos Humildes percorre alguns bairros da cidade em direção ao “Prado Municipal”, que fica na rodovia de saída de Alto Longá para Novo Santo Antônio e São João da Serra, como demonstrado na imagem:

Figura 9: Percurso da procissão até o Prado Municipal.



Fonte: Google Earth (adaptado), 2023.

Fica evidente, nesta imagem de satélite acima, que o trajeto entre a Casa do Vaqueiro e o Prado Municipal, percorre uma distância considerável pela cidade (cerca de 2,5 km), saindo do centro da mesma, passando pelas proximidades dos bairros Piçarra, Jardim e Baixa das Carnaúbas, sendo esse o percurso mais conhecido da cidade, não apenas por quem aqui habita, mas também pelos visitantes e passageiros, pois é o caminho

natural de quem chega ao município, em direção às cidades vizinhas dessa região como: São João da Serra e Novo Santo Antônio.

É justamente esse caminho percorrido, que caracteriza a citada Procissão do Vaqueiro, momento de grande participação da população como um todo, pois, até mesmo pessoas que não possuem animais de montaria, realizam esse percurso de outras formas, juntando-se à maioria, que é formada pelos vaqueiros montados. Estes, em geral, se concentram na parte inicial da procissão, logo após o carro de som, alguns são trajados da indumentária completa, outros incompleta e alguns sem nenhum objeto típico. No entanto, a grande maioria formada por pessoas do sexo masculino, como se verifica na fotografia abaixo:

Figura 10: Procissão do Vaqueiro: cavalgada da igreja para o Prado Municipal.



Fonte: Emocionante, 2017⁵.

O Prado Municipal é o local onde ocorrem as famosas Corridas de Vaqueiros, que atraem milhares de pessoas para assisti-las, formando um verdadeiro corredor de expectadores no espaço ao lado daquele reservado às competições a cavalo, onde dezenas de pessoas comercializam bebidas, outras realizam competições de som automotivo e

⁵ Link da reportagem: <https://180graus.com/alto-longa/emocionante-corrida-de-cavalos-no-prado-e-festa-encerram-o-dia-do-vaqueiro-em-alto-longa/>.

música ao vivo. Essas disputas possuem algumas categorias e perduram até o fim da tarde e início da noite.

As categorias existentes são quatro: cavalo comum (também chamado de “cavalo de campo”), que são aqueles animais de raças consideradas mais “simples” e de menor porte físico, que favorece a participação dos vaqueiros de ofício da zona rural do município; cavalo “poldo” (que são os cavalos ainda em idade “jovem”, inferior a 30 meses), que em geral atrai mais participantes da zona urbana da cidade e dos municípios vizinhos; cavalo mestiço (animais que possuem mistura de raças consideradas superiores com inferiores); e cavalos de raça pura (que são aqueles que, além de classificados como raças superiores e mais valiosas, não possuem mistura com quaisquer outras raças).

Estas duas últimas categorias são as que atraem os animais de maior porte físico e valor de mercado, bem como os vaqueiros tidos como “profissionais”, no sentido de ter como profissão a participação nessas competições de corridas de cavalos. Abaixo, temos uma imagem dessas competições:

Figura 11: Corridas de Vaqueiros no Prado Municipal.



Fonte: Emocionante, 2017⁶.

Observando a imagem, percebe-se que os vaqueiros que competem nas corridas de cavalos, em geral não utilizam a vestimenta completa que tanto lhes identifica, visto que as mesmas são mais úteis nas ações de pega de animais na mata, servindo como uma espécie de armadura, e pelo fato de as mesmas possuírem um peso considerável, o que

⁶ Link da reportagem: <https://180graus.com/alto-longa/emocionante-corrida-de-cavalos-no-prado-e-festa-encerram-o-dia-do-vaqueiro-em-alto-longa/>.

pode vir a fazer a diferença em uma eventual disputa mais acirrada na competição. É importante pontuar também que, apesar de presença marcante nessas corridas, as mulheres atuam apenas como expectadoras, não havendo registros de alguma que já tenha participado como competidoras.

Do mesmo modo, ao término dessas corridas e entrega das premiações aos vencedores de cada categoria, os vaqueiros mais uma vez se locomovem em cavalgadas em grupo para a praça da Igreja Matriz – agora já não mais em formato de procissão – pois no início da noite realiza-se a histórica Missa dos Vaqueiros, onde não apenas o espaço interno, mas também boa parte da área externa da praça da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Humildes fica lotada de fiéis para acompanhá-la.

Essa é a segunda e maior missa do dia (e também a maior do festejo como um todo) aquela em que a população local e os visitantes mais se envolvem, em que várias autoridades políticas locais e regionais se fazem presentes. Como mostra a fotografia a seguir, muitas vezes até mesmos as autoridades eclesiásticas se utilizam de símbolos que remetem à identidade do vaqueiro, para simbolizar esse momento de fé e devoção, que marca profundamente todos aqueles que participam dessa festividade.

Figura 1: Padre Gilberto celebrando a Missa do Vaqueiro.



Fonte: Município, 2023⁷.

⁷ Link da reportagem: <https://180graus.com/alto-longa/municipio-de-alto-longa-celebra-o-dia-do-vaqueiro/>.

Nesse caso específico, é utilizado o chapéu de couro, um dos elementos que formam o traje típico do ofício de vaqueiro. O seu uso pelo padre, na missa que homenageia aqueles que mantêm viva essa profissão, é carregada de simbologias, pois integra as duas grandes vertentes da Festa do Vaqueiro: as manifestações religiosas ligadas à Igreja Católica e culturais oriundas dessa figura central, propriamente dita.

Ao término dessa grande missa dedicada ao dia do vaqueiro, acontecem os maiores leilões de toda a região: o “Leilão dos Vaqueiros”, onde historicamente tanto as doações, quanto as arrematações de “joias” se fazem em números impressionantes. Essas citadas joias são como se denominam os objetos que são leiloados e estes são das mais variadas espécies (desde alimentos, como bolos doces e salgados, até animais vivos, como galinhas e cabras). Nestes leilões, em geral grandes autoridades políticas e administrativas locais, regionais e até estaduais se fazem presentes e disputam esses objetos com valores muito elevados. O dinheiro arrecadado nesse leilão – assim como dos demais dias do festejo – são destinados à paróquia local de Nossa Senhora dos Humildes, sendo esses valores divulgados no último dia de evento à população.

Esses leilões “afobados” (como costumam ser chamados pelos próprios participantes dos mesmos, pelas citadas altas quantias em dinheiro envolvidas), não deixam totalmente de fora os principais atores desse dia, pois os vaqueiros costumam juntar suas economias durante boa parte do ano para fazerem suas ofertas à santa do padroeiro e, também, quando é possível, para arrematar as joias no leilão dedicado a eles.

Na última parte desse dia tão movimentado, em geral próximo à meia noite, iniciam-se os shows culturais, que costumam receber milhares de expectadores, com atrações regionais e até nacionais (boa parte delas com alguma ligação com o estilo musical da vaquejada e do “forró pé de serra”). Esses estilos musicais são aqueles que tipicamente mais agradam não só os grandes anfitriões do dia, mas também o público em geral, pois estes compreendem a relevância de suas preferências nessa data única do ano.

Figura 13: Show Cultural da Festa do Vaqueiro.



Fonte: Portal O Dia, 2016.

Todos esses aspectos comentados anteriormente, podem ser observados neste trecho da postagem do Portal R10⁸:

Os Festejos de Alto Longá, de 23/12 a 01/01, homenageiam, em novenas, a padroeira local da Comunidade Católica Nossa Senhora dos Humildes. A noite e o dia mais animados, o que já é uma tradição centenária, é o Dia dos Vaqueiros, dia 28 de dezembro, quando se reúnem vaqueiros e simpatizantes da “Vida de Gado”, desta cidade e de outras vizinhas, numa festividade ruidosa e animada, este ano o total de vaqueiros montados e paramentados chegou à casa dos 800. Seguindo o costume, este ano a festa iniciou-se às 08:00h da manhã com o café da manhã pra “vaqueirama”, na Casa do Vaqueiro, ponto de apoio das festividades; continuou às nove horas com a Missa do Vaqueiro, celebrada na Igreja Matriz pelo Reverendo Padre Gilberto, a partir das 11 horas teve forró com Williana Rodrigues e a deusa do Forró e o Tradicional e aplaudidíssimo Galego Aboiador; ao meio dia foi servido o almoço do vaqueiro, tudo isso na Casa do Vaqueiro; e à tarde saiu às 16:00 horas a procissão com a imagem da Padroeira, da Igreja Matriz até o Prado Municipal, onde ocorreu a corrida dos vaqueiros (Portal R10, 2018).

Outro meio de comunicação virtual também mostrou, por meio de uma postagem, essas características das festas e eventos dedicados ao vaqueiro, em território longaense, neste caso foi o Portal O Dia⁹, que demonstrou:

Este ano, da abertura ao encerramento, o povo se fez presente em quantidades nunca vista. Na noite do Vaqueiro (dia 28 de dezembro) com a presença

⁸ Link da reportagem: <https://www.portalar10.com/noticia/18810/animacao-total-no-dia-28-12-q-dia-dos-vaqueirosq-nos-festejos->.

⁹ Link da reportagem: <https://portalodia.com/municipios/alto-longa/festejos-de-alto-longa-256949.html>.

carismática de Galego aboiador e Tati Vaqueira ocorreu um recorde de público dificilmente quebrável. A procissão do vaqueiro pelas principais vias da cidade, ocupou um espaço de quase mil metros. A festa de encerramento, incluindo a maior procissão já presenciada, também estabeleceu recorde de público na praça onde quase quatro mil pessoas se divertiram, após o pronunciamento emocionado de encerramento do Senhor Prefeito (Portal O Dia, 2016).

Essas festividades representam algo dotado de uma certa “mística”, pois a cidade como um todo se mobiliza ao seu redor, até mesmo aqueles indivíduos que durante o ano não têm atividades relacionadas à pecuária ou práticas afins procuram se trajar como tal para participar desse dia festivo. Quanto aos vaqueiros “propriamente ditos” (aqueles indivíduos que possuem como ofício central a lida com os animais e os espaços ligados a estes) se preparam durante todo o ano para este momento, quer seja na parte do custeio desses eventos, no trato e treinamento dos cavalos ou mesmo no próprio cuidado com a indumentária típica de couro (gibão, peitoral, luvas, perneira, chapéu e sandália).

Vale ressaltar que um dos maiores símbolos desse ofício é justamente essa indumentaria do vaqueiro, que no dia a dia vem sendo utilizada cada vez menos, ficando guardadas para os períodos de festividades religiosas e culturais. Sobre tais trajes tradicionais desses profissionais, encontramos este relato das suas características mais marcantes:

A vestimenta típica do vaqueiro é caracterizada pela predominância de couro cru e curtido, o gibão e ele usa um chapéu também de couro, perneiras lhas cobrem as pernas e são presos da cintura para que o corpo fica livre para cavalgar. A sua vestimenta acompanha um par de esporas e nas mãos uma chibata de couro. A razão pela qual sua vestimenta é feita em couro se dá pelo fato de trabalhar em contato com galhos e espinhos, sendo assim sua funcionalidade é justamente para que saia ileso de sua lida (Costa; Rocha, 2017, p. 55).

Os objetos que formam esse traje típico podem ser encontrados no Museu do Vaqueiro (objeto de análise do próximo tópico deste trabalho), como se observa nessa fotografia, retirada de um livro produzido nas oficinas oferecidas no museu:

Figura 14: Peças da indumentária típica do vaqueiro.

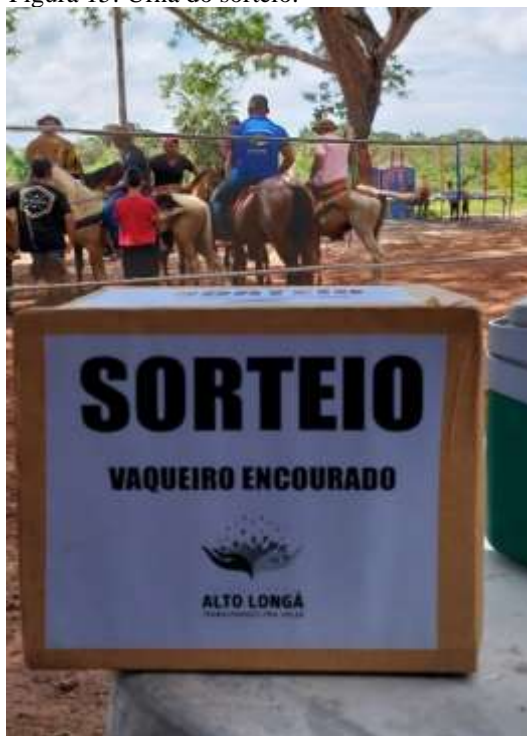


Fonte: Livro do Museu do Vaqueiro, 2018.

Percebe-se que esses objetos e documentos da cultura material também são relevantes para a continuação da própria profissão, por exemplo no que tange ao conhecimento e envolvimento das novas gerações. Pensando nisso, a organização da Festa do Vaqueiro realiza, há alguns anos, diversos sorteios em dinheiro e em peças de couro, para os vaqueiros que vierem trajados a rigor para a Casa do Vaqueiro e os demais espaços e atividades festivas.

Sobre essas premiações, um dos membros da organização – nesse caso o responsável pela conferência do traje completo do vaqueiro e a entrega das senhas para aqueles que cumprirem os requisitos – conhecido como Neto Campelo, afirmou ao Portal Dicoivaras: “[...] só participa da premiação aquele vaqueiro que tiver devidamente encourado: com perneira, gibão, chapéu, tudo como manda a regra do vaqueiro” (Festa, 2021). Podemos observar nas imagens abaixo, essa premiação:

Figura 15: Urna do sorteio.



Fonte: acervo do autor, 2022.

Figura 16: Vaqueiro encourado.



Fonte: acervo do autor, 2022.

Numa reportagem da TV Clube (dentre várias outras também existentes), realizada no dia 28 de dezembro de 2021, foram colhidos depoimentos de indivíduos de variadas idades, que se auto reconhecem como vaqueiros. Primeiramente, observamos a fala do senhor Domingos, um vaqueiro de 68 anos, sobre as festividades desse dia: “Hoje é um dia bom, eu só não venho se eu tiver doente, mas se eu não tiver doente eu vou até longe demais” (Marques, 2021). Ainda sobre a participação em tais eventos, o senhor Cazuza, da cidade de Sigefredo Pacheco (PI), distante de Alto Longá mais de 150 quilômetros, confessa:

Não tem distancia pra mim para uma festa de vaqueiro, já tenho andado por José de Freitas, nesse mundo todo! Pau D’arco, onde tem nós vamos: pode ser quarta, domingo, sábado, sexta, segunda... porque nós vaqueiros trabalha todo dia, é domingo, é sábado, é dia santo... e Deus e os santos tão “com nós”, “num” deixa acontecer o que é ruim! Então no dia que tem a festa do vaqueiro, numa missa, numa igreja, em qualquer uma cidade, a gente vai lá. É o nosso dia, é hoje, é o dia do nosso santo também, vamos lá (TV Clube, 2021¹⁰).

Conforme observado, há um sentimento forte de identificação dos vaqueiros para com essas festividades, a ponto de se deslocarem das cidades circunvizinhas – muitas

¹⁰ Link da reportagem: <https://globoplay.globo.com/v/10163685/>.

delas até um pouco distantes – o que demanda, além do tempo e da disposição, recursos financeiros para tais envolvimento culturais.

Como resultado da prevalência das tradições e identidades relacionadas ao ofício do vaqueiro, é natural que os indivíduos – desde muito jovens – sejam influenciados a seguir por esse caminho, como se percebe no depoimento de Felipe Cabral (neto do senhor Domingos, citado anteriormente), de 12 anos de idade, que monta a cavalo desde os 6 anos, que sobre este ofício afirma: “Pegar boi, já peguei muito! Gosto de ser vaqueiro e vou seguir os passos do meu avô”. Acerca da identificação precoce, o mesmo senhor Cazuza, diz como se tornou vaqueiro:

Dos meus 12 anos pra cá, nunca passei um dia sem ter o que fazer, dar de comer uma vaca, ou cavalo, uma ovelha, uma cabra e mexer com a vida. Foi seguindo assim um destino. Meu pai não tinha, mas eu via os colegas andando. Eu comprei um cavalo, um velho amigo me deu uns “corim” pra “mim” andar encourado, e os outros velhos amigos, que tinha por encostado, quando saíam pro campo, passavam lá em casa pra me convidar, pra nós ir e aí depois eu continuei e fui arranjando as coisas” (Marques, 2021¹¹).

Em outra reportagem, datada de dezembro 2018, realizada pela TV Antena 10¹² destaca-se a fala de um vaqueiro adulto de meia idade, denominado Antônio Carlos, ainda sobre como teria iniciado essa vida nessa profissão: “É bom, é a tradição que a pessoa gosta, é seguir a vida que o velho deixou pra nós” (TV Antena 10, 2018). Já a criança de nome Djalmino Oliveira, perguntado sobre o mesmo motivo de iniciação nessa atividade, assim respondeu: “meu avô que tinha uns novinhos, aí comecei a andar nos jumentinhos. Vou ser um vaqueiro muito bom” (TV Antena 10, 2018).

Percebe-se que pessoas de variadas idades participam dessas festividades e demonstram uma identificação com o ofício do vaqueiro e suas representações diversas. Há diversidade também no próprio perfil dos participantes da festa que, pelo menos nesse dia específico, se auto intitulam como “vaqueiros (as)”. Encontramos essa variedade de indivíduos numa postagem do perfil no Instagram “História de Alto Longá” (que tem como organizador o mesmo autor da presente dissertação), que trouxe a fotografia e os depoimentos a seguir:

¹¹ Link da reportagem: <https://globoplay.globo.com/v/10163685/>.

¹² Link da reportagem: <https://www.porta10.com/noticia/18810/animacao-total-no-dia-28-12-q-dia-dos-vaqueirosq-nos-festejos->.

Figura 17: Participantes da Festa do Vaqueiro.



Fonte: História de Alto Longá (Instagram), 2022.

Nessas 4 fotos podemos ver a diversidade de pessoas que frequentam a tradicional e centenária Festa do Vaqueiro, em Alto Longá (PI), comemorada desde o século XVIII. Na primeira, o senhor Di Assis, de 77 anos e vaqueiro desde os 5 de idade, morador da localidade Morro Vermelho e que vem ao festejo sempre com os trajes típicos de couro. Na foto ao lado o pequeno José Francisco, de 6 anos, morador do Bairro Piçarra, veio com os pais prestigiar o evento, e aproveitou para fotografar no lombo de um cavalo. Logo abaixo, Alan de 26 e Lucas de 24 anos, ambos moradores da Fazenda Pau Amarelo, onde trabalham com animais de raças muito valiosas, para competir em vaquejadas. Ao lado destes, Lunna, de 25 e Maria, de 17 anos, ambas moradoras do bairro Recreio, e que apesar de não trabalharem em atividades ligadas à pecuária, fazem questão de virem montadas a cavalo, curtir a festa dedicada ao vaqueiro (História de Alto Longá 2022¹³).

Após essa análise sobre o Dia do Vaqueiro, comemorado há mais de um século, no dia 28 de dezembro em Alto Longá, cabe pontuar que essa data ainda não possui uma regulamentação oficial pela Câmara Municipal da cidade. O mesmo se observa a nível estadual, pois o que existe atualmente é um projeto de lei na Assembleia Legislativa (nº 178) – do ano de 2021 – que pretende instituir o “Dia do Vaqueiro” no calendário oficial

¹³ Link da postagem: <https://www.instagram.com/p/CmuEfj-OJad/>.

de eventos do Piauí, na data sugerida de 29 de agosto, porém o mesmo encontra-se parado desde então.

3.3 O museu do vaqueiro enquanto lugar de memória

Depois de abordar o Dia do Vaqueiro longaense, suas festividades diversas e a participação de vários tipos de pessoas nas mesmas, passaremos para a reflexão acerca do Museu do Vaqueiro, que foi uma idealização da assistente social, especialista em Administração Pública e escritora Valmira Cabral, cuja obra *Alto Longá, meu notável paraíso* já foi citada anteriormente. À princípio, é interessante ressaltar que o próprio conceito de “museu” foi reformulado recentemente, durante a 26ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM), realizada em agosto de 2022, em Praga, na República Tcheca, passando a ser utilizado pelos órgãos competentes em todo o mundo. De acordo com este novo entendimento:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos (ICOM, 2022).

O museu de Alto Longá que, como veremos a seguir se enquadraria nas características citadas na definição acima, foi aberto em 2007, sendo instituído a partir de uma fundação chamada FUNCASA (Fundação de Cultura, Assistência Social e Sustentabilidade Ambiental). A referida fundação foi reconhecida como “utilidade pública” por uma lei municipal (nº 072/2008), aprovada na Câmara de Alto Longá, na data de 16 de maio de 2018 e sancionada pelo então prefeito César Sindô, em 22 de setembro do mesmo ano.

À nível estadual também veio o reconhecimento legal dessa referida utilidade pública, através da lei (5.975/2010), aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado do Piauí e sancionada pelo governador na mesma data: 24 de fevereiro de 2010. Em ambas as leis, que se encontram nos anexos desse trabalho, há o reforço sobre tal relevância da fundação e, portanto, a mesma deveria receber incentivos da Prefeitura de Alto Longá e do Governo do Estado do Piauí, como se percebe:

Art. 2º - A FUNCASA tem, entre outros objetivos, estimular a cultura, a defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos, relativos ao meio ambiente, e promover projetos e ações que visem a preservação, a recuperação de área degradada no meio ambiente urbano e rural, bem como estimular a solidariedade entre os diferentes segmentos sociais locais (PIAUÍ, 2010).

Percebe-se que o artigo explica a atuação dessa instituição, uma certa falta de coesão com o tipo de espaço que o museu representa e principalmente da temática que sugeria abordar. Esse local recebeu a denominação oficial de “Museu do Vaqueiro – Casa Antônio Cabral”, uma homenagem ao pai da referida idealizadora, que construiu e residiu por décadas no prédio onde funciona o museu e desempenhou atividades de comerciante (assim como boa parte dos filhos).

A escolha por essa nomenclatura é inicialmente “apropriada”, visto que a estrutura física do museu se assemelha à uma antiga casa (pois de fato o foi por muito tempo). Por outro lado, se apresenta como um indício importante de falta de representatividade dessa instituição para com a denominação escolhida, visto que homenageia uma figura que desempenhou outro ofício totalmente diverso daquele que carrega como “temática” principal.

Apesar dessa simplicidade estrutural citada, o Museu do Vaqueiro, através da FUNCASA, possui todos os registros nos órgãos competentes como: CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica), CNM (Cadastro Nacional de Museus), CNAE (Classificação Nacional das Atividades Econômicas), entre outras. A fotografia a seguir mostra bem as características físicas citadas há pouco:

Figura 18: Fachada do Museu do Vaqueiro.

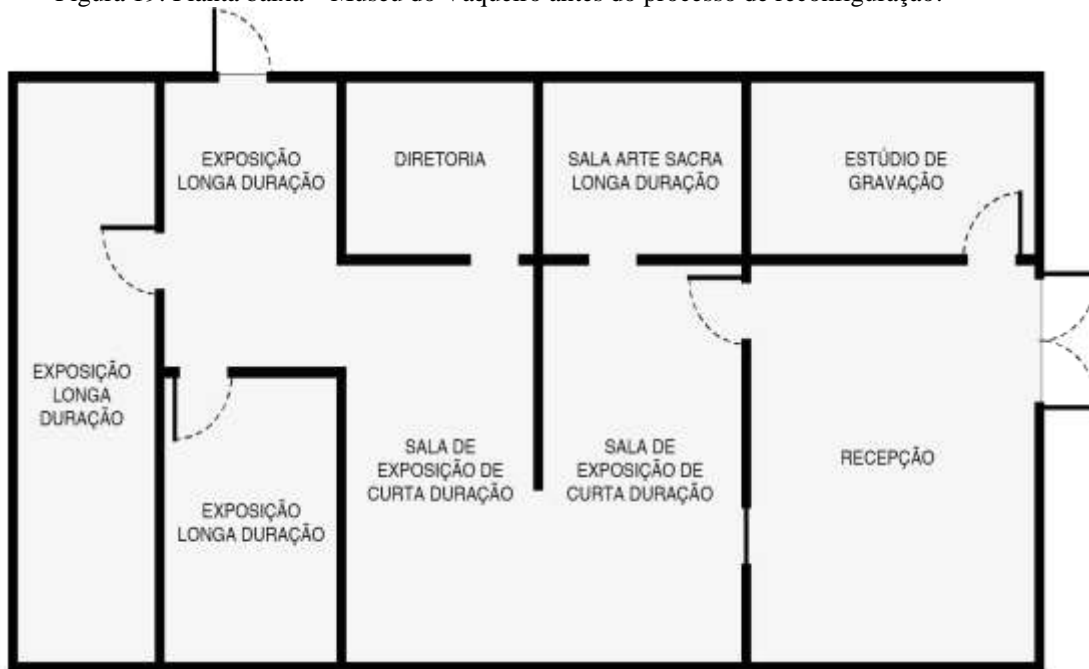


Fonte: Maria do Amparo Moura Alencar Rocha, 2015.

Verifica-se na fotografia que o prédio em análise tem de fato uma estrutura bem simples e típica das casas construídas na cidade no período citado. Os cômodos dessa antiga residência foram transformados em salas de exposição e, à respeito da escolha desta temática do vaqueiro para a organização de um museu, a própria Valmira Cabral (2017, p. 64), em depoimento presente no artigo “O Museu do Vaqueiro como Patrimônio Cultural da cidade de Alto Longá-PI”, que faz parte do livro *Alto Longá, de vila à cidade, da cidade aos nossos dias*, aponta como razões: “[...] por que todas comunidades longaenses tem histórias e raízes voltadas para o vaqueiro, toda a população de Alto Longá tem parentes vaqueiros”.

Após a sua fundação, o local se tornou um “Ponto de Cultura” em 2010, passando a ofertar oficinas de artes plásticas, cultura digital, danças folclóricas, iniciação teatral e contação de história. Com base na definição trazida pelo site *Iber Cultura Viva*, Pontos de Cultura “[...] são entidades sem fins lucrativos, grupos ou coletivos com ou sem constituição jurídica, de natureza ou finalidade cultural, que desenvolvam e articulem atividades culturais continuadas em suas comunidades ou territórios”. A inclusão nessa categoria se deu por meio da submissão e aprovação de projetos desenvolvidos por essa entidade nas áreas de cultura popular, patrimônio cultural e artes audiovisuais. Os espaços destinados a essas atividades podem ser vistos:

Figura 19: Planta baixa – Museu do Vaqueiro antes do processo de reconfiguração.



Fonte: Maria do Amparo Moura Alencar Rocha, 2015.

Percebe-se claramente nessa planta que os antigos cômodos da casa transformada em museu não parecem ter sofrido nenhum tipo de reformulação estrutural, apenas cada parte já existente recebeu algum tipo de exposição ou de função diferente. O referido espaço foi organizado através de um acervo pessoal da coordenadora e de inúmeras doações dos habitantes do município de Alto Longá para que o local se tornasse realidade. A própria Valmira Cabral, tem como argumento para a relevância do museu:

Acredito que sua importância está no conhecimento das tradições e consequentemente na tentativa de resgatar essa cultura que é esquecida. A nossa identidade diz quem nós somos, por isso o museu procura representar quem realmente somos e embora hoje alguns são médicos, advogados e outros, no fundo somos todos vaqueiros (Cabral, 2017, p. 62).

Aqui é perceptível que a idealizadora desse local, contribui para reforçar a construção dessa simbologia em torno do vaqueiro, conforme já debatido no capítulo inicial, no diálogo com alguns autores (a exemplo de Sandra Pesavento), que considera que essa citada “identidade” seria uma construção de sentidos a partir de representações criadas na e pela sociedade, de modo a gerar cada vez mais uma noção de pertencimento a um grupo, a uma população, etc.

No entanto, ao passo em que pensou e coordenou a construção desse espaço que leva o nome do vaqueiro, que possuía uma variada gama de manifestações culturais na cidade – há séculos – uma parte da sua citação acima se torna imprecisa, visto que classificar como “esquecida” uma cultura tão presente na própria identidade da população longaense não seria algo razoável.

A responsável pelo museu afirmou ainda, numa reportagem do Portal G1 de 2015¹⁴, que a preservação das peças contidas lá, teria uma importância não apenas no âmbito local, como para todo o estado, visto que a atividade pastoril foi precursora do povoamento colonial de toda essa região: “[...] a importância é justamente ficar marcada a cultura, marcadas nossas raízes aqui de Alto Longá, e de todo o estado do Piauí, por que o vaqueiro não pode morrer, essa cultura a gente tem que continuar” (Museu, 2015).

É nítido o envolvimento da coordenadora do espaço com a luta pela manutenção das tradições que envolvem a cultura, memória e identidade do vaqueiro através do cuidado com a própria construção e organização dos ambientes do mesmo. As fotografias

¹⁴ Link da reportagem: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2015/08/museu-do-vaqueiro-em-alto-longa-preserva-historia-do-sertanejo.html>.

transformadas em uma única imagem a seguir, fazem parte do já citado trabalho de Dissertação de Mestrado em Museologia e retratam bem isso:

Figura 20: Ambientação de uma cozinha típica do campo no passado.



Fonte: Maria do Amparo Moura Alencar Rocha, 2015.

No entanto, em 2020, após 13 anos de funcionamento, o referido museu foi fechado, assim como a maioria dos espaços coletivos por causa da pandemia de Covid-19 e continua fechado até os dias atuais. Cabe verificarmos as razões para tal situação de abandono do mesmo, visto que as festividades do Dia do Vaqueiro que, também, cessaram no período pandêmico, retornaram com ainda mais força a partir de 2021. As imagens abaixo retratam essa situação:

Figuras 21 e 22: Situação atual do Museu do Vaqueiro



Fonte: Assis Cabral Júnior, 2023.

Verifica-se, pelas imagens acima, que o espaço está bastante sujo, com infiltrações e goteiras, o que pode estar prejudicando as peças e ambientes que compõem esse acervo, que retratam aspectos variados que a referida idealizadora imaginou que estivessem alinhados à figura do vaqueiro. Sobre esse retorno da Festa do Vaqueiro (que contrasta com o fechamento do museu), o trecho da matéria do Portal Dicoivaras¹⁵, realizado em 2021, ano de volta das festividades pós interrupção, mostra o relato do vaqueiro Valdinar, que veio do município vizinho de Coivaras: “Eu venho desde menino, só ‘num’ vim ano passado por que não teve” (Festa, 2021).

Procurando respostas para a atual situação de abandono do Museu do Vaqueiro, devemos percorrer esse caminho que interliga a salvaguarda dos espaços e das práticas culturais ao sentimento de pertencimento para com as mesmas. Verificando algumas falas encontramos a opinião do vaqueiro Antônio Leandro, que como ele mesmo afirma é um “vaqueiro ativo”, ou seja, trabalha de fato com a lida diária da propriedade rural e dos animais; acerca de como ele enxerga a importância do museu para a cidade “[...] é importante porque o Museu do Vaqueiro mostra de onde viemos, de forma que todas as pessoas de Alto Longá são de família de vaqueiros e isso é a nossa identidade” (Costa; Rocha, 2017, p. 62).

Porém, apesar de demonstrar, ainda que superficialmente, uma visão de relevância para com o museu, ele também pontua, ao ser questionado sobre a sua relação pessoal com este espaço de memória: “conheço sim o museu. No museu tem lembranças das antiguidades. Quando a gente for lá, lembrar daqueles vaqueiros mais velhos, recordações. As peças são importantes, mas raramente ando lá” (Costa; Rocha, 2017, p. 61). Essa fala é de extrema valia para tentarmos compreender uma realidade que parece clara: os vaqueiros – por variados motivos – abraçaram de fato as festividades (que por terem séculos de existência, transformaram-se em verdadeiras tradições) e não o museu (uma representação muito mais recente).

Ao abordarmos esse espaço do museu, nessa perspectiva acima detectada, devemos abrir um parêntese para realizar um diálogo com as ideias do historiador francês Pierre Nora, que no texto *Entre Memória e História: a problemática dos lugares* trata sobre os chamados “lugares de memória”, que de acordo com ele são construções históricas diversas, carregadas de simbolismos, intencionalidades e pertencimentos no

¹⁵ Link da reportagem: <https://www.youtube.com/watch?v=26qqxTHZ2WE>.

que tange à salvaguarda da memória de um determinado grupo. Assim, entende-se que essa memória coletiva se transformaria em verdadeiros monumentos de perpetuação, no que Nora chama de “vontade de memória”.

Deste modo, para que algo se encaixe nessa conceituação, seria necessário que houvesse, de alguma forma, um desejo (consciente ou inconsciente) de manutenção dessa memória pela sua coletividade, pois segundo o autor, se não houver essa vontade de preservação da mesma, existirão simplesmente “lugares de história”. Acerca dessa relação de ambos os conceitos acima citados, ele ainda defende que:

Memória e história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo as opõem. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, do inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, suscetíveis a longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um lugar vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Por ser afetiva e mágica, a memória se acomoda com detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, como operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico (Nora, 1993, p. 9).

Nesse sentido, fica evidente que Nora considera que a História tende a tentar construir lugares de memória quando essa memória em si não está presente no cotidiano, nos hábitos e nos gestos. Fazendo uma ligação com o objeto deste trabalho, e com base nos indícios já percebidos sobre o mesmo, podemos verificar que essa memória se encontra presente nas festividades diversas em homenagem ao vaqueiro e de tudo que as rodeiam; e que talvez o espaço em si do museu não seja tão necessário aos homenageados e à população em geral, pelo menos não apenas na tarefa de “guardar” essa memória, que se encontra viva e latente nos gestos cotidianos das referidas manifestações presentes na Festa do Vaqueiro.

Ainda sobre as representações existentes nessas festividades, observa-se que as mesmas se encaixam perfeitamente nas definições de Nora (1993, p. 22), visto que ele afirma que: “[...] os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações”. Assim, os lugares que compõem a Festa do Vaqueiro, estariam mais próximos dessas características, diferente do lugar do Museu do Vaqueiro que, como já dissemos, encerrou suas atividades, pois como asseverado pelo autor:

Diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não têm referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não que não tenham conteúdo, presença física ou história; ao contrário. Mas o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história. Tudo conta, tudo simboliza, tudo significa. Nesse sentido, o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações (Nora, 1993, p. 27).

Essa contextualização com as ideias de Pierre Nora nos auxilia a entender, ainda de forma superficial e teórica, essa não identificação dos habitantes da cidade de Alto Longá com o Museu do Vaqueiro, não apenas pelo seu fechamento e pela inércia em debater a sua reabertura por parte de todos, mas também ao analisar algumas fontes sobre o período em que este espaço se encontrava em pleno funcionamento.

Outro exemplo disso pode ser verificado, ao se refletir sobre uma pesquisa e dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), intitulada “Museu do Vaqueiro/Alto Longá/Piauí: diagnóstico e documentação museológica e propostas de expografia, educação e ação cultural”, da historiadora Maria do amparo Moura Alencar Rocha, fez uma tentativa de conseguir mapear as potencialidades e fragilidades deste museu, enquanto ainda estava funcionando. Este estudo apontou que:

[...] o público que visita o Museu do Vaqueiro, em média 600 pessoas por ano, é um número pequeno a considerar a população da cidade de Alto Longá, que era de aproximadamente 14 mil habitantes, assim apenas 4% da população visita o Museu do Vaqueiro ao longo do ano. (2017, p. 12).

Pelo fato de sua localização ser bem próxima à maior e mais antiga escola da cidade e da região (atualmente denominada de Centro Estadual de Tempo Integral Acrísio Veras), a única a ofertar o Ensino Médio Regular. O museu poderia ser uma alternativa viável de se trabalhar a História Local e suas relações com a figura, o ofício e as manifestações do vaqueiro, pois além da parte de visita em si (que os professores poderiam fazer com suas turmas, haviam também diversas outras atividades extras ofertadas pelo museu aos estudantes, no contraturno do seu horário escolar. Essa proximidade entre museu e escola pode ser visto nessa imagem de satélite:

Figura 23: Localização do Museu do Vaqueiro e da Escola Acrísio Veras.



Fonte: Google Earth (adaptado), 2023.

Levando em conta que uma turma de Ensino Médio costuma ter em média 40 alunos nessa referida escola, bastariam que as 15 turmas que a mesma costumava possuir visitassem o museu uma vez por ano para que o número de 600 visitantes fosse praticamente alcançado. Isso nos leva a crer que esse espaço era bem menos utilizado pelos professores (não apenas da área de História, mas de outros componentes curriculares também) como ferramenta educativa do que poderia ser.

Esse mesmo trabalho diagnosticou, além da baixa visitação, algumas outras fragilidades e problemas quanto ao funcionamento do museu. Em resumo podemos destacar: a falta de um Diagnóstico Museológico para identificar as potencialidades; não existência de inventário e salvaguarda dos documentos do acervo, gerando falta de identificação das peças; existência de peças repetidas ou que não dialogassem com o título de “Museu do Vaqueiro”; e exposição de longa duração e sem comunicação clara com os visitantes (Rocha, 2017, p. 10).

Todas essas latentes dificuldades, diagnosticadas no referido trabalho de pesquisa acima, em tornarem o Museu do Vaqueiro mais atrativo para a população de um modo geral se tornam ainda mais marcantes nas relações desse espaço e das atividades nele desenvolvidas, com as próprias figuras que deram nome a ele.

Um exemplo claro disso, pôde ser observado numa matéria exibida pelo Programa Clube Rural, disponível na plataforma do Globoplay¹⁶, no ano de 2014, em que três membros do Coral do Museu do Vaqueiro foram entrevistados sobre de que forma consideravam o local como uma representação desse importante ofício e de suas práticas culturais para a cidade. Porém, apesar das falas alinhadas pela importância da preservação dessa cultura, nenhum desses membros desempenhavam essa profissão, sendo estes: pedreiro, estudante e dona de casa, o que denota um distanciamento dos objetivos para com o cotidiano, que é objeto do referido museu.

Essa distância entre os atores ao qual o museu faz menção e os indivíduos que de fato desempenham cotidianamente o ofício de vaqueiro podem ser uma das razões deste local nunca ter se transformado em um espaço disputado e visitado pelos mesmos. Em um livro confeccionado pelo próprio museu, em 2018, encontram-se fotografias da II Mostra Cultural do Ponto de Cultura Museu do Vaqueiro, em que diversas atividades são percebidas, como o Coral e as oficinas ofertadas à comunidade, onde, mesmo com a presença de várias pessoas usando os trajes típicos, nenhum “vaqueiro de ofício” se faz presente.

Tais eventos, contavam com a presença de estudantes, professores, músicos, artistas, escritores, etc., mas não com aqueles ao redor do qual as atividades supostamente estavam girando: os vaqueiros, conforme se observa na imagem:

Figura 24: Eventos realizados no Museu do Vaqueiro.



Fonte: Livro do Museu do Vaqueiro, 2018.

¹⁶ Link da matéria: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/04/museu-reune-pecas-que-representam-cultura-do-vaqueiro-no-piaui.html>.

Aqui podemos refletir se o museu não teria sido baseado, quase que unicamente, em argumento de autoridade da própria fundadora, ou seja, em uma vontade pessoal de construir um espaço para abrigar a memória do principal símbolo cultural dessa região (que deu nome ao museu). Porém, diante dos fatos observados no decorrer deste trabalho, é possível imaginar que o museu nunca despertou o interesse da população como um todo e, principalmente, dos próprios vaqueiros pelo fato de se tratar de uma representação que trata somente de um passado que supostamente já passou de fato, enquanto as festividades que envolvem o Dia do Vaqueiro estariam vivas e em constante movimento, no presente.

Ademais, nessa mesma dissertação abordada, a historiadora Rocha constrói uma proposta de organização de uma exposição intitulada “Reis e Caretas”, que trataria das manifestações sobre o Reisado da cidade de Alto Longá, com o intuito de trabalhar – tendo como ponto de partida o Museu do Vaqueiro – questões que envolvem esse patrimônio cultural e as formas de reconhecimento deste pela população local, além das relações dele com as práticas culturais e religiosas ligadas ao próprio vaqueiro e suas diversas riquezas patrimoniais.

A partir dessa proposta de intervenção citada, podemos refletir também sobre as possibilidades de outras formas de contribuir para a valorização e o reconhecimento do referido museu. Talvez a busca por incluir novos atores sociais para além somente do vaqueiro em si, além de outras atividades, pois como defendem Áurea Pinheiro, Edilene Oliveira e Rejane Sousa, no trabalho “Educação Patrimonial no Museu da Vila, Luís Correia, Piauí, Brasil”:

As ações educativas em museus têm o objetivo de construir uma educação comprometida com a transformação social. No processo de aprendizagem, não basta saber o que são os bens musealizados do museu, é preciso compreender seu contexto social junto a uma consciência crítica e abrangente da realidade que o cerca (Pinheiro; Oliveira; Sousa, 2022, p. 352).

Em outras palavras, é fundamental expandir o universo do museu para além daquilo que habitualmente se convencionou, no senso comum, imaginar seus objetivos e práticas; de modo a tornar possível que este se transforme em uma ferramenta comunitária de construção de variados conhecimentos, através de vivências coletivas nele e partir dele. Acerca dessa intercessão entre esses espaços de memória que abrigam patrimônios culturais e a comunidade que habita e convive ao seu redor, contribuindo para o entendimento de que:

A inclusão permite ao educador e educando novas formas de ensino-aprendizagem, os bens patrimoniais existentes passam a ser reconhecidos por eles, além do contato direto com a comunidade local; há o enriquecimento da aprendizagem, a partir da constituição de uma identidade pessoal e coletiva de professores, alunos e pais, na verdade a comunidade escolar e seu entorno. (Pinheiro; Oliveira; Sousa, 2017, n. p).

Outra tarefa relevante seria a de se refletir sobre as variações que por ventura tenha ocorrido ao longo do tempo com essas práticas e manifestações, pois como bem demonstrado até aqui, elas se mostram, em linhas globais, serem dotadas de características diferentes, transitórias e mutantes. Ademais, é possível ainda tratar da possibilidade de trazer mais visibilidade para outros agentes, ao propor uma análise dos eventuais atores que foram “esquecidos” durante toda essa trajetória representacional.

Antes do próximo capítulo, é imperioso tratar dos preceitos básicos de patrimônio em si, que se mostram intimamente interligados com a própria noção de cultura, pois essa comentada “educação” teria no conceito de patrimônio cultural, seu ponto de partida. Sandra Pelegrini em *A gestão do patrimônio imaterial na contemporaneidade* aponta o seguinte:

O patrimônio cultural do país foi definido como conjunto de bens de natureza material e imaterial (tomados individualmente ou em sua totalidade) portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Entre tais bens se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; sítios de valor histórico, urbanístico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Pelegrini, 2008, p. 152).

Após o entendimento de que as definições sobre os patrimônios abarcam expressões das mais diversas possíveis, ratifica-se a noção de que, tanto os espaços e objetos físicos quanto as práticas e manifestações presentes nas festividades do Dia do Vaqueiro e no Museu do Vaqueiro dialogam com os conceitos fundamentais sobre o patrimônio, de um modo geral.

Aqui podemos trazer para o debate a importante obra *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*, dos organizadores Regina Abreu e Mário Chagas, onde estão contidos dois capítulos fundamentais para entendimento dessa noção de patrimônio. O primeiro é “O patrimônio como categoria de pensamento”, de José Reginaldo Santos Gonçalves, em que o autor discorre sobre a construção do chamado “patrimônio imaterial

ou intangível”, que é uma nova concepção sobre esse tema, que se configura como uma oposição ao que o mesmo se referiu como “patrimônio de pedra e cal”, ao abranger manifestações culturais, como se vê:

Nessa nova categoria estão lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas etc. Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspectos materiais e mais nos aspectos ideais e valorativos dessas formas de vida. Diferentemente das concepções tradicionais, não se propõe o tombamento dos bens listados nesse patrimônio. A proposta existe no sentido de registrar essas práticas e representações e acompanhá-las para verificar suas permanências e suas transformações (Gonçalves, 2009, p. 28).

Percebe-se que essa nova concepção sobre o patrimônio, passou a considerar a cultura muito mais sob os critérios que envolvem a simbologia e os laços coletivos diversos, em detrimento daqueles que somente englobavam aspectos físicos e/ou eminentemente conceituais. Esse entendimento se baseia nas ações e práticas gerais realizadas pelos seres humanos, pois como bem observado pelo autor “O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas” (Gonçalves, 2009, p. 31).

Ao analisar esses entendimentos, é possível inferir que a maioria das representações existentes em torno do vaqueiro na cidade de Alto Longá, se enquadram nessa categoria, pois se tratam de rituais diversos, manifestações religiosas e musicais, competições culturais típicas, etc. Nesse aspecto, podemos seguir para a análise do outro capítulo da obra citada anteriormente, chamado “Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural”, de Maria Cecília Londres Fonseca, onde são feitos alguns questionamentos acerca da ampliação do conceito de patrimônio cultural e das formas de preservação dessas manifestações, com foco nos patrimônios imateriais e suas características, conforme o próprio título sugere.

Nesse trabalho são debatidas as recentes políticas de valorização cultural desses bens patrimoniais imateriais, em detrimento do amplo trabalho de tombamento e tentativas de conservação e preservação realizadas historicamente para com os patrimônios materiais, o que levou à uma construção de idealizações que quase sempre vão na contramão das transformações, atualizações e dinâmicas, que são inerentes à essa categoria patrimonial agora em foco, que atribui mais valoração aos sentidos e símbolos do que propriamente aos objetos. A respeito desse aspecto, podemos observar que:

Todo signo (e não apenas os bens culturais) tem dimensão material (o canal físico de comunicação) e simbólica (o sentido, ou melhor, os sentidos), como

duas faces de uma moeda. Cabe fazer a distinção, no caso dos bens culturais, entre aqueles que, uma vez produzidos, passam a apresentar relativo grau de autonomia em relação a seu processo de produção, e aquelas manifestações que precisam ser constantemente atualizadas, por meio da mobilização de suportes físicos — corpo, instrumentos, indumentária e outros recursos de caráter material —, o que depende da ação de sujeitos capazes de atuar segundo determinados códigos. A imaterialidade é relativa e, nesse sentido, talvez a expressão “patrimônio intangível” seja mais apropriada, pois remete ao transitório, fugaz, que não se materializa em produtos duráveis. (Fonseca, 2009, p. 68).

Percebe-se que a autora, além de realçar uma distinção conceitual entre as duas espécies patrimoniais maiores, realizou também uma reflexão sobre a relação prática entre as duas, trazendo agora a nomenclatura de “intangíveis” para os bens patrimoniais chamados até então de imateriais. Realizando uma ligação dessas ideias com as representações existentes em torno da figura do vaqueiro, podemos entender que até mesmo os patrimônios materiais (como os objetos de couro da indumentária, por exemplo), necessitam da atuação dos sujeitos que as utilizam, e essas ações práticas realizadas pelos mesmos, se transformam em manifestações que, apesar de uma certa matriz de rituais, estão em constante mutabilidade e atualização (a exemplo das ações que compõem a missa, a cavalgada, a procissão, as corridas, o leilão, etc.).

Para exemplificar ainda mais claramente essas relações, Fonseca (2009) realiza uma metáfora entre essas duas vertentes patrimoniais e dois círculos em rotação, onde, mesmo havendo interação rotacional recíproca entre eles, os bens materiais seriam de amplo diâmetro, porém com lenta rotação. Em contrapartida, os bens intangíveis possuiriam diâmetro pequeno, mas rápida rotação. Isso demonstra que, mesmo aparentemente os símbolos físicos se mantendo intactos, na prática eles sofrem algumas modificações de cunho estrutural, visto que são influenciados pelas dinâmicas dos símbolos intangíveis.

Assim, as manifestações imateriais presentes na Festa do Vaqueiro (que são inclusive muito mais numerosas que os tipos materiais), sem dúvida são aquelas que possuem maior influência na manutenção e nas transformações que essas festividades sofrem a cada ano. Por outro, podemos pensar também no Museu do Vaqueiro sob a ótica dessa discussão, pois ao ter como centralidade os bens físicos em si e não as formas de trabalhar de com eles, este espaço nunca teve a importância que se imaginou que tivesse, o que culminou com o seu fechamento.

Para ilustrar essa característica marcante dos bens patrimoniais intangíveis, podemos observar esse exemplo citado no trabalho em análise:

Impossível negar, por exemplo, que a arte do repente seja um patrimônio cultural do Brasil, mas impossível também é tombá-la. Sua manutenção depende, sobretudo, da adoção de medidas de apoio a seus produtores, no sentido de preservar, na medida do possível, condições de produção, divulgação e formação de público, assim como costumam ser orientadas, por exemplo, as políticas voltadas para as artes cênicas. (Fonseca, 2009, p. 71).

Portanto, assim como as demais manifestações culturais imateriais, aquelas presentes em torno do vaqueiro em Alto Longá carecem, principalmente, não de uma preservação das estruturas existentes, mas sim das condições para aqueles que a constroem o façam, de modo que inevitavelmente eles sofrerão modificações, e são justamente estas que irão garantir, em sentido amplo, que essa cultura seja “preservada”.

4 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA ARTICULADOS ÀS REPRESENTAÇÕES DO VAQUEIRO

No livro *Educação Patrimonial e Patrimônio*, a arqueóloga e historiadora Márcia Bezerra preceitua educação patrimonial como:

[...] uma dimensão da educação cujo principal objetivo é promover a sensibilização sobre a importância do patrimônio, e de sua preservação, na formação de sujeitos de sua própria história, que atuam na reivindicação de seus direitos coletivos e no fortalecimento de sua cidadania. Nesse sentido, a educação patrimonial tem um caráter transformador e emancipatório (Bezerra, 2020, p. 63).

Conforme as ideias acima, apesar de ser uma das instâncias da educação patrimonial, as ações referentes a uma valorização e preservação das diversas formas de patrimônio por si só não garantiria seus objetivos como um todo, visto que esta vai mais além nas suas propostas, englobando ainda dimensões como, o ensino-aprendizagem em sentido *lato*, a construção da consciência cidadã e as reflexões acerca das construções e do Ensino de História.

Faremos a partir de então uma análise dessas dimensões, pois este será um dos pilares deste capítulo. Uma autora que se tornou referência recente nesse diapasão é a historiadora Helena Pinto, que ao desenvolver seu artigo intitulado “A educação patrimonial num mundo em mudança: educação e sociedade”, traça um paralelo entre esses objetivos e dimensões acima mencionados com aqueles que talvez o senso comum entenda que fossem os papéis da Educação Patrimonial, numa visão mais superficial da mesma:

Respeitar, valorizar, reconhecer a importância do patrimônio é importante, mas parece ter como principal objetivo educativo formar em valores “passivos” (respeito, apreciação, estima), o que não se pode considerar suficiente para ser analisado per se ou como um instrumento para o ensino e a aprendizagem do patrimônio, da história ou da cidadania (Pinto, 2022, p. 8).

Para que se consiga compreender essa “consciência patrimonial” anteriormente implícita, se faz importante, primeiramente, entender que todas as formas patrimoniais trazem consigo uma carga de valor e sentimento para todas as pessoas que se relacionam com elas. Pinto (2022, p. 2) mais uma vez comenta que: “[...]todas as formas de patrimônio cultural, sejam materiais, como monumentos, artefatos, objetos diversos,

sejam manifestações intangíveis, como tradições, música ou outros tipos de saber fazer, têm algo em comum: o facto de as pessoas lhes darem sentido”.

Nesse aspecto da criação de sentidos e significados para as questões patrimoniais, cabe agora realirmos uma reflexão mais profunda, que seria um diálogo entre esses patrimônios e a escolha pela construção e preservação dos mesmos. Para tal iniciamos nossa busca por entendimento no artigo “Pensar historicamente com a Educação Patrimonial: um não-guia”, das historiadoras Carmem Gil, Caroline Pacievitch e Melina Perussatto que, acerca dessa discussão, aduzem:

É certo que ações de Educação Patrimonial possibilitam o contato direto dos estudantes com vestígios do passado. Mas o contato por si só não é suficiente: precisamos criar dispositivos que permitam problematizar, situar, diferenciar, comparar e recriar sentidos em torno dos bens culturais. Por isso, não caberia no ensino de História fazer Educação Patrimonial apenas para resgatar, valorizar e preservar, pois, ao pensar historicamente, realizando crítica e questionando silenciamentos e privilégios, há espaço para o debate/construção/desconstrução desses processos de escolhas/seleções/patrimonializações (Gil; Pacievitch; Perussatto, 2022, p. 82).

Tecendo uma relação entre essas escolhas de patrimônios em detrimento do silenciamento de outros, com a Festa e o Museu do Vaqueiro, podemos buscar uma percepção de que ambos foram selecionados para esse processo de patrimonialização junto à comunidade da cidade de Alto Longá e região, deixando à margem outras manifestações de outras figuras que em algum momento histórico existiram e que não existem mais (pelo menos não na percepção genérica dos habitantes e da cidade como um todo).

Acerca da escolha da figura do vaqueiro, realizada e propagada há séculos como símbolo da cidade, materializado nas festividades diversas que viriam a culminar com a Festa do Vaqueiro, é fundamental pensar, dentro da Educação Patrimonial, sobre a sua própria trajetória de patrimonialização e os seus efeitos, pois:

O propósito na disciplina tem sido questionar uma razão patrimonial compreendida como branca, patriarcal, racista, ocidental e colonial que resultou na produção de exclusões. Sabemos que a organização do patrimônio cultural produziu juridicamente a não participação do cidadão, embora a ideia de heranças apregoasse que os bens eram de acesso público, de todos e para todos. Na prática, ao povo caberia aceitar a educação dos corpos incivilizados para apreciar o patrimônio – e, consequentemente, as narrativas históricas que representavam – eleito como herança (Gil; Pacievitch; Perussatto, 2022, p. 61).

No tocante às questões históricas locais, essa herança escolhida para compor essas narrativas representacionais, como dissemos anteriormente, vem desde o século XVIII e excluiu alguns atores e práticas, gerando o que pode ser comparado à uma espécie de “monoidentidade”. Com base nisso, buscamos no trabalho de Rodrigo Manoel Dias da Silva (2015, p. 222), denominado “Educação patrimonial e a dissolução das monoidentidades”, em que o mesmo destaca: “[...] estão em curso processos de ‘reenquadramento da memória’, em que negros, indígenas, mulheres e diversos outros coletivos vêm negociando o reconhecimento oficial de suas histórias e identidades e sua incorporação nas lógicas político-institucionais”.

Esses processos que buscam alcançar mudanças de olhares para com determinados indivíduos, grupos, acontecimentos, entre outros é de suma importância para os debates atuais sobre uma ideia de “predileção patrimonial”, inegavelmente estruturada ao longo dos tempos e que possui diversas formas de interesse em tais construções. Acerca disso as autoras Carmem Gil e Mônica Silva, no trabalho denominado “Notas de aulas com o patrimônio cultural: exercícios de ‘teorização prática sobre a prática de ensinar História’” pontuam:

Como professoras de História, para nós é muito relevante pontuar que o campo do patrimônio tem uma historicidade que não pode ser desconsiderada, referente à compreensão das disputas, das lutas e dos conflitos de memória que via de regra pautam esse campo, sobretudo em relação ao patrimônio herdado. Além disso, é importante considerar que o patrimônio como herança traz junto de si a discussão do futuro. Ou seja, ao desenharmos propostas de Educação Patrimonial para a formação de crianças e jovens, é importante considerar que o futuro é uma construção do presente, no qual devemos tomar decisões, engajando esses grupos a refletir ativamente sobre que patrimônio desejam preservar, por quê, para quem, como e quais os usos no presente (Gil; Silva, 2021, 147).

De acordo esse excerto, apesar de não poder haver uma desconsideração da trajetória que determinados patrimônios tiveram ao longo da História (o que denota um certo foco sobre o passado), cabe à Educação Patrimonial se debruçar sobre as escolhas para que esses fossem edificadas e preservados, como forma de entendimento dos estudantes acerca dos interesses por trás dessas construções, de modo que seja possível gerar reflexões sobre esses no momento atual e com vistas a situações posteriores.

Contudo, para além dessas escolhas iniciais feitas por e para determinados grupos, cabe ao poder público e à sociedade como um todo se envolver continuamente nesse processo histórico de identificação com tais patrimônios, pois:

O património não é uma entidade estática, é constituído por múltiplas camadas de seleção, preservação e construção de restos do passado no presente, visando ao futuro, num processo de atribuição de sentido por produtores, curadores, educadores e comunidades, muitas vezes justificando identidades. O significado do património muda, por isso, com o tempo e os lugares. Há, geralmente, uma atribuição de valor a essa relação. No entanto, há, e sempre houve, aspetos do património que são contestados, embora alguns o sejam mais do que outros. O património faz parte, também, das políticas de identidade promovidas pelos governos nacionais e locais, levando, por vezes, à exclusão e à divisão (Pinto, 2022, p. 2).

Portanto, urge que possamos compreender que as noções e sentidos que os indivíduos atribuem às questões patrimoniais além de serem mutáveis, dinâmicas e formadas por múltiplas visões, envolvem ainda variadas tomadas de decisão ou de conscientização, que por um lado pode produzir identificações e por outro silenciamentos, conforme exposto nos parágrafos anteriores.

Com isso pode se inferir que as questões patrimoniais abrangem também campos imaginados como externos, que interagem com os seus conceitos e características. Acerca desse “alargamento epistemológico”, Bezerra preceitua:

É preciso lembrar que o termo educação patrimonial reúne dois campos de conhecimento vastos e complexos: educação e património. Assim, o que se entende por educação patrimonial depende, entre outros aspectos, das noções de educação e património que fundamentam a sua prática; refletir sobre isso é imprescindível. A educação patrimonial contribui para a preservação do património, mas não deve ser reduzida a esse fim, e tampouco a uma metodologia. Afinal, educação patrimonial é educação (Bezerra, 2020, p. 65).

A partir das citações acima, depreende-se que para além do ideal de preservar eventuais práticas, locais e objetos patrimoniais, essa educação deveria se voltar também para si mesma enquanto terminologia, gerando reflexões mais profundas e entendimentos mais críticos sobre estas temáticas. No que tange a essa passagem, Pelegrini (2008, p. 149), com muita clareza afirma: “[...] a salvaguarda de um bem material ou imaterial só tem sentido se esse património for reconhecido pela comunidade, se estiver relacionado ao sentimento de pertença desse grupo e incluso na sua dinâmica sociocultural”.

Este último capítulo vai refletir ainda, a partir dessa Educação Patrimonial e suas análises críticas, o que se pode fazer com os objetos relacionados à temática deste trabalho, ou seja, a cidade e o vaqueiro enquanto suas dimensões representativas, bem como as potenciais conexões com o Ensino de História. Por isso pensamos ser importante destacar também essas duas vertentes, o que faremos adiante.

Ao passo em que se compreende o âmbito e os principais objetivos da educação patrimonial, cabe uma reflexão sobre a utilização dentro das aulas do componente curricular de História, e a partir dele, utilizando os conceitos e áreas afins para com a mesma, como bem orienta Pinheiro; Brito (2017, n. p). “[...] a educação patrimonial é uma forma possível de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. A inclusão de temas no campo da história, da memória, da cultura e da identidade promove o sentido de pertença entre comunidade escolar e local”.

Percebe-se, na fala das autoras, a defesa de que essa educação, a partir dos aspectos patrimoniais, teria a força de unir temáticas tão relevantes e próximas do nosso objeto de pesquisa, como cultura, identidade e memória com modalidades de ensino e aprendizagem de História que englobe de fato todos os participantes do processo educacional e faça os mesmos se perceberem como atores desta caminhada.

Antes de adentrar mais profundamente sobre o Ensino de História em si (conceito que inclusive está na própria denominação desse curso de Mestrado Profissional), cabe pontuar uma reflexão interessante feita no trabalho “Um lugar na história para a didática da história”, de Luís Fernando Cerri:

Não tivesse sido apropriado por uma escola específica, o termo “educação histórica” seria uma forma mais apropriada de referir-se ao fenômeno social e educacional que chamamos comumente de “ensino de história”, termo que por sua vez é limitado ao trazer à tona apenas um dos aspectos da educação, o ensino, velando o aspecto fundamental da aprendizagem (Cerri, 2017, p 23).

Apesar de parecer muito sutil e até irrelevante, essa visão de que o termo “Ensino de História” poderia ter sido constituído como “educação histórica” faz todo o sentido quando refletimos que o processo educacional se faz tanto pelo ensino quanto (e talvez até com maior relevância) pela aprendizagem. É como se a construção desse termo também tivesse escolhido dar maior ênfase aos docentes (que praticam esse ensino) do que aos estudantes (que devem culminar com essa aprendizagem).

Como citado anteriormente, a educação patrimonial se aproximaria dessa própria “educação histórica”, como forma de construir conversas entre as duas e isso se transformar em possibilidades de maior interação entre suas múltiplas abordagens. Acerca disso, Gil; Pacievitch; Perussatto (2022, p. 72) defendem que devemos: “[...] lançar mão da Educação Patrimonial para aproximar saberes locais, fazer a crítica à colonialidade e promover patrimônios silenciados, na construção de experiências de ensino de História”.

Embora sejam em trabalhos distintos, Carmem Gil busca trazer à tona o que ela mesmo chamou, no trecho acima, de “patrimônios silenciados”, que deveriam se tornar presentes nos debates historiográficos, de modo a fazer emergir variadas espécies e formas de promover um ensino e aprendizagem nessa área, como fica claro em:

É importante ler mais sobre o campo do patrimônio e do ensino de História, vivenciar o contato com bens e projetos culturais, realizar leituras da cidade a partir de diferentes linguagens, insurgir-se diante das histórias ausentes nas narrativas patrimoniais, das ações e dos projetos de valorização e preservação dos patrimônios de pedra e cal (Gil, Silva, 2021, p. 145).

Verifica-se então a necessidade de trabalhar temáticas ligadas ao patrimônio cultural desde cedo nas escolas. Essas práticas teriam o potencial de desenvolver, ao longo de toda vida escolar dos estudantes, uma espécie de “consciência patrimonial”. Sobre isso Pinto (2022, p.3) realça que “[...] é fundamental que isso seja estimulado logo desde os anos iniciais do processo de ensino e aprendizagem, proporcionando oportunidades de utilização do patrimônio como fonte histórica e de desenvolvimentos do pensamento crítico dos jovens”.

Na verdade, não apenas História e suas temáticas específicas ou de maior proximidade, mas as demais disciplinas escolares, denominadas mais recentemente de “componentes curriculares”, podem receber esse auxílio da Educação Patrimonial, conforme percebido em:

A educação patrimonial acaba por se tornar um campo interdisciplinar, pois abrange todas as disciplinas do currículo escolar estando relacionadas às atividades didático-pedagógicas dentro e fora do ambiente escolar. Ela permite a processo de construção e reconstrução do conhecimento, pois relaciona o contexto local de uma maneira interdisciplinar, envolvendo as disciplinas, a cultura e a realidade da comunidade escolar (Pinheiro; Brito, 2017).

Mais uma vez essa linha de que a Educação Patrimonial pode ser uma ponte entre os conhecimentos curriculares de um modo geral e o cotidiano dos sujeitos envolvidos direta ou indiretamente com o contexto escolar é corroborada, visto que toda a comunidade está, de alguma forma, envolvida com esses espaços, pois os mesmos constroem os aspectos relacionados à participação cidadã, crítica e reflexiva frente a toda a sociedade.

Essas reflexões citadas, desenvolvidas com a ajuda da Educação Patrimonial, podem ser uma alternativa para as dimensões propositivas trazidas pelo produto de intervenção – que no caso deste trabalho foi escolhido o formato de uma unidade temática

para auxiliar professores locais – ao buscar trazer para o debate as eventuais figuras silenciadas a partir da voz que foi concedida somente ao vaqueiro, bem como analisar criticamente as questões enraizadas referentes aos mesmos no cotidiano da cidade e seus municípios, inicialmente ligados à Festa do Vaqueiro. Assim, ao tratar como foco as novas visões acerca desse objeto de pesquisa, a própria Educação Patrimonial, dentro do Ensino de História, realizaria mudanças nas suas estruturas, como se verifica:

Portanto, o tripé conhecer-valorizar-preservar em relação ao patrimônio é, no ensino de História, proposto como criar-interrogar-reparar, de forma que as ações de Educação Patrimonial no ensino de História possam promover encontros e diálogos de pessoas, saberes, lugares, fazeres, formas de expressão, celebrações e narrativas de vidas (Gil; Pacievitch; Perussatto, 2022, p. 62).

No tocante ao Museu do Vaqueiro, no contexto dessa proposta de intervenção, podemos analisar de que forma o mesmo poderia ser utilizado também enquanto ferramenta para compor uma maior aproximação entre as temáticas locais e o próprio ensino-aprendizagem, conforme Pinto se refere:

Tal é válido, também, para os objetos dos museus, pois esses são mais do que “coisa morta”, são algo que, para além das suas funções, são investidos de afeto, desejo e outras emoções, para serem vividos. É possível, portanto, aprender sobre e com o patrimônio. Os estudantes podem adquirir uma visão da dinâmica do patrimônio – seleção, construção, preservação, expressões de identidades locais, nacionais ou transnacionais – e reconhecer as dimensões temporais do patrimônio: passado, presente, futuro (temporalidade) (Pinto, 2022, p. 5).

Ademais, entre as possibilidades de trabalhar no produto educacional, as metodologias da Educação Patrimonial, tanto relacionado às festas quando ao museu, há a perspectiva de transformar a visão dos estudantes (e por consequência de toda a sociedade,) acerca das escolhas por tais representações identitárias, de modo que eles sejam criticamente conscientes da realidade que os cercam, pois como assevera Gil; Pacievitch; Perussatto (2022, p. 78):

esperamos que, numa aula de História, os estudantes sejam capazes de situar os patrimônios nos múltiplos tempos e contextos que os envolvem, para além de apenas identificar que pertencem “aos tempos de antigamente” e que devem ser preservados por serem velhos.

Assim, torna-se imperioso que os agentes envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem, especialmente aqueles que conduzem o caminhar dos mesmos (os

docentes), sejam os primeiros a compreender de fato a real natureza da Educação Patrimonial, de modo que consigam transmitir esses entendimentos para os demais componentes da jornada educacional. Acerca dessa missão importante dos professores, há a defesa de que:

As propostas de educação patrimonial requerem uma postura de compromisso do educador, posição crítica, reflexiva sobre o espaço onde vive e principalmente sobre as dinâmicas culturais e políticas, sobre as lógicas sociais presentes no mundo ao seu redor. Por isso, o maior desafio dos educadores é saber como incluir a metodologia da educação patrimonial no movimento do cotidiano local nas disciplinas escolares que ministra, o que está diretamente ligado à identidade docente e sua formação que deve pautar-se na conscientização da pluralidade cultural por meio da valorização do patrimônio cultural em ações educativas (Pinheiro; Brito, 2017, n. p).

Essa passagem acima, reforça o entendimento de que as questões representacionais em torno da figura do vaqueiro na cidade de Alto Longá podem ser trabalhadas a partir da metodologia patrimonial, que deve ser pautada pela criticidade e reflexão, com um cuidado de como inseri-la no Ensino de História, fazendo conexões com o contexto local e seus atores. No trecho acima, o maior destaque é dado aos profissionais da docência, no sentido de como estes conduzem o fazer temático, pedagógico e metodológico, pois:

O trabalho docente apresenta as marcas subjetivas de seu autor (o professor e a professora), que podem ser percebidas pelo modo como esse seleciona e ordena os assuntos, organiza e desenvolve um determinado repertório sobre os temas, produz hierarquias, apresenta ênfases, elege, interpreta e relaciona determinada bibliografia, maneja ferramentas e procura dar sentido a suas aulas. No entanto só o(a) próprio(a) professor(a) como narrador(a) de seu trabalho pode desdobrar esses elementos, dispondo da linguagem como recurso narrativo para atribuir significados à sua prática. Nesse exercício narrativo, somos autoras dessa reflexão e, portanto, sujeitos na construção de nossos pontos de vista sobre a nossa prática de ensinar, configuradas pela nossa linguagem que selecionou, apresentou ênfases, refez os percursos dessa prática, colocou acento em determinadas escolhas e acontecimentos frente a outros, produzindo sentido para essa ação (Gil; Silva, 2021, p. 144).

Como bem demonstrado pela fala das autoras, os professores são protagonistas na formação de opinião a partir das temáticas que ele aborda e da forma como o faz, devendo estes prezar pela consciência crítico-reflexiva também do seu próprio trabalho docente e das escolhas que ele deve realizar durante a sua prática educacional. O artigo “Ensinar história [entre]lçando futuros”, de Carmem Gil, Caroline Pacievitch, Fernando Seffner e Nilton Pereira, aborda esse aspecto comentado:

É, também, exercer a docência ciente da dimensão política e ética da história, deixando-se interpelar pela pergunta: Como estudar o presente de forma que as memórias do passado ajudem a interpretar o que passa hoje? Assim, a dimensão política e ética da história recente é também uma possibilidade na construção de futuros. Entre o passado que estuda e o presente que vive, resta ao/a professor/a de história situar a experiência vivida no contexto histórico de forma que possa ampliar a compreensão da e abrir a vida para novas experiências (Gil *et al.*, 2020, p. 4).

Observa-se nessa passagem uma análise interessante sobre a relação entre as dimensões passado/presente/futuro e as situações de aprendizagem que o professor pode oferecer no trabalho específico com as questões históricas, ao aliar o conhecimento já existente com as novas possibilidades que atualmente existem. Nesse olhar mais holístico sobre o processo como um todo, abrem-se espaços para o debate sobre a produção do conhecimento histórico pelos próprios professores, durante toda a sua formação, de um modo geral, e suas ações educativas práticas, no chão da escola e ao redor dele.

É de conhecimento geral, que essa posição do professor da educação básica, frente ao conhecimento sempre ocorreu – majoritariamente – como uma dicotomia entre quem produz e quem transmite os mesmos, atribuindo a tais docentes quase sempre o papel somente de transmissão (não que esta não tenha enorme relevância), mas que não abre horizontes para percebê-los como agentes também construtores. Pensando nisso, Gil e Silva propõem a seguinte reflexão:

Zavala propõe pensarmos a relação entre teoria e prática rompendo a submissão da prática em relação à teoria. Tal separação foi responsável pela divisão entre professores da Educação Básica (transmissores do conhecimento) e da Educação Superior (produtores do conhecimento). Se a prática é o relato de uma ação combinada com as nossas vivências e as tradições de ensino, não parece coerente reduzir a prática à aplicação da teoria, entendida como o produto da academia (Gil; Silva, 2021, p. 146).

Assim, ao passo em que são reconhecidos – e também se reconhecem – como produtores de conhecimentos, os profissionais docentes que atuam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental e Médio rompem com essa separação de categorias que supostamente existia no âmbito “escolar-acadêmico”, onde estes sempre figuravam fora da construção do próprio conhecimento histórico, papel esse que era destinado aos colegas dos quadros das universidades, como se somente estes, por estarem mais cotidianamente lidando com trabalhos de pesquisa, dominassem os debates, as conceituações e as caracterizações que permeiam o Ensino de História.

A partir dessa mudança de perspectivas, pôde se perceber que tais profissionais, por serem aqueles que estão na lida direta com toda a comunidade escolar no dia a dia e conhecerem de perto todas as realidades, as dificuldades, os potenciais existentes, podem servir como pontes para uma união de esforços entre teorias e práticas desse conhecimento histórico. Com isso o Ensino de História poderia alcançar uma proximidade maior entre o mundo ideal e o mundo real.

Nesse diapasão, podemos trazer para o debate a autora Circe Bittencourt, que no livro *O Saber Histórico na Sala de Aula* trata de diversas nuances relacionadas à prática docente dos profissionais dessa área, refletindo, por exemplo, sobre as mudanças no Ensino de História nos dias de hoje, a formação do professor e suas dificuldades no cotidiano escolar, as inconsistências dos currículos (tanto das grades estudadas na universidade quanto das ensinadas no ensino básico), entre outras.

Tratando especificamente do trabalho docente e de sua importância estratégica enquanto agente mediador de todo o processo de ensino e aprendizagem, tópico ora debatido aqui, Bittencourt assevera que:

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vistas. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemática (Bittencourt, 2012, p. 57).

Percebe-se que a autora defende que o Ensino de História deve ser pautado pela transformação dos estudantes em agentes também construtores do conhecimento através de sua formação crítica e reflexiva, que tem no papel do professor uma espécie de direcionamento e orientação, pautado pelo chamado “processo de aprendizagem histórica”, em que a própria construção coletiva desses conhecimentos devem ser pensadas criticamente pelos seus agentes produtores, pois como Bittencourt (2012, p. 57) afirma: “a sala de aula não é apenas um espaço onde transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos”.

Para reforçar essa discussão entre as dimensões teóricas e práticas da História e o cotidiano de trabalho dos professores dos níveis mais básicos da educação, Cerri assevera com muita maestria:

É que, quando se reflete sobre a história e seu ensino, quando se desenvolve a reflexão didática, as questões que se colocaram para os didatas da História são espontâneas, e mesmo necessárias. Em primeiro lugar, porque recolocam o ensino escolar de História na sua dimensão real, mergulhado na vida da sociedade que o produz, no intercruzamento e no inter-relacionamento entre os vários focos de produção de sentidos e narrativas históricas não acadêmicas ou não científicas. O conceito de consciência histórica dá formalidade e consistência à ideia, constituída nesses diversos processos de mudança, de que o conhecimento histórico ultrapassa a academia e constitui-se desde diversas formas, conteúdos, funções e focos de enunciação. Assim, o conhecimento histórico escolar não pode ser apenas o conhecimento acadêmico resumido ou simplificado para o público infanto-juvenil, mas um daqueles focos sociais nos quais a história é produzida em formas, conteúdos e funções próprios ao seu contexto (Cerri, 2017, p. 19).

Foi muita assertiva essa colocação anterior, ao analisar que este conhecimento histórico ensinado nas escolas é maior e mais amplo que o próprio conhecimento produzido nas academias universitárias, pois apesar de utilizá-los para cumprir a tarefa de ensino e aprendizagem, esta última se caracteriza pela complexidade formal e pela individualidade real de cada comunidade escolar que se utilize como recorte.

Outra vertente que possui consonância com a realidade do Ensino de História são as atuais terminologias que implicam em novas metodologias de abordagem e trabalho, contidas nos currículos dos cursos de História, a níveis de graduação e de pós-graduação, nos dias de hoje, como se verifica:

Na ementa dos programas das disciplinas e nos apontamentos feitos para guiar as aulas dadas por nós, percebemos que, com reformulações na linguagem, aparecem expressões como “elaboração do planejamento das aulas de História em sintonia com a realidade escolar contemporânea”; “evitar que a história seja vista como ciência que se ocupa unicamente do passado”; “reflexão sobre a realidade vivida pelos alunos para melhor desenhar o planejamento das aulas de ensino de História”; “capacidade em estabelecer conexões entre os tópicos da História ensinada e os temas da realidade vivida pelos alunos”; “desenvolver estratégias para produção de aprendizagens significativas em História, entendidas como aquelas em que as lições do passado iluminam questões do presente e fazem diferença na vida dos alunos, modificando seus modos de ser e pensar” (Gil *et al.*, 2020, p. 7).

Conforme verificado nos termos utilizados acima, os objetivos de aprendizagem na área de História, atualmente, têm como direcionamento a promoção de um diálogo entre as temáticas trabalhadas no ambiente escolar e a realidade vivida pelos estudantes no seu cotidiano. Isso pode demonstrar uma tendência de aproximação entre as grades curriculares oferecidas nos cursos de graduação e o conhecimento histórico baseado em aprendizagens significativas, que serão debatidas mais detalhadamente alguns parágrafos a seguir.

A respeito dessa questão curricular – citada superficialmente acima – é importante verificar como estão as estruturas atuais e de que formas as mesmas impactam nas possibilidades das práticas docentes, tanto de um modo geral, quanto no Ensino de História. Antoni Zabala, no livro *A prática educativa: como ensinar*, aborda tanto a parte de organização dos conteúdos quanto os materiais curriculares e recursos didáticos diversos. Nessa primeira perspectiva, o autor faz uma reflexão de que houve uma tradição histórica na construção dos currículos, baseados em uma organização rateada dos conhecimentos, que eram divididos em disciplinas, de forma fixa, e que acabavam por gerar visões quase sempre unilaterais de aprendizagem.

Nesse sentido, Zabala propõe modificações nesse modelo centralizador do ensino nas próprias disciplinas ou temáticas isoladas, passando a ter como referência o que o autor chamou de “métodos globalizadores”. Em outras palavras, uma reorganização dos conhecimentos, amplamente denominadas de “conteúdos”, para que o foco seja a aprendizagem destes, numa perspectiva de compreensão da realidade, baseada em aspectos globais e transdisciplinares. O próprio Zabala (2002, p. 28) afirma que “as disciplinas não são o objeto de estudo, mas o meio para obter o conhecimento da realidade. Nos métodos globalizados, o que interessa é oferecer respostas a problemas ou questões que a realidade coloca”.

Ainda refletindo sobre essa organização dos currículos escolares e de que forma isso impacta na própria prática docente, devemos analisar como estes estão presentes na principal fonte de recursos para o trabalho do professor na educação básica, a mais utilizada e às vezes praticamente a única a que os estudantes tem acesso, o livro didático. Sobre esses aspectos importantes, Bittencourt afirma que:

O livro didático é também um depositário dos conteúdos escolares, suporte básico e sistematizador privilegiado dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares; é por seu intermédio que são passados os conhecimentos e técnicas considerados fundamentais de uma sociedade em determinada época. O livro didático realiza uma transposição do saber acadêmico para o saber escolar no processo de explicitação curricular. Nesse processo, ele cria padrões linguísticos e formas de comunicação específicas ao elaborar textos com vocabulário próprio, ordenando capítulos e conceitos, selecionando ilustrações, fazendo resumos etc. (Bittencourt, 2012, p. 72).

É perceptível que os livros didáticos se apresentam como produtos da construção curricular de cada época, ao passo em que são uma materialização das teorias que compõem essas citadas propostas, pois conforme observado nessa passagem, os mesmos

seriam como suportes para a sustentação dos conhecimentos que as matrizes curriculares privilegiaram na sua sistematização.

Nesse sentido, Bittencourt cita como exemplo prático desse aspecto, o fato dos materiais didáticos que as escolas de um modo geral têm acesso – notadamente os livros oficiais – possuírem sempre um exemplar ou modelo chamado “do professor” ou do “mestre”, o que escancararia que todo o processo de ensino e aprendizagem baseado nos conhecimentos estruturais dessas fontes seriam de certa forma padronizados ao professor, visto que comumente trazem “[...] tarefas que os alunos devem desempenhar para a apreensão ou, na maior parte das vezes, para a retenção dos conteúdos. Assim, os manuais escolares apresentam não apenas os conteúdos das disciplinas, mas como esse conteúdo deve ser ensinado” (Bittencourt, 2012, p. 72).

Ademais, é possível afirmar que os principais materiais didáticos destinados e utilizados pelos professores na educação básica (os livros didáticos) são produtos de uma lógica de manutenção das estruturas curriculares que, por sua vez, tem origens históricas e culturais, sendo de interesse de mercado e de consumo. Assim, ao se construir um currículo padronizado, simplificado e condicionado a ele próprio, constroem-se também fontes que impedem uma aprendizagem crítica e reflexiva, que tenha real significado para os discentes.

Contudo, apesar de todas essas dificuldades enfrentadas, é necessário que os docentes primeiro tenham a consciência de que tais materiais didáticos são organizados a partir dos conhecimentos que todo esse “sistema” elege como sendo importantes, e depois os mesmos saibam utilizá-los da melhor forma possível, visto que não há como fugir totalmente da sua utilização, por motivos diversos. Acerca disso Bittencourt é assertiva ao afirmar:

Ao se considerar a dimensão das formas de consumo do livro didático, não se pode omitir o poder do professor. Cabe a este, na maioria das vezes, a escolha do livro, e sua leitura na sala de aula é determinada também pelo professor. Os capítulos selecionados, os métodos de leitura em grupo ou individual, assim como as tarefas decorrentes da leitura, são opções exclusivas (Bittencourt, 2012, p. 74).

Em outros termos, não apenas a organização curricular, mas também o cuidado do trabalho docente, devem primar pela criação de condições para uma aprendizagem significativa que busque uma configuração integradora de conhecimentos e que promova o desenvolvimento das capacidades globais dos indivíduos, conforme se verifica:

O conhecimento científico sobre as características dos processos de aprendizagem reforça a necessidade de utilizar formas de organização dos conteúdos que promovam o maior grau de significação nas aprendizagens, o que implica modelos integradores nos quais os diferentes conteúdos possam ser situados e relacionados em estruturas complexas de pensamento. E, do próprio âmbito das ciências, vimos a necessidade de potencializar modelos explicativos que superem a extrema subdivisão do saber (Zabala, 2002, p. 34).

É justamente sobre essas aprendizagens significativas que trata o produto educacional desta pesquisa, buscando esse elo entre os conhecimentos ao redor da figura do vaqueiro e as possibilidades de abordagem e trabalho na sala de aula e como uma extensão dela. Assim, a proposta de intervenção pedagógica sugerida como resultado deste trabalho terá como título “O vaqueiro na sala de aula e para além dela”.

O mesmo contará com as seguintes partes: na primeira, uma apresentação rápida e geral da própria temática em si, dos principais objetivos desse produto, da contextualização destes com os currículos vigentes e das características dos ofícios e saberes desse vaqueiro. No tocante à segunda parte, aparecerão as principais manifestações culturais contidas na Festa do Vaqueiro e algumas reflexões iniciais de como abordar esses aspectos pelos professores. Na terceira, do mesmo modo, estarão as informações referentes ao Museu do Vaqueiro e suas particularidades, traçando questionamentos básicos acerca de como aliar este espaço cultural ao ambiente educacional. Por fim, na quarta e última parte serão apresentadas sugestões de abordagem e situações de aprendizagem que aliem a cultura do vaqueiro à cidade de Alto Longá e ao Ensino de História.

Durante a construção desse material didático, buscou-se primar por uma educação mais propositiva e menos decorativa, onde procuramos aliar as competências, habilidades, objetivos da aprendizagem e objetos do conhecimento, presentes nos currículos atuais a nível estadual e federal, às temáticas relacionadas ao vaqueiro e suas manifestações culturais na cidade de Alto Longá. Importante pontuar que as escolhas dos componentes curriculares que integraram o referido material, produto desta dissertação, não são as únicas possíveis, mas apenas sugestões para inspirar os professores a construírem o seu planejamento, execução e avaliação.

Apesar de não terem sido todos utilizados, vamos reforçar alguns desses componentes dos currículos que são perfeitamente adequáveis às referidas temáticas, que já foram inclusive pontuados na introdução deste trabalho. No Currículo do Piauí para o Ensino Fundamental identificamos que as competências 1 e 4 mantêm relações

importantes com o tema em discussão, pois ambas tratam da compreensão dos acontecimentos históricos e culturais a partir de interpretações que levam em consideração as mudanças e permanências no decorrer do tempo, bem como a existência de variadas relações de poder, de múltiplos sujeitos, culturas e interesses, em que ambas prezam por uma análise crítica e significativa por parte dos sujeitos do processo de ensino e aprendizagem.

No contexto dessas duas competências descritas, verificou-se que as habilidades destinadas às turmas de 7º e 8º ano seriam as mais propícias para essa tarefa de contextualização. Assim, entre aquelas listadas no currículo para o 7º ano, podemos destacar as habilidades 09, 10 e 12 e alguns de seus respectivos objetivos da aprendizagem e objetos do conhecimento, pois nestas encontramos possibilidades de análise das formas de conquista e ocupação compulsória realizadas no Brasil Colônia; os impactos dessa conquista na imposição de culturas e no soterramento de outras; e a construção identitária do Piauí colonial a partir da expansão da atividade pecuária e suas características e consequências.

No tocante ao 8º ano, destacam-se as habilidades 14 e 22, nas quais encontram-se presentes discussões sobre a participação dos diversos povos e culturas na produção das identidades e dos imaginários predominantes no nosso país e das consequentes existências de preconceitos, invisibilidades e silenciamentos de certos grupos em detrimento de outros. Ao realizar uma análise detalhada sobre as competências e habilidades da Nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e do Currículo do Piauí para o Ensino Médio, percebeu-se que essas temáticas ligadas ao patrimônio e às representações culturais do vaqueiro possuem maior espaço para serem abordadas nas turmas de 2º e 3º ano.

Especificamente para o 2º ano, destacamos as habilidades 104 e 404, da área de Ciências Humanas e Sociais, e seus respectivos objetivos de aprendizagem e objetos do conhecimento que, entre outros aspectos, abordam questões relacionadas aos legados culturais de determinados povos, as identidades coletivas das pessoas, os lugares de memória e sua preservação, os patrimônios materiais e imateriais, bem como aos ofícios historicamente subalternos (como o vaqueiro), o que aponta para uma possível conexão entre os conhecimentos previstos em tais normas curriculares atualmente em vigor e aqueles que se pretende abordar a partir desse ofício e suas diversas possibilidades.

Para as turmas de 3º ano identificamos a habilidade 206, da mesma área de Ciências Humanas e Sociais que, em seus objetivos de aprendizagem e objetos do

conhecimento, são bem específicos quanto a sua principal abordagem, o que também deve facilitar o elo entre os documentos norteadores e a temática central deste trabalho, visto que as questões ligadas à criação de gado e à expansão dos territórios dominados pelos ditos “colonizadores” são literalmente presentes, o que pode tornar possível trabalhar diversos aspectos ligados ao principal responsável por toda essa atividade citada: os vaqueiros.

Queremos novamente deixar às claras que nossa pretensão com esta reflexão atual e com o produto educacional não é destinar atividades e/ou propostas prontas e acabadas para serem simplesmente aplicadas em sala de aula, mas sim gerar uma reflexão acerca de tudo que envolve essa temática e propor sugestões para nortear os professores na construção de suas próprias atividades e práticas docentes, conforme será verificado no referido material didático.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas neste trabalho partiram da percepção de um forte elo entre a figura do vaqueiro e o município de Alto Longá (PI), onde diversas manifestações se misturam com as próprias identidades construídas pela população longaense e por ela vivenciadas ao longo da sua história. Entre as mais destacadas representações culturais em torno do ofício de vaqueiro, presentes no cotidiano longaense, percebem-se tanto exemplos materiais (como a Casa do Vaqueiro, o Museu do Vaqueiro e o Prado Municipal) quanto imateriais (como a Procissão do Vaqueiro, a Missa do Vaqueiro, as Corridas de Vaqueiros, o Leilão do Vaqueiro), bem como as diversas simbologias existentes nos eventos de cavalgadas, cantigas de aboio, uso da indumentária típica, entre outros.

A partir dessas constatações, procurou-se compreender os significados existentes e os sentidos atribuídos pela população local às festividades e aos espaços onde as manifestações culturais, que envolvem o ofício do vaqueiro, são praticadas. Para isso investigou-se a trajetória que esses indivíduos possuem na própria formação identitária da cidade, refletindo acerca de como a comunidade longaense percebe e reconhece (ou não) a relevância destes no passado e no presente.

Como objetivos dessa pesquisa buscou-se fazer uma ampla reflexão sobre a construção das representações em torno da figura e do ofício do vaqueiro, em Alto Longá (PI), e a inserção dessas manifestações culturais na prática educativa daquele município. Para tal, foi necessário analisar todo o processo histórico de escolha e de estruturação do vaqueiro como o protagonista desse território; perceber de que forma a população longaense, de um modo geral, e os próprios vaqueiros se envolvem com essas práticas e espaços; e também refletir sobre as possibilidades de utilização dessas temáticas locais no processo de ensino e aprendizagem, a partir de um debate com as estruturas curriculares vigentes no atual sistema educacional.

Entre as principais fontes de pesquisa destacam-se documentos oficiais, obras de autores locais e coberturas jornalísticas existentes, em variados formatos (televisivo, digital, impresso etc.), compreendidas entre 2007 e 2023 que trataram das manifestações culturais que envolvem a Festa do Vaqueiro, assim como o espaço de memória do Museu do Vaqueiro através da análise de trechos, citações e depoimentos nestes encontrados.

Utilizou-se também da análise de dois importantes trabalhos acadêmicos – um artigo científico e uma dissertação de Mestrado – que versam sobre o Museu do Vaqueiro

como foco de pesquisa, além de apresentarem importantes dados, fatos e depoimentos, tanto de vaqueiros propriamente ditos quanto de profissionais diversos, sobre todo o processo de construção e manutenção deste espaço.

A metodologia de pesquisa utilizada foi a revisão bibliográfica, debatendo os conceitos referentes à cultura, tradição, identidade, representação, educação patrimonial, Ensino de História e currículo escolar, bem como sobre os aspectos históricos e culturais referentes à cidade, ao vaqueiro, às festas e ao museu.

Como resultados dos objetivos e questionamentos centrais dessa pesquisa, foi possível constatar que a comunidade longaense como um todo reconhece a contribuição identitária do vaqueiro para o município através da percepção das diversas representações existentes ao redor do mesmo. Contudo, percebeu-se, também, que esse reconhecimento não se aplica uniformemente a todas as práticas e espaços existentes, o que trouxe importantes respostas para entender-se a atualidade dessas simbologias.

Acerca da Festa do Vaqueiro, que envolve a comemoração do Dia do Vaqueiro e suas atividades afins, detectou-se um grande envolvimento da população (inclusive de outros municípios), visto que a cidade inteira é mobilizada para a ocorrência dessas festividades, que se transformaram numa espécie de quadro referencial cultural daquela região. As mesmas contam com o apoio financeiro e organizacional de instituições públicas, como a Prefeitura Municipal e a Câmara de Vereadores; organizações religiosas, como a Igreja Católica; e da própria sociedade civil, como grupos de casais e de jovens, associações e das pessoas de forma individual, o que explica a grandeza desses eventos.

Observou-se ainda que alguns aspectos ajudam nessa identificação e envolvimento dos próprios vaqueiros nessas festividades, a exemplo dos incentivos locais para a utilização da indumentária de couro típica e das práticas de recitais de aboios durante esses eventos dedicados a eles, fatos que reforçam a ideia de manutenção dessas tradições, apesar das transformações que vão acontecendo com o passar dos anos.

Outro aspecto verificado foi o forte desejo de continuidade, tanto da profissão em si quanto dessas festividades em sua homenagem, percebidas nas falas, depoimentos e citações contidas nas variadas fontes pesquisadas, advindas de homens e mulheres de quase todas as faixas etárias, o que demonstrou uma grande diversidade no próprio perfil daqueles que participam da Festa do Vaqueiro, sendo possível afirmar que, pelo menos neste dia, existem diversos tipos de “vaqueiro” (a).

No tocante ao Museu do Vaqueiro, foi identificado que, apesar de possuir normativas municipais e estaduais que atestam a sua utilidade pública e também estar registrado em todos os cadastros e órgãos necessários, na prática, esse espaço de memória nunca despertou o interesse por parte tanto dos poderes públicos municipais como da comunidade longaense de maneira geral.

Entre as constatações feitas durante este trabalho, é possível destacar que o Museu do Vaqueiro, mesmo possuindo uma proximidade geográfica com os demais espaços e práticas referentes às manifestações culturais que envolvem essa figura, nunca foi de fato integrado às mesmas e nem recebeu grande apoio dos órgãos públicos e da sociedade, o que denota uma grande distância na prática representacional.

Outra verificação, ainda mais marcante, foi a de que os vaqueiros não teriam sido integrados às atividades realizadas nesse espaço e, por consequência, não criaram a identificação necessária para a sua manutenção, bem como o número de visitantes, que foi extremamente baixa durante o período em que esteve em funcionamento. Vale ressaltar que depois de pouco mais de uma década de existência, o museu foi fechado e encontra-se abandonado até os dias atuais.

Essa não identificação dos habitantes da cidade de Alto Longá com o museu pode ser verificada não apenas pelo seu fechamento, mas, principalmente, pela inércia de todos em pelo menos tentar debater a possibilidade (ou não) da sua reabertura, pois o mesmo fica localizado praticamente ao lado da maior e mais importante escola do município, o que – teoricamente – poderia ser um aliado para a comunidade escolar local.

Ademais, refletindo-se sobre as festas e o museu, percebeu-se que os aspectos culturais referentes ao vaqueiro estão constantemente “vivos” nas manifestações praticadas nas festividades e em tudo que as rodeiam. No entanto, não conseguem essa mesma altivez com relação ao museu, que não conseguiu se perpetuar como um espaço para “guardar” parte dessa cultura local.

Partindo para a análise de como a figura do vaqueiro conseguiu toda essa notoriedade no território e no imaginário do município de Alto Longá (PI), as fontes demonstraram que essa foi uma construção identitária que prevaleceu sobre outras que existiram no passado, mas que foram soterradas e silenciadas, como exemplos podemos citar os povos originários das tribos dos longazes, as populações negras que foram escravizadas e as próprias mulheres sertanejas, que também participaram desse processo de expansão da criação de gado como principal atividade econômica, social e cultural dessa região.

Na confecção deste trabalho, após os entendimentos acima conseguidos, refletiu-se sobre a forma como todas essas temáticas relacionadas ao vaqueiro e a cidade de Alto Longá podem dialogar com o Ensino de História a partir dos currículos escolares atuais, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

À princípio percebeu-se a necessidade de inserir os patrimônios culturais locais da própria comunidade, como potencial para aproximar as temáticas trabalhadas no ambiente escolar e a realidade vivida pelos estudantes no seu cotidiano através de conexões entre os sujeitos envolvidos e próprio processo de ensino e aprendizagem, que deve ser pautado pela participação crítica e reflexiva de toda a sociedade e aquilo que lhe envolve.

Partindo dessa verificação anterior, pretendeu-se compreender as possibilidades práticas existentes dentro das diversas competências, habilidades, objetivos de aprendizagem e objetos do conhecimento, inseridas nos documentos curriculares a nível estadual e federal. A partir disso, conseguir construir conhecimentos históricos baseados nas aprendizagens significativas, em que os aspectos locais acerca das representações do vaqueiro pudessem ser trabalhados pelos docentes da cidade de Alto Longá, seguindo todos os parâmetros didático-pedagógicos gerais e necessários.

Com base nisso, foi confeccionado o recurso pedagógico como produto deste trabalho de pesquisa: uma unidade temática que teve como propósito ajudar os profissionais que ministram aulas de História na cidade de Alto Longá. À princípio foi realizada uma reflexão sobre os ofícios e saberes do vaqueiro, de maneira geral, passando pelo diálogo sobre as representações existentes em torno do vaqueiro, naquele município, e culminando com uma análise de como essas temáticas podem ser abordadas na prática docente das escolas locais.

Acredita-se que esse recurso pedagógico – além de toda a discussão realizada no trabalho como um todo – é a principal contribuição prática desta pesquisa para a sociedade, visto que o mesmo possui propostas de situações de aprendizagem práticas que envolvem o vaqueiro, sendo estas dinâmicas, contextualizadas e adequáveis à realidade de cada turma, inspirando os professores a realizarem, desde o planejamento curricular, passando pela aplicação prática e chegando até a avaliação da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2ª ed. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória** (UNESP), São Paulo, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011.

ALTO Longá comemora o dia do Vaqueiro com muitas atrações. **Portal 180 Graus**. [Teresina], 28 dez. 2017. Disponível em: <https://180graus.com/alto-longa/alto-longa-comemora-o-dia-do-vaqueiro-com-muitas-atracoes/>. Acesso em: 16 jul. 2023.

BEZERRA, Márcia. Educação patrimonial e patrimônio. In: CARVALHO, Aline; MENEGHELLO (Orgs.) **Dicionário temático de patrimônio**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

BEZERRA, Raimundo. Animação Total no dia 28/12 “Dia dos Vaqueiros” nos Festejos. **Portal R10**. [Alto Longá], 28 dez. 2018. Disponível em: <https://www.portar10.com/noticia/18810/animacao-total-no-dia-28-12-q-dia-dos-vaqueirosq-nos-festejos->. Acesso em: 16 ago. 2023.

BEZERRA, Raimundo. Festejos de Alto Longá: o maior público presente dos últimos 15 anos. **Portal O Dia**. [Alto Longá], 05 jan. 2016. Disponível em: https://portalodia.com/municipios/alto-longa/festejos-de-alto-longa-256949.html.#google_vignette. Acesso em: 05 set. 2023.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2012.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgos e Vaqueiros**. Salvador: UFBA, Centro Editorial e Didático, 1989.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. O vaqueiro: símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão. In: MONTENEGRO, Antonio Torres *et al.* (Orgs.). **História: cultura e sentimento**. Outras histórias do Brasil. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

CABRAL, Valmira Pessoa. **Alto Longá**: meu notável paraíso. Teresina: s. ed. 2010.

CABRAL, Valmira Pessoa. **Ponto de Cultura Museu do Vaqueiro**: Alto Longá – PI – Brasil. Alto Longá, s. ed. 2018.

CASTELO BRANCO, Renato. **O Piauí, a terra, o homem e o meio**. São Paulo: Quatro Artes, 1970.

CERRI, Luís Fernando. Um lugar na história para a didática da história. **História & Ensino**, Londrina, v. 23, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2017.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. São Paulo: Papirus, 2008.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a História Entre Certezas e Inquietudes**. Porto Alegre, Editora UFRGS, 1991.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, 1991.

COSTA, Maryneves Saraiva de Area Leão; ROCHA, Maria do Amparo Moura Alencar. (Orgs). **Alto Longá, de vila à cidade, da cidade aos nossos dias: história, memória e patrimônio**. Teresina: Halley Editora, 2017.

DIA e noite dos Vaqueiros nos Festejos de Alto Longá, este ano foi demais. **Portal 180 Graus**. [Teresina], 12 jan. 2016. Disponível em: <https://180graus.com/alto-longa/diae-noite-dos-vaqueiros-nos-festejos-de-alto-longa-este-ano-foi-d/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

EMOCIONANTE corrida de cavalos no prado e festa encerram o Dia do Vaqueiro em Alto Longá. **Portal 180 Graus**. [Teresina], 30 dez. 2017. Disponível em: <https://180graus.com/alto-longa/emocionante-corrida-de-cavalos-no-prado-e-festa-encerram-o-dia-do-vaqueiro-em-alto-longa/>. Acesso em: 02 set. 2023.

ENNES, Ernesto. **As Guerras nos Palmares**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FESTA do Vaqueiro Alto Longá Piauí. **Portal Dicoivaras** (Youtube). [Alto Longá], 29 dez. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=26qqxTHZ2WE>. Acesso em: 18 set. 2023.

FESTEJO de Alto Longá reúne população e vaqueiros do Estado. Disponível. **Portal Cidade Verde**. [Teresina], 29 dez. 2015. Disponível em: <https://cidadeverde.com/cvplay/v/12247/festejo-de-alto-longa-reune-populacao-e-vaqueiros-do-pi>. Acesso em 20 dez. 2023.

FILHO, Carlos Studart. **A Capitania do Piauí**. Fortaleza: Revista Instituto do Ceará, 1958.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

FRONZA, Marcelo. A memória histórica como evidência: a relação entre cultura história e a cultura escolar na educação patrimonial mobilizada nas aulas de História. *In:*

MAIOR, Paulo Solto; PESSOA, Ângelo Emílio da Silva; SALLES, André Mendes. **Saberes históricos, patrimônio e espaços de memória**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2022. p.119-146.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Carmem; PACIEVITCH, Caroline; PERUSSATTO, Melina. Pensar historicamente com a Educação Patrimonial: um não-guia. **Sillogés**, Porto Alegre, v.5. n.1. jan./jul. 2022.

GIL, Carmem; PEREIRA, Nilton; SEFFNER, Fernando; PACIEVITCH, Caroline. Ensinar história [entre]laçando futuros. **Revista Brasileira de Educação**, Porto Alegre, v. 25, 2020.

GIL, Carmem; SILVA, Mônica. **Notas de aulas com o patrimônio cultural**: exercícios de “teorização prática sobre a prática de ensinar História”. 2. ed. e-book (Ensino de História e suas práticas de pesquisa), São Leopoldo: Oikos, 2021.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Patrimônio como categoria de pensamento**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

GOOGLE EARTH. **Imagem de satélite de Alto Longá**. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/ALTO+LONGA++PI/@5.2511968,42.209988,141.44032179a,4570.81968292d,35y,0h,0t,0r/data=CigiJgokCSfh6U9IJTNAESfh6U9IJTPAGYxoIA1q3EdAIVeOOTwDJ0rAOgMKATA>. Acesso em 10 fev. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HISTÓRIA DE ALTO LONGÁ. 28/12 - Dia do Vaqueiro em Alto Longá (PI). **Instagram: @historiadealtolonga**. Alto Longá, 28 dez. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmuEfj-OJad/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/alto-longa.html>. Acesso em 04 set. 2023.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1996.

MARQUES, Raví. Vaqueiros de Alto Longá, no Piauí, comemoram festejo de Nossa Senhora dos Humildes. **Globoplay**, Teresina, 28 dez. 2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10163685/>. Acesso em: 15 set. 2023.

MUNICÍPIO de Alto Longá celebra o dia do vaqueiro. **Portal 180 Graus**. [Teresina], 05 jan. 2023. Disponível em: <https://180graus.com/alto-longa/municipio-de-alto-longa-celebra-o-dia-do-vaqueiro/>. Acesso em: 15 set. 2023.

MUSEU do Vaqueiro em Alto Longá preserva a história do sertanejo. **Portal G1**. [Teresina], 09 ago. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2015/08/museu-do-vaqueiro-em-alto-longa-preserva-historia-do-sertanejo.html>. Acesso em: 07 ago. 2023.

MUSEU reúne peças que representam a cultura do vaqueiro no Piauí. **Portal G1**. [Teresina], 27 abr. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/04/museu-reune-pecas-que-representam-cultura-do-vaqueiro-no-piaui.html>. Acesso em: 27 jul. 2023.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História** (PUC), São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

NOVA Definição de Museu. **SITE ICOM**. São Paulo [S/D]. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?pageid=2776>. Acesso em: 27 jun. 2024.

PELEGRI, Sandra. A gestão do patrimônio imaterial na contemporaneidade. **História**, São Paulo, v. 27, n. 2, p.145-173, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIAUI. **Currículo do Piauí**: um marco para educação do nosso estado: Ensino Fundamental / Organizadores Carlos Alberto Pereira da Silva *et al* – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

PIAUI. **Currículo do Piauí**: um marco para educação do nosso estado: Ensino Médio / Organizadores Carlos Alberto Pereira da Silva *et al* – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021.

PINHEIRO. Áurea da Paz; BRITO, Adriana Santos. Educação Patrimonial em ambiente escolar. **Revista Atlante**: Cuadernos de Educación y Desarrollo, mai. 2017. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/atlante/2017/05/educacion-patrimonial.html>. Acesso em: 15 set. 2023.

PINHEIRO. Áurea da Paz; OLIVEIRA, Edilene Lima de; Sousa Rejane. Educação Patrimonial no Museu da Vila, Luís Correia, Piauí, Brasil. **Revista Concilium**, v. 22, n. 6, 2022. Disponível em: <https://clium.org/index.php/edicoes/article/view/535/407>. Acesso em: 12 set. 2023.

PINTO, Helena. A educação patrimonial num mundo em mudança. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 43, p.1-14, 2022.

PONTÕES de Cultura: edital seleciona 42 projetos em todo o Brasil. **SITE Iber Cultura Viva**. [Brasília], 18 jan. 2014. Disponível em: <https://iberculturaviva.org/pontoes-de-cultura-edital-seleciona-42-projetos-em-todo-o-brasil/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

ROCHA, Maria do amparo Moura Alencar. **Museu do Vaqueiro**: Diagnóstico, Inventário e Exposição “Reis e Caretas”. 2017. 114 p. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Reis Veloso, Parnaíba, 2017.

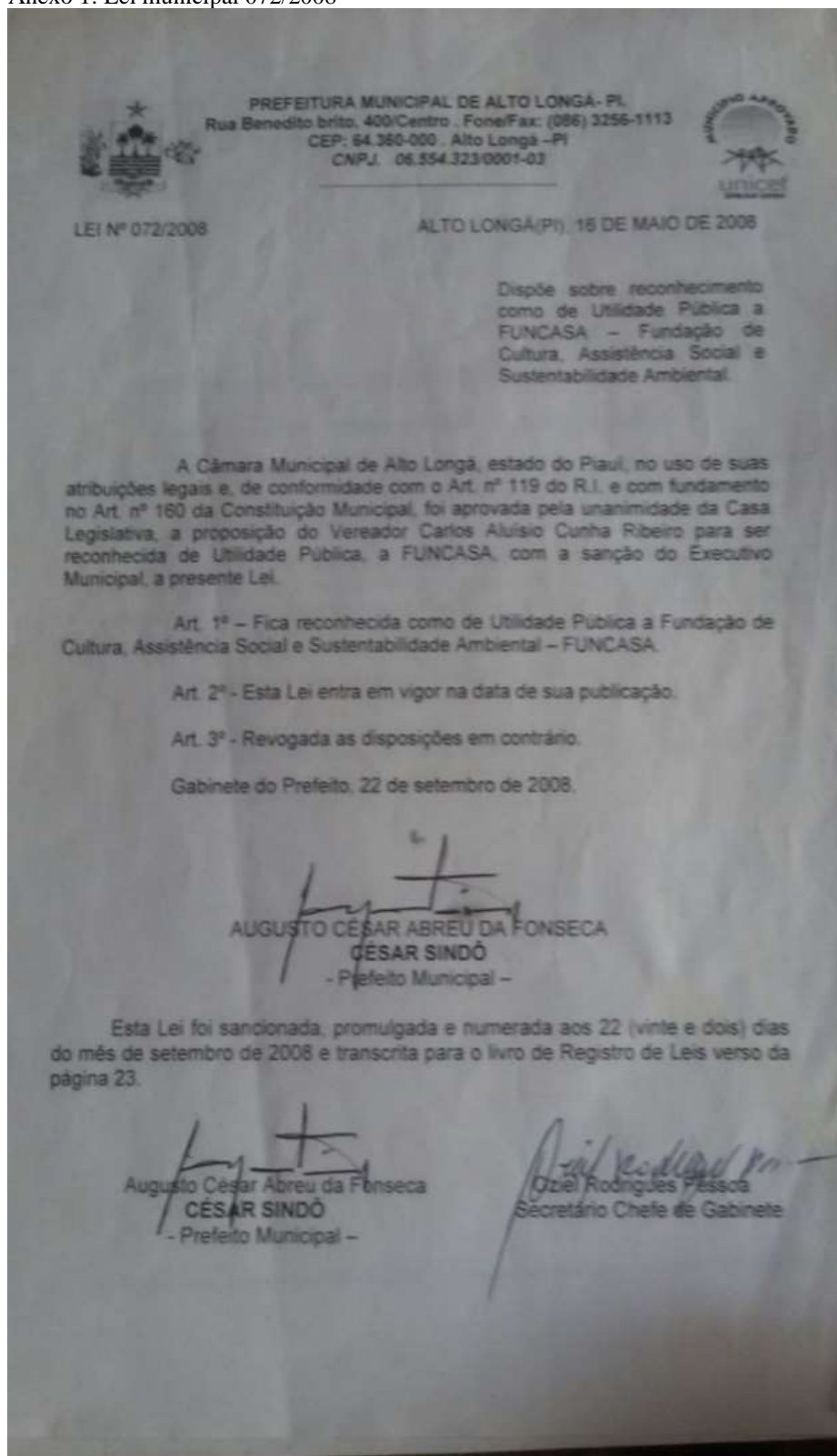
SILVA, Rodrigo Manoel Dias da Silva. Educação patrimonial e a dissolução das monoidentidades. **Educ. Rev.** [online], n. 56, p. 207-224, 2015.

SOBRINHO, Alexandre José Barbosa Lima. **O Devassamento do Piauí**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

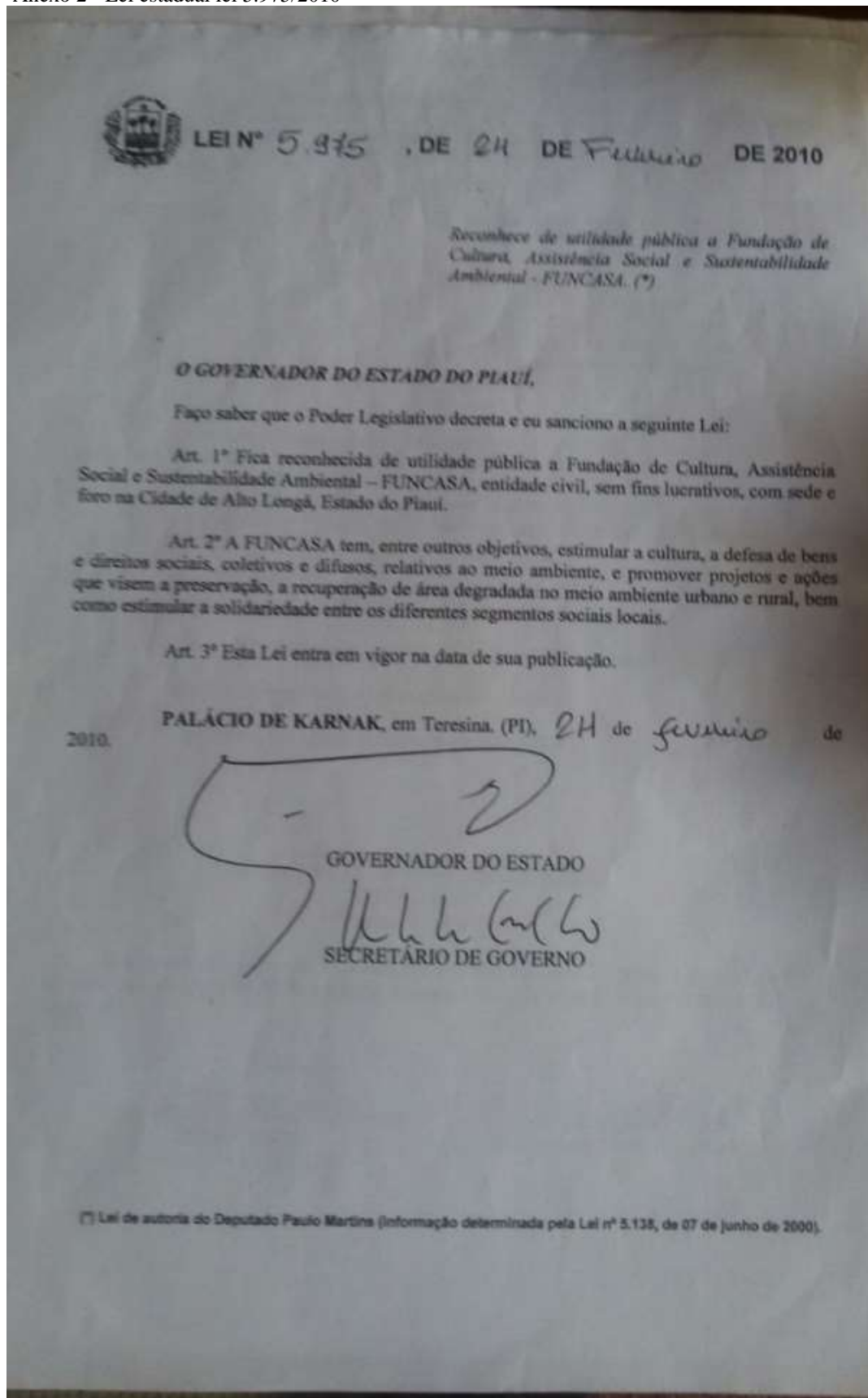
ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXOS

Anexo 1: Lei municipal 072/2008



Fonte: Maria do Amparo Moura Alencar Rocha, 2017.



O VAQUEIRO NA SALA DE AULA E PARA ALÉM DELA



O vaqueiro na sala de aula e para além dela

Elaboração: Eduardo Marques da Fonseca
Orientação: Danilo Alves Bezerra.

Material de apoio pedagógico para o Ensino de História em Alto Longá (PI): o vaqueiro e suas representações.



**Universidade Estadual
do Piauí - UESPI**



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

1 - APRESENTAÇÃO.

Esse material de apoio didático, denominado “O vaqueiro na sala de aula e para além dela”, busca refletir sobre como as manifestações existentes em torno da figura do vaqueiro e do seu ofício no município de Alto Longá (PI), podem ser trabalhadas na prática docente. O público-alvo deste material, são os professores que atuam no componente curricular de História, a nível de Ensino Fundamental e Médio, no referido município.

As principais representações ligadas a essa figura, que se pretende inserir no ensino de História local, são aquelas relacionadas às festividades culturais e aos locais em que as mesmas são realizadas – notadamente as que circundam a Festa do Vaqueiro e o Museu do Vaqueiro. Para isso faz-se necessário trazer para a prática pedagógica as questões conceituais que orbitam à temática central (que é o vaqueiro) como: cultura, identidade, tradição, representação, educação patrimonial e ensino de história.

O objetivo central é inspirar tais docentes para a inserção dessas temáticas locais, mesmo que as normas e documentos curriculares vigentes (Nova BNCC e Currículo do Piauí – tanto do Ensino Fundamental, quanto do Ensino Médio), pareçam meio “engessados”. Ou seja: analisar as possibilidades de diálogo entre os patrimônios ligados ao vaqueiro e as temáticas que podem ser trabalhadas em sala de aula e em torno desta.

O referido material pedagógico pode auxiliar no desenvolvimento de estratégias de planejamento, de execução e de avaliação que englobem essas temáticas intimamente ligadas ao cotidiano da própria comunidade escolar, aproximando as competências e habilidades trabalhadas no chão da escola, com as vivências, tanto dos estudantes, quanto dos demais participantes do processo de ensino e aprendizagem.

O presente trabalho encontra-se dividido em quatro partes: Ofícios e saberes do vaqueiro; As Festas do Vaqueiro na sala de aula; O Museu do Vaqueiro e a sala de aula; Propostas de situações de aprendizagem práticas. É importante ressaltar que, para além das nuances já citadas acerca desse símbolo maior que é o vaqueiro, é possível pensar em outros atores que também poderiam ter um pouco mais de destaque na cultura longaense, através da construção de um raciocínio crítico e reflexivo sobre essas “escolhas históricas” que elegem alguns protagonistas e isolam outros também possíveis.

1.1 - OFÍCIOS E SABERES DO VAQUEIRO

Vaqueiro é um dos ofícios mais antigos do território brasileiro, praticado desde algumas décadas após a chegada e fixação dos portugueses por aqui, e do início da atividade de criação extensiva de gado (ainda no século XVI), quando se optou por realizá-la nas regiões afastadas do perímetro mais próximo ao mar, onde predominava o cultivo canavieiro. No entanto, apesar de existir no Brasil há alguns séculos, essa atividade profissional só passou a ser reconhecida legalmente há pouco mais de uma década, quando da aprovação (pelo Congresso Nacional) e a sanção da então Presidente da República (Dilma Rousseff), da Lei nº 12.870, de 15 de outubro de 2013, que dispõe:

Art. 1º Fica reconhecida a atividade de vaqueiro como profissão.

Art. 2º Considera-se vaqueiro o profissional apto a realizar práticas relacionadas ao trato, manejo e condução de espécies animais do tipo bovino, bubalino, equino, muar, caprino e ovino.

Art. 3º Constituem atribuições do vaqueiro:

I – Realizar tratos culturais em forrageiras, pastos e outras plantações para ração animal;

II - Alimentar os animais sob seus cuidados;

III - realizar ordenha;

IV - Cuidar da saúde dos animais sob sua responsabilidade;

V - Auxiliar nos cuidados necessários para a reprodução das espécies, sob a orientação de veterinários e técnicos qualificados;

VI - Treinar e preparar animais para eventos culturais e socioesportivos, garantindo que não sejam submetidos a atos de violência;

VII - Efetuar manutenção nas instalações dos animais sob seus cuidados.

Art. 4º A contratação pelos serviços de vaqueiro é de responsabilidade do administrador, proprietário ou não, do estabelecimento agropecuário de exploração de animais de grande e médio porte, de pecuária de leite, de corte e de criação.

Parágrafo único. (VETADO).

(BRASIL, 2013)

Importante ressaltar que o parágrafo único do artigo 4º, que foi vetado durante a aprovação desta lei, estabeleceria a necessidade de contratação de seguro de vida e de acidentes pelo empregador para com esses trabalhadores da pecuária. O principal argumento para tal veto, foi de que a realidade desse setor econômico, especialmente nas pequenas e médias fazendas, inviabilizaria essa contratação, pois oneraria de forma excessiva o processo produtivo para esses produtores. Assim, percebem-se opiniões diversas acerca da importância e do alcance prático dessa lei no tocante às melhorias para esses profissionais.

A Lei 12.870/2013, embora tenha sido um passo significativo em reconhecer os vaqueiros como patrimônio cultural e imaterial do Brasil, lamentavelmente carece de efetividade na proteção dos direitos e no aprimoramento das condições de trabalho desses profissionais. O alcance limitado da lei, as lacunas regulatórias e a falta de medidas práticas para melhorar o bem-estar dos vaqueiros são questões críticas que precisam ser abordadas. Essa ausência de atenção adequada à realidade dos vaqueiros impede que essa comunidade, que já enfrenta desafios consideráveis, possa desfrutar de uma qualidade de vida digna. Muitos vaqueiros continuam vivendo em condições precárias, com acesso limitado à educação, cuidados de saúde e outras necessidades básicas. A falta de reconhecimento eficaz de seu trabalho e a ausência de programas de capacitação e profissionalização também perpetuam a luta desse povo.

Fonte: Artigo Vaqueiro: uma análise da profissão à luz da lei 12.870/2013. 2023.

A conquista é o reconhecimento legal de que aquela atividade é exercida por um profissional, definido por lei como "Vaqueiro". Ao se intitular "Vaqueiro", não haverá mais a dúvida e nem o preconceito de que tal atividade é algo qualquer, sem relevância. A partir do momento que a lei assim define, a profissão passa a ser respeitada ganhando corpo e representatividade. Podemos prever que em breve haverá sindicatos de classe dos Vaqueiros, buscando melhores condições de trabalho, piso salarial, etc. Tudo isso fica mais fácil de ser conquistado quando existe uma Lei definindo a categoria profissional, a profissão. Da mesma forma que temos "Engenheiros", "Professores", temos agora os Vaqueiros. A Lei não fixa jornada de trabalho, nem piso salarial, logo, nenhuma relevância terá nos atuais contratos de trabalho e nem de prestação de serviços.

Fonte: Portal Trabalhismo em Debate.

Visto que é uma das profissões pioneiras no Brasil Colônia, o vaqueiro também se notabiliza por possuir uma das mais remotas vestimentas típicas e que ainda hoje é utilizada, quase cinco séculos depois. Trata-se de uma indumentária baseada no couro como principal matéria-prima, que passou a se destacar como um dos principais símbolos do próprio ofício do vaqueiro.

O conjunto formado pelos seguintes objetos de couro: chapéu (com cordão preso ao queixo), gibão (espécie de paletó), perneiras (espécies de “pernas de calça”), guarda-peito (colete usado por baixo do gibão), sandálias (com proteção para os dedos) e luvas; representam uma espécie de “armadura”. Armadura essa, tanto física (para proteger os vaqueiros dos perigos na hora de pegar os bois na mata), quanto identitária (ao preservar um dos traços mais marcantes da cultura desse ofício), e como bem lembrado por Queiroz: “o conjunto cavalo com seus arreios, o vaqueiro vestido com seu traje de trabalho e – muitas vezes, em companhia de um pequeno cachorro – constitui, na história, o conjunto de maior referencial simbólico da cultura sertaneja”. (2013, p. 39).

Os trajes descritos, são uma representação secular dessa identidade construída em torno da atividade pastoril e mantem a tradição viva, transmitida geração após geração. Porém, mais do que vestimentas em si, o ofício do vaqueiro carrega consigo também alguns saberes próprios, como se observa:

O ofício de vaqueiro é uma arte. Exige apuro técnico, conhecimento, habilidade e criatividade. Envolve uma infinidade de aspectos. Implica em conhecimentos dos mais variados – sobre o ambiente, a lida com o gado – e implica também na construção de um imaginário que o diferencia dos demais ofícios ligados ao sertão. É uma atividade complexa e peculiar e suas correlações vão muito além do âmbito do trabalho. Este estudo sobre o Ofício de Vaqueiro parte das premissas de que o bem cultural, como todo signo, exige um suporte físico – dimensão material que serve de base para a comunicação; uma estrutura simbólica que dá sentido e se estabelece na prática dos sujeitos capazes de atuar segundo certos códigos –, e que o bem de natureza imaterial ou intangível caracteriza-se, segundo a Constituição Brasileira, como uma “referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade”.

Fonte: Ofício de Vaqueiro – Cadernos do IPAC 6 -2013, p. 14.



Vaqueiro encourado e montado

Fonte: Facebook Jeito Nordestino, 2022.

Sobre o ofício propriamente dito, o Estado da Bahia, pelo decreto nº 13.150 de 2011, respaldado pela Lei Estadual de nº 8.895/2003, decidiu: “o bem cultural de Ofício de Vaqueiro tornou-se Patrimônio Imaterial da Bahia, lavrado no Livro de Registro Especial dos Saberes e Modos de Fazer, instituindo normas de proteção e estímulo à preservação”.

Assim como a vestimenta de couro, outra tradição que marca profundamente o ofício do vaqueiro são os chamados “aboios”, sendo este um dos saberes mais característicos dessa figura tão peculiar do sertão nordestino e brasileiro. Como bem demonstra Albuquerque, na obra *Exposição vaqueiros: caminhos para a reflexão*: “uma das formas de comunicação pela música é o aboio. O aboio é um canto melodioso, uma toada lenta, como o andar vagaroso do gado, que serve para tangê-lo”. (2013, p. 53).

De acordo com Luiz Câmara Cascudo, esse é um termo originário do nosso país e tem, no sertão nordestino, sua região de maior utilização. A Obra “Ofício do Vaqueiro”, publicada nos Caderno do IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia), destaca:

“Nas levadas e movimentações da boiada, o vaqueiro se utiliza de um canto lamuriento com o qual busca se comunicar com o gado. É o aboio, uma marca da cultura vaqueira que é eivada de melancolia e um traço marcante na musicalidade do povo sertanejo; tão bem explorado pelo nosso mais autêntico forró, nas mensagens musicais do mestre Luiz Gonzaga”. (2013, p. 43).

Uma dessas músicas de Luiz Gonzaga, possui o seguinte título e letra:

Aboio Apaixonado – Luiz Gonzaga

Não me chame boiadeiro
Que eu não sou boiadeiro não
Eu sou um pobre vaqueiro
Boiadeiro é o meu patrão
Êêê, ei boi, ei boi!
Vou vender o meu gibão
Eu não quero mais vaquejar
Vou largar esse sertão
Num 'guento mais pelejar
Êêê, ei boi, ei boi!

Vou me embora dessa terra
Porque você não me quer
Vou deixar meu pé de serra
Pru' mode tu, ô mulé'
Êêê, ei boi, ei boi
Faz três dias que eu não como
Faz quatro eu num 'armoço
Pelo amor daquela ingrata
Quero comer e não posso
Êêê, ei boi, ei boi!
Pronto patrão, aqui tá a sua boiada, oh-ih!

VAMOS PENSAR:

- **Como o professor poderia abordar os conceitos e características do ofício e os saberes do vaqueiro na sala de aula?**

Uma forma de introdução poderia ser um debate acerca da própria profissão em si: tratando das suas origens históricas, da evolução ao longo dos séculos; bem como da sua atual situação (destacando a somente recente regulamentação legal do ofício e os principais prós e contras existentes).

- **De que forma essas representações ajudaram na construção da identidade dos mesmos?**

Aqui pode ser gerada uma reflexão sobre alguns dos símbolos construídos ao redor da figura do vaqueiro, como por exemplo: os objetos da indumentária de couro, os cantos típicos de aboio, a relação de proximidade com o cavalo, seu parceiro de trabalho etc.

- **Quais as percepções iniciais dos estudantes com relação à essas manifestações culturais apresentadas?**

É possível identificar, através dos debates e reflexões citados acima, qual o entendimento dos estudantes para com essas características gerais que envolvem essa temática ligada ao vaqueiro, ainda numa perspectiva bem preliminar, sem ligação com a cidade de Alto Longá nesse início.

2 - AS FESTAS DO VAQUEIRO NA SALA DE AULA

A tradicional Festa do Vaqueiro é comemorada há séculos em Alto Longá na data de 28 de dezembro, dentro dos Festejos de Nossa Senhora dos Humildes (que vai de 22 de dezembro à 1º de janeiro). É um dia inteiro dedicado às manifestações culturais que envolvem este ofício e as principais estão descritas a seguir:

CASA DO VAQUEIRO



Pouco após o amanhecer, os vaqueiros são recebidos, tomam café da manhã, assistem à benção do padre; depois almoçam etc.

CAVALGADA DOS VAQUEIROS



Após a benção e o café, os vaqueiros são guiados até a Igreja Matriz ao som dos famosos “aboios” e outras cantorias.

CORRIDAS DE VAQUEIROS



No Prado Municipal, os vaqueiros se dividem em algumas categorias, competem entre si e o público acompanha atento.

MISSAS DO VAQUEIRO



A 1ª ocorre após a cavalcada, ainda pela manhã; e a 2ª na parte da noite, após as corridas do Prado Municipal.

PROCISSÃO DO VAQUEIRO



À tarde os vaqueiros, em cavalcada, levam a imagem de Nossa Senhora dos Humildes até o local das corridas, na saída da cidade.

SHOWS DO VAQUEIRO



Logo após a Missa e o Leilão, em geral depois da meia noite, iniciam os shows culturais gratuitos na praça central.

Todas essas atividades da Festa do Vaqueiro, são financiadas e organizadas pela Prefeitura de Alto Longá, pela Câmara de Vereadores e pela Paróquia de Nossa Senhora dos Humildes, recebendo para isso também doações diversas e pessoas para o trabalho voluntário, formando uma chamada Comissão Organizadora da Festa do Vaqueiro. Nas manifestações culturais presentes na Festa do Vaqueiro de Alto Longá, são marcantes dois símbolos deste ofício que foram abordados na apresentação anterior, que são: a indumentária de couro e a tradição musical a partir dos famosos aboios.

Com relação aos trajes típicos, a organização do evento na cidade realiza, há vários anos, sorteios de diversos prêmios em dinheiro e também de peças da própria vestimenta de couro, para aqueles vaqueiros que venham para as festividades devidamente trajados à rigor (chamados por eles mesmos de “encourados”). Essas premiações ocorrem na Casa do Vaqueiro e costumam contar com aproximadamente 300 vaqueiros aptos ao sorteio, o que demonstra que essa ideia ajuda a manter ainda mais forte os vínculos entre esses trabalhadores e suas peças tradicionais que tanto os identifica.

Um dos membros da Comissão Organizadora da Festa do Vaqueiro, popularmente conhecido como Neto Campelo, que fica responsável pela distribuição das senhas para esse sorteio, confirmou ao Portal Di Coivaras:

“Só participa da premiação aquele vaqueiro que tiver devidamente encourado: com perneira, gibão, chapéu, tudo como manda a regra do vaqueiro” (2021).

Para ilustrar essa premiação podemos observar as fotos a seguir, colhidas na Festa do Vaqueiro do ano de 2022:



Urna do sorteio



Entrega das senhas para vaqueiros

No dia da Festa do Vaqueiro ocorre também, no espaço da Casa do Vaqueiro, ainda nas primeiras horas da manhã, a parte musical com recitais de aboios, boa parte deles feitos ao vivo por artistas convidados, ou mesmo reproduzidos por equipamentos de som fixos e móveis. De uma forma ou de outra, a cavalgada que percorre alguns quarteirões da cidade até chegar à praça da igreja matriz de Nossa Senhora dos Humildes, é guiada por esses aboios, geralmente feitos na hora, de improviso, e abordando temáticas, pessoas e situações da própria cidade e da própria Festa do Vaqueiro.

VAMOS PENSAR:

- **Qual a importância dos incentivos locais - em Alto Longá - para a manutenção de tradições como o traje de couro e a prática do aboio?**

Pode ser proposto, a princípio, uma análise das ações dos poderes públicos locais para garantir a perpetuação dessas identidades, através das duas representações ligadas ao vaqueiro e à cidade de Alto Longá, citadas no questionamento.

- **De que forma pode se perceber a identificação dos vaqueiros e da população em geral com a Festa do Vaqueiro?**

Aqui é importante analisar as fotografias, depoimentos e demais informações sobre as atividades presentes na Festa do Vaqueiro, destacando: as multidões que envolvem essas práticas; a variedade de atividades e de espaços existentes, o apoio dos poderes públicos e da própria sociedade etc.

- **O que é possível inferir dos depoimentos a seguir, retirados de reportagens sobre essas festas?**

É possível verificar que os depoimentos analisados trazem consigo: o compromisso dos vaqueiros em participar das festividades, a sensação de pertencimento deles para com essas manifestações e uma vontade de manutenção, tanto dessas práticas festivas, como do ofício em si

PRINCIPAIS DEPOIMENTOS SOBRE A FESTA DO VAQUEIRO

Hoje é um dia bom, eu só não venho se eu tiver doente, mas se eu não tiver doente, eu vou até longe demais!

Sr. Domingos, vaqueiro de 68 anos.

Monto cavalo desde 6 anos! Pegar boi, já peguei muito! “Gosto de ser vaqueiro e vou seguir os passos do meu avô”.

Felipe Cabral, 12 anos
(neto do sr. Domingos).

É bom, é a tradição que a pessoa gosta, é seguir a vida que o velho deixou pra nós!

Vaqueiro Antônio Carlos.

No dia que tem a festa do vaqueiro, numa missa, numa igreja, em qualquer uma cidade, a gente vai lá. É o nosso dia, é hoje, é o dia do nosso santo também, vamos lá.

Sr. Cazuza, vaqueiro visitante.

Meu avô tinha uns novinhos, aí comecei a andar nos jumentinhos. Vou ser um vaqueiro muito bom!

Vaqueiro mirim Djalmino.

Dos meus 12 anos pra cá, nunca passei um dia sem ter o que fazer, dar de comer uma vaca, ou cavalo, uma ovelha, uma cabra e mexer com a vida. Foi seguindo assim um destino. Meu pai não tinha, mas eu via os colegas andando. Eu comprei um cavalo, um velho amigo me deu uns “corim” pra “mim” andar encourado... Eu continuei e fui arranjando as coisas”.

Sr. Cazuza, vaqueiro experiente.

3 - O MUSEU DO VAQUEIRO E A SALA DE AULA

O espaço cultural denominado Museu do Vaqueiro, na cidade de Alto Longá (PI), foi idealizado pela longaense Valmira Cabral (que é assistente social e autora de livros) e fundado em 2007, em uma casa que pertencia a seu pai e que durante algumas décadas serviu de moradia para a família. O prédio fica localizado na região central, na Rua 13 de maio (a maior e mais importante do município), próximo à escola Acrísio Veras (também a maior e mais tradicional).

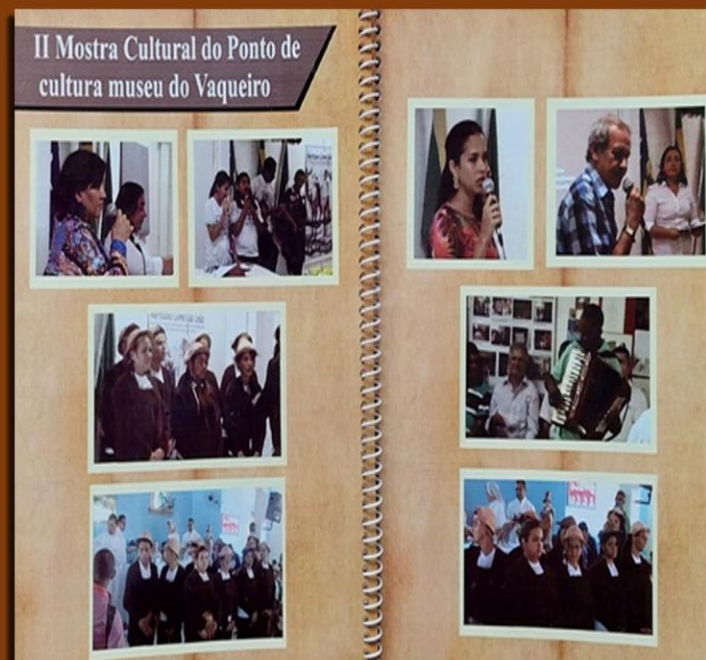
O local logo foi transformado em um Ponto de Cultura, reconhecido pelos órgãos estaduais e federais, e basicamente se estruturava sob duas grandes vertentes: uma exposição fixa de variadas peças relacionadas ao vaqueiro; e a oferta de atividades artísticas e culturais como: teatro, dança, música, artes plásticas, entre outras. Numa entrevista concedida a um canal de televisão regional, a referida idealizadora e mantenedora do museu falou sobre os motivos da escolha do vaqueiro para a construção desse museu:

“Por que todas comunidades longaenses tem histórias e raízes voltadas para o vaqueiro, toda a população de Alto Longá tem parentes vaqueiros. A importância é justamente ficar marcada a cultura, marcadas nossas raízes aqui de Alto Longá, e de todo o estado do Piauí, por que o vaqueiro não pode morrer, essa cultura a gente tem que continuar”.

Pelo fato de sua localização ser bem próxima à maior e mais antiga escola da cidade e da região (atualmente denominada de Centro Estadual de Tempo Integral Acrísio Veras), o museu sempre foi uma alternativa viável de se trabalhar a História Local e suas relações com a figura, o ofício e as manifestações do vaqueiro, pois além da parte de visitação em si (que os professores podiam fazer com suas turmas à pé, pois no máximo percorreriam uns 100 metros); haviam também diversas outras atividades extras, ofertadas pelo museu aos estudantes.

Contudo, apesar de ser o único museu - não apenas da cidade de Alto Longá, mas dos demais municípios circunvizinhos – este local encontra-se fechado desde 2020, quando da interrupção de suas atividades por conta da pandemia de Coronavírus. Desde então, não é possível perceber, nos órgãos e autoridades públicas e na própria sociedade civil, ações concretas para um debate acerca de uma possível reabertura. O Museu do Vaqueiro hoje está sem nenhum tipo de manutenção, com as peças e espaços empoeirados e sofrendo com goteiras e infiltrações, o que pode vir a danificar todo esse rico e importante acervo, como se vê:

Atividades culturais



Exposição de peças



Imagens retiradas de um vídeo do local em 2023.

Fonte: Assis Cabral Júnior

A dissertação de Mestrado da professora Maria do Amparo Moura Alencar Rocha, denominado “Museu do Vaqueiro/Alto Longá/Piauí: diagnóstico e documentação museológica e propostas de expografia, educação e ação cultural”, do ano de 2017, detectou que a média de visitação anual deste museu era de apenas 600 pessoas (o que representava aproximadamente 4% do total da população da cidade). Deste montante, o mesmo estudo apontou que a grande maioria destes visitantes era formada por estudantes da educação básica do próprio município. Visando analisar as deficiências, qualidades e potenciais do Museu do Vaqueiro, essa dissertação citada montou o seguinte quadro:

Análise de resultados: “Museu do Vaqueiro/Alto Longá/Piauí: diagnóstico e documentação museológica e propostas de expografia, educação e ação cultural” (Maria do Amparo Moura Alencar Rocha, 2017)

| PONTOS FORTES | PONTOS FRACOS |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Localização privilegiada, região central próximo as escolas da cidade; • Vaqueiro, representação social com a qual a população longaense se identifica; • Possui um acervo significativo referente a temática central abordada pelo Museu; • Páginas nas redes sociais que dão visibilidade ao Museu; • Projeto de Ações Educativas bem sucedidas; • Parcerias (Poder público municipal e Estadual). | <ul style="list-style-type: none"> • Falta de Acessibilidade (rampas); • RH reduzido; • Baixa rotatividade Expositiva; • Fraca percepção de gestão sobre o Museu; • Linguagem e comunicação; • Livro de registro dos visitantes; • Não possui plano museológico. |
| OPORTUNIDADES | AMEAÇAS |
| <ul style="list-style-type: none"> • Envolvimento da comunidade local; • Proximidade das escolas; • Riqueza da diversidade cultural da região; • Apoio dos poderes públicos para projetos; • Parcerias com colaboradores do Museu. | <ul style="list-style-type: none"> • Resistências às mudanças; • Ausência de gestão e planejamento; • Fragilidade na salvaguarda do acervo; • Falta de uma linguagem acessível; • Conservação do acervo; |

Foram analisados também diversos depoimentos, presentes em reportagens de televisão, portais e plataformas digitais, e no artigo científico intitulado “O Museu do Vaqueiro como Patrimônio Cultural da cidade de Alto Longá-PI”, da professora Antônia Rodrigues de Barros, onde foram selecionadas as principais opiniões da população entrevistada sobre a importância do Museu do Vaqueiro para a cidade de Alto Longá, como se percebe a seguir.

PRINCIPAIS DEPOIMENTOS DE PESSOAS SOBRE O MUSEU DO VAQUEIRO (REPORTAGENS DE TELEVISÃO E ARTIGO CIENTÍFICO)

Conheço sim o museu. No museu tem lembranças das antiguidades. Quando a gente for lá, lembrar daqueles vaqueiros mais velhos, recordações. As peças são importantes, mas raramente ando lá!

Antônio Leandro
(vaqueiro).

Eu acho muito importante preservar a cultura, por que foram praticamente a vida dos nossos antepassados, e creio que nós como a juventude, que nós fazemos o presente hoje e temos que manter viva a cultura dos nossos pais e avôs!

Valdemar Santos
(pedreiro).

A gente desperta várias coisas, muitas novidades que a gente não conhecia, e desperta um prazer de conhecer cada vez mais como nosso país, nossa cidade tem coisa interessante pra gente ver, e bonita pra gente também apreciar.

Amanda Braga
(estudante).

Eu sempre achei muito bonita a profissão de vaqueiro, porque eu cresci vendo meu pai sendo vaqueiro, daí os meus irmãos também e já tenho sobrinhos também que se interessam pela profissão, e é uma coisa que acho muito bonita.

Joana Bezerra
(dona de casa).

Vale ressaltar que todas essas falas vieram de fontes históricas compreendidas entre 2014 e 2017, ou seja, em um período em que o Museu do Vaqueiro estava em pleno funcionamento, e demonstra um recorte do sentimento existente em cidadãos longaenses de variadas idades, profissões e opiniões, acerca das relações deste espaço cultural com a própria identidade e memória - não apenas do ofício em questão e suas características - mas da História do município em si e da relevância da preservação de todas essas construções e contribuições culturais.

Contudo, atualmente se sabe que, para além de “conhecer para preservar”, os museus (assim como outros espaços afins), devem se constituir como possibilidades também de “refletir para ressignificar”, de modo a promover nos estudantes, e em toda a comunidade escolar, uma consciência crítica e reflexiva sobre tudo o que cerca esses ambientes: o processo de constituição destes, as intencionalidades predominantes e as possibilidades de construções e/ou desconstruções de conceitos, visões, comportamentos etc. Podemos observar isso a seguir:

“Por que propor a aula no museu? Sabíamos que salas de exposições, objetos e suas intencionalidades podiam ser vistos como um tema escolar ‘interessante’. Estávamos defendendo a aula fora das quatro paredes, a aula na cidade, a cidade como aula, o museu como lugar de aula. Mas, acima de tudo, entendíamos que o museu ajudaria o grupo a formular perguntas, instigando a curiosidade e a compreensão de que todo conhecimento começa com a pergunta”. (Carmem Gil e Mônica Silva, 2021).

Os objetos dos museus são mais do que “coisa morta”, são algo que, para além das suas funções, são investidos de afeto, desejo e outras emoções, para serem vividos. Os estudantes podem adquirir uma visão da dinâmica do patrimônio – seleção, construção, preservação, expressões de identidades locais, nacionais ou transnacionais – e reconhecer as dimensões temporais do patrimônio: passado, presente, futuro (temporalidade). (Helena Pinto, 2022).

VAMOS PENSAR:

*** Como promover um debate em sala sobre a importância (ou não) da reabertura do museu?**

No primeiro momento é importante deixar claro que a intenção não seria a de comprovar uma relevância cultural do museu (e por consequência fazer uma defesa do retorno do seu funcionamento), mas a de refletir acerca da viabilidade prática dessa reabertura ou não, do ponto de vista global da cidade.

*** Analisando o quadro dos pontos fortes e fracos, quais desses problemas podem ter contribuído para o fechamento do mesmo?**

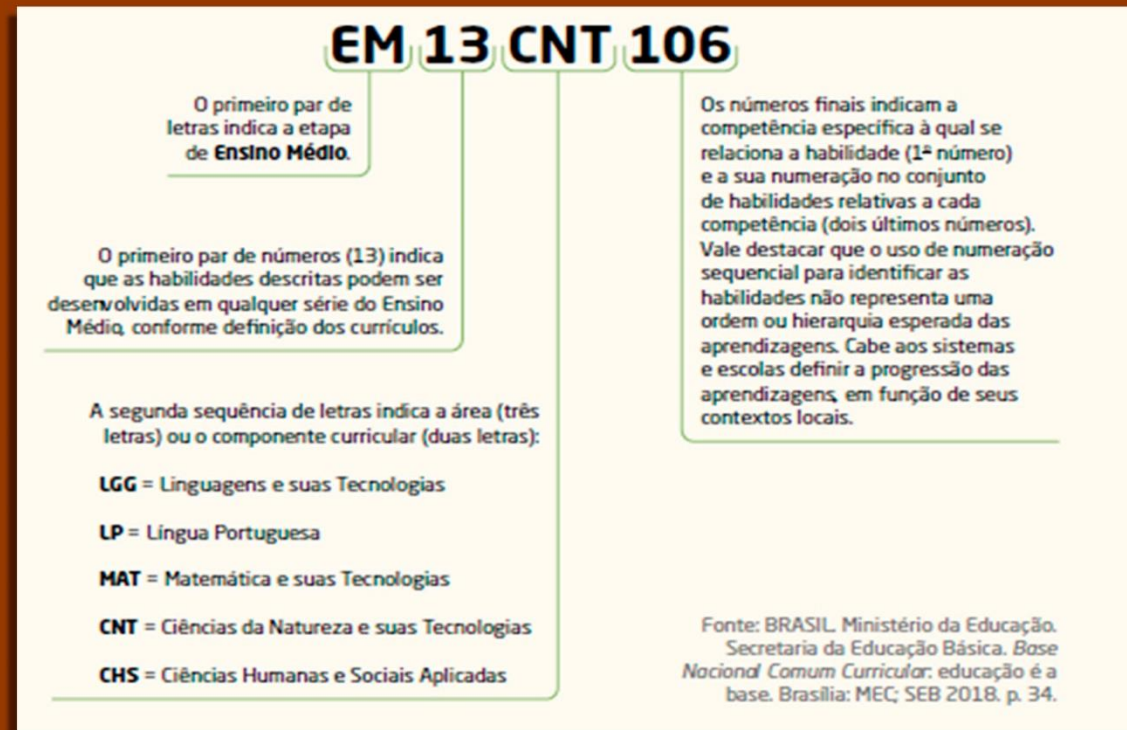
Já uma segunda pretensão seria a de identificar os eventuais motivos que levaram ao fechamento desse museu, e mais ainda, do não envolvimento dos diversos segmentos sociais da cidade de Alto Longá na promoção de debates sobre a sua situação atual de abandono.

*** Nos depoimentos acerca do museu, haveria forte identificação dos vaqueiros e da população com este espaço de memória e cultura?**

Por último viria a tarefa de analisar as falas de pessoas que vivenciaram essa época do auge do funcionamento do mesmo, como forma de perceber o que achavam sobre as atividades prestadas e os espaços existentes neste Museu do Vaqueiro.

4 - PROPOSTAS DE SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

Tanto a BNCC quanto o Currículo do Piauí, utilizam códigos padronizados (formados por letras e números), para identificar as competências e habilidades que podem ser trabalhadas de acordo com: a etapa de ensino, a turma ou ano específico e a área do conhecimento, conforme se verifica no exemplo a seguir:



Conforme percebe-se nas informações acima, no caso das habilidades selecionadas para compor esse material didático (EM13CHS104 e EM13CHS206), ambas se destinam à etapa do Ensino Médio, podem ser trabalhadas do 1º ao 3º ano e pertencem à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. A única diferença é nas numerações destinadas a situar as mesmas dentro das competências específicas. Já as habilidades propostas para o Ensino Fundamental (EF07HI10, EF08HI22), já possuem no próprio código a indicação do ano a serem preferencialmente trabalhadas, nesse caso no 7º e 8º ano.

Assim, como a pretensão de sugerir atividades práticas para compor situações de ensino e aprendizagem em História, que tenham como eixo a figura do vaqueiro na cidade de Alto Longá, estaremos sempre situando, no início dessas sugestões, as habilidades, objetivos e objetos do conhecimento, como passaremos a fazer a partir de agora.

1ª SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- Ensino Fundamental:

- **Habilidades e Competências:** (Competência 4): Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários;
- **Objetos do Conhecimento:** A produção do imaginário nacional brasileiro: cultura popular, representações visuais, letras e o romantismo no Brasil;

- Ensino Médio:

- **Habilidades e/ou Objetivos de Aprendizagem:** EM13CHS104 - Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

Objetos do Conhecimento: Patrimônio cultural: material e imaterial e o legado cultural de diferentes povos.

FONTE 1

Trecho da obra “Ofício do Vaqueiro”

A lida com o gado é a constante em um mundo de incertezas. Vigiar o gado e juntá-lo para ferrar, para a venda, castração, apartação e cuidados, são trabalhos duros, penosos, que a caatinga, com *unhas-de-gato* que agarram o animal, com *quiabentos* e *rasga-gibão*, cipós que se *inliam* ao cavalo, *trocêras* que são armadilhas para os pés, encarrega-se de dificultar. A paga, em geral, pequena, embora maior que a dos demais agregados da fazenda, é uma compensação para os muitos riscos que o vaqueiro corre. (Queiroz 2013, p.13).

FONTE 2

Reportagem sobre o ofício do vaqueiro em Alto Longá



Link do vídeo: <https://globoplay.globo.com/v/3307560/>

FONTE 3

Letra da música “A morte do vaqueiro” – Luiz Gonzaga

Ei, gado, oi
E, ei
Numa tarde bem tristonha
Gado muge sem parar
Lamentando seu vaqueiro
Que não vem mais aboiar
Não vem mais aboiar
Tão dolente a cantar
Tengo, lengo, tengo, lengo
Tengo, lengo, tengo
Ei, gado, oi

Bom vaqueiro nordestino
Morre sem deixar tostão
O seu nome é esquecido
Nas quebradas do sertão
Nunca mais ouvirão
Seu cantar, meu irmão
Tengo, lengo, tengo, lengo
Tengo, lengo, tengo
Ei, gado, oi

Sacudido numa cova
Desprezado do Senhor
Só lembrado do cachorro
Que inda chora
Sua dor
É demais tanta dor
A chorar com amor
Tengo, lengo, tengo, lengo
Tengo, lengo, tengo
Tengo, lengo, tengo, lengo
Tengo, lengo, tengo
Ei, gado, oi
E, ei

Link do vídeo com música e letra: <https://www.youtube.com/watch?v=SJSncHRjrEo>

DIALOGANDO COM AS FONTES

Proposta 1

- **Introdução:** As três fontes utilizadas acima, trazem elementos importantes sobre a caracterização do ofício do vaqueiro: a ligação deste com os animais que lida; a diversidade e a dureza do seu trabalho; a falta de valorização e reconhecimento profissional, entre outros.

Na prática: O professor pode realizar uma reflexão desses aspectos relacionando-os com a lei que reconhece e regulamenta este ofício do vaqueiro no Brasil (comentada anteriormente), trabalhando com a turma eventuais avanços e/ou retrocessos e as implicações dessa realidade na manutenção desta profissão para as futuras gerações.

Avaliação de aprendizagem: pode ser utilizado o recurso da produção de textos dissertativos-argumentativos pelos estudantes, exposições orais em forma de seminários ou debates em grupos de discussão – todos trabalhando os pontos de vistas diversos acerca da profissão do vaqueiro na atualidade.

Proposta 2

- **Introdução:** Tanto o vídeo quanto a letra da música (fontes 2 e 3), abordam um dos principais saberes do vaqueiro (o aboio) – também já descrito nesse material, na parte introdutória – relacionando o mesmo com o trabalho e com o dia a dia daqueles.

Na prática: Há a possibilidade de abordagem do aboio e dos demais saberes e ofícios do vaqueiro (como por exemplo: a indumentária de couro, o linguajar próprio da profissão etc.), todos presentes em alguma (s) das 3 fontes acima utilizadas, a partir de pesquisas realizadas na própria cidade de Alto Longá (sejam elas via internet ou por algum meio físico), de modo a verificar na prática como essas manifestações culturais se apresentam junto à comunidade em que se vive.

Avaliação de aprendizagem: Com base nos resultados dessas pesquisas, podem ser confeccionados exemplos de aboios, que podem ainda vir a serem declamados em sala de aula ou gravados em formato de vídeo para reprodução. É possível ainda fazer uma busca na comunidade em que os estudantes vivem, para conseguirem peças de couro que fazem parte da indumentária do vaqueiro, que podem ser expostas em sala ou em ambiente extra (através de algum projeto escolar, por exemplo). Em ambos os casos, é viável também a postagem em redes sociais da escola e outros ambientes virtuais.

2ª SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- Ensino Fundamental:

- **Habilidades e Competências:**(EF07HI10): Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as dinâmicas das sociedades americanas no período colonial e a consolidação da sociedade piauiense mediante a interiorização do Brasil via atividade pecuarista;
- **Objetos do Conhecimento:** Construir uma identidade piauiense através da contextualização das contribuições do Piauí no processo de formação histórica do Brasil

- Ensino Médio:

- **Habilidades e/ou Objetivos de Aprendizagem:** Analisar o legado cultural de cada povo em diferentes períodos e lugares, relacionando essa herança à formação da sociedade ocidental, sobretudo a brasileira, a partir do enfoque do patrimônio histórico cultural e da importância da preservação da memória (local e nacional).
- **Objetos do Conhecimento:** Patrimônio cultural: material e imaterial e o legado cultural de diferentes povos; Patrimônio histórico cultural e os lugares de Memória.

FONTE 1

Cobertura das atividades da Festa do Vaqueiro



Link do vídeo: <https://cidadeverde.com/cvplay/v/12247/festejo-de-alto-longa-reune-populacao-e-vaqueiros-do-pi>

FONTE 2

Reportagem sobre o Museu do Vaqueiro



Link do vídeo: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2015/08/museu-do-vaqueiro-em-alto-longa-preserva-historia-do-sertanejo.html>

DIALOGANDO COM AS FONTES

Proposta 1

- **Introdução:** Ambas as coberturas jornalísticas em formato de vídeo acima descrevem representações sobre a figura do vaqueiro na cidade de Alto Longá. A primeira mostra as características das principais manifestações da Festa do Vaqueiro: Casa do Vaqueiro, Cavalgada e Procissão do Vaqueiro, Missa do Vaqueiro e Corridas de Vaqueiros. A segunda apresenta os objetivos, os espaços e as peças do Museu do Vaqueiro.

Na prática: Após apresentar os dois vídeos aos estudantes (seja na sala em algum projetor ou TV e/ou mesmo enviando o link nos grupos de WhatsApp das turmas), o professor pode propor uma roda de conversa para debater a percepção dos alunos acerca do envolvimento e da identificação dos vaqueiros e da população de um modo geral, tanto com as festividades, quanto com o museu.

Avaliação de aprendizagem: Os estudantes podem ser orientados a produzirem uma espécie de “quadro comparativo”, no qual coloquem as suas percepções quanto à 3 aspectos identificados nos 2 vídeos: identificações dos vaqueiros, envolvimento da população como um todo, apoio e incentivo do poder público de um modo geral (tanto com as festividades quanto com relação ao museu).

Proposta 2

- **Introdução:** Ao assistir às duas reportagens, fica evidente que o Museu do Vaqueiro não foi inserido nos espaços e atividades que integram a Festa do Vaqueiro (apesar de localizar-se bem próximo aos locais onde acontecem: a Casa do Vaqueiro, a Procissão do Vaqueiro, o Leilão do Vaqueiro e a Missa do Vaqueiro). Outra evidência verificável é que as festividades contam o incentivo e o financiamento por parte dos poderes públicos locais e o museu não (visto que se encontra fechado, muito por falta do auxílio financeiro e principalmente organizacional).

Na prática: Pode-se utilizar um mapa ou imagem de satélite (utilizando o Google Maps ou Google Earth, por exemplo) para demonstrar a localização desses espaços citados e a proximidade entre aqueles que compõem a Festa do Vaqueiro e o Museu do Vaqueiro. Em seguida abrir um diálogo na sala acerca da não existência de uma relação entre eles e instigar as opiniões dos estudantes sobre essa possibilidade ou não na prática.

Avaliação de aprendizagem: O docente pode dividir a turma em 3 grupos e propor uma espécie de “júri simulado”, onde um deles defenderia argumentos favoráveis à integração entre as festas e o museu; outro ficaria com a defesa dos argumentos desfavoráveis; e ao terceiro caberia a tarefa de ouvir todos esses argumentos, escolher aqueles mais convincentes e decidir (como uma “sentença”), o grupo vencedor da causa.

3ª SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- Ensino Fundamental:

- **Habilidades e/ou Objetivos de Aprendizagem:** (EF08HI22) Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e artísticas na produção do imaginário e das identidades no Brasil do século XIX.
- **Objetos do Conhecimento:** Políticas de extermínio do indígena durante o Império; O silenciamento dos saberes indígenas e as formas de integração e destruição de comunidades e povos indígenas.

- Ensino Médio:

- **Habilidades e/ou Objetivos de Aprendizagem:** Discutir sobre a diversidade e a complexidade de sociedades e culturas em diferentes tempos, destacando a situação dos excluídos e dominados: indígenas, mulheres, camponeses, escravos, miseráveis da cidade e do campo etc.
- **Objetos do Conhecimento:** o processo de ocupação do território piauiense a partir das conexões das rotas de gados.

FONTE 1

Essa é a bandeira da cidade de Alto Longá. Nela consta a data de 31 de dezembro de 1740, que teria sido a edificação da primeira Capela de Nossa Senhora dos Humildes. Do lado direito possui uma gravura que remete à criação de gado, que foi a atividade propulsora do povoamento colonial, através da primeira fazenda de gado, do Capitão Benedito José de Sousa Brito, próximo ao rio Gameleira. Já do lado esquerdo, uma figura representando a cana de açúcar, produto muito importante para esta região, através dos diversos engenhos montados a partir do século XVIII. Ao meio se encontra um Brasão muito parecido com o do Estado do Piauí, com os 3 peixes e a simbolização dos rios, mas com a diferença que ao invés das 3 palmeiras nativas do território piauiense (carnaúba, buriti e babaçu), só aparecem duas.

BANDEIRA E BRASÃO DE ALTO LONGÁ



HINO OFICIAL DE ALTO LONGÁ

Hino de Alto Longá**Letra e música: Leonardo Ferreira da Cunha Neto**

**Terra alta das nascentes do
Rio Longá / De solo fértil sob
um céu radiante / Cedeu a
força do pastoril/Que aportou
o retirante / E abençoou a
região do Brasil / Terra, terra
dos Humildes! / Revela o teu
próprio berço/ Que a fé exalta
o teu amor/ Que nada impede
tua força / De um povo cheio
de esplendor.**

**Terra, terra dos campos
Cabe no peito toda dor /
Se destino te fez forte /
Não deixe romper o fulgor
No coração de bravura e sorte
A luz do Sol enaltece o manto
E mãe Natureza resplandece
A fibra de braços gigantes
Que os filhos têm no pranto
Salve! Salve a terra prometida
Que acalma os nossos filhos
Que libertou as nossas vidas**

Essa foi a letra escolhida como Hino de Alto Longá! De autoria de Leonardo Ferreira da Cunha Neto (conhecido como Neto Pacífico), que venceu um concurso para escolha da mesma, ocorrido durante a Semana Cultural de 2002. Nas suas estrofes, o Hino destaca alguns pontos importantes da história de Alto Longá, como por exemplos: o rio que daria nome à cidade, a relevância da criação de gado, a vinda de migrantes para este território, a homenagem à Santa do Padroeiro.

Link de acesso à postagem: <https://www.instagram.com/p/CmhdVN0Auzv/>

FONTE 3

No Cadastro dos moradores do Piauí em 1697, realizado pelo Padre Miguel Carvalho, consta: "A terra dos Alongazes está por traz destes riachos: Santo Antônio (que poderia se referir ao atual Rio Longá) e Itaim Asú (atual Rio Poti), correndo p^a a Serra da Guapaba (Ibiapaba) p^a a qual fugirão os Tapuyas, chamados também de Alongâz que nella moravão, e de prez.te a tem os brancos povoada com algũas fazendas de gados, cituadas à beira de Riachoz que tem suas vertentes p^a o Norte".

Refere-se também o padre Miguel do Couto, em sua obra 'Descrição' que, em março de 1697 haviam no sertão do Piauí, à beira dos rios, córregos e olhos d'água mais importantes, aproximadamente 129 fazendas, onde moravam 441 pessoas civilizadas, entre brancos, negros, índios, mulatos e mamelucos. De todas essas terras, esclarece o Padre, são senhores; Domingos Afonso Sertão e Leonor Pereira Marinho, que as partem de meias; tem nelas algumas fazendas de gado seus, as mais arrendam a quem lhes quer meter gados pagando-lhe 10 réis de foro por sítio, e desta sorte então introduzidos donatários das terras, sendo só sesmarias que as povoaram com gados seus.

Entrementes, os paulistas de Francisco Dias de Siqueira, continuavam em seu arraial das terras dos Alongazes, cercados de muitos tapuias cristãos, mas em condições bastante precárias. Viam-se impossibilitados de extinguir o gentio de corso que infestava a capitania, conforme haviam prometido em contrato firmado com o governo, por se terem agregado muitos dos seus às guerras e tropas que andam na conquista dos Palmares, como se vê da C. R. de janeiro de 1697 ao governador e capitão-general do Estado do Maranhão.

Nesses trechos fica claro que houve diversas formas de extermínio dos povos originários dessa grande região, que englobava a futura Vila dos Humildes, além de outras como Campo Maior e Marvão (atual Castelo). Um dos reflexos disso é a rara presença dessas populações de forma organizada nessa parte do território piauiense. Fonte: (Ennes, 1938)

DIALOGANDO COM AS FONTES

Proposta 1

- **Introdução:** Ao observar com atenção as fontes 1 e 2 acima, alguns dos principais símbolos da cidade de Alto Longá (a bandeira e o hino), fazem referências destacadas à atividade desempenhada pelo vaqueiro (a criação de gado) - por mais que não os represente diretamente ou os cite de forma literal.

Na prática: O professor pode, com o uso do próprio celular - conectado à uma caixa de som, por meio do Bluetooth – reproduzir o Hino de Alto Longá em sala de aula; bem como mostrar a Bandeira de Alto Longá via projetor. Após isso, instigar um debate em sala acerca da falta de representação de outras figuras historicamente importantes do território longaense, como por exemplo os povos originários, nos elementos que compõem os dois símbolos destacados acima (a bandeira e o hino), e os eventuais motivos dessa invisibilidade dada à essas populações.

Link do hino: <https://archive.org/details/hino-de-alto-longa-pi/HINOS/Hino+de+Alto+Long%C3%A1+-+PI.mp3>

Avaliação de aprendizagem: Os estudantes podem confeccionar novas bandeiras e novos hinos que contemplem essas figuras e atividades que eventualmente foram “esquecidas” nesses símbolos longaenses e realizarem uma espécie de exposição com os resultados dessas produções (podendo ser tanto fisicamente na sala, quanto nas redes sociais oficiais da escola, da disciplina etc.).

Proposta 2

- **Introdução:** A denominação "Alto Longá" tem sua origem histórica nos termos "Longases" (ou "Alongazes"), que nomeia uma das principais tribos indígenas da região norte do atual Piauí. Eles habitavam nas proximidades de um rio que se chamaria "Rio Longá" (em virtude desses nativos). A fonte 3 acima trata dessas populações nativas e do seu gradual extermínio pelo avanço das fazendas de gado em toda a região.

Na prática: Propor aos estudantes uma pesquisa (utilizando as fontes diversas existentes na internet, livros que abordam a história da cidade e também relatos orais, entre outros), sobre a existência (ou não) de manifestações culturais advindas dos povos originários nos dias atuais no município de Alto Longá (bem como as razões para essa existência e ou inexistência).

Avaliação de aprendizagem: Os estudantes podem (a partir dos resultados das pesquisas realizadas), confeccionarem um texto argumentativo que tenha como temática mais ou menos: “Onde estão os Longazes na terra que leva o nome deles?”.

REFERÊNCIAS

BAHIA. **Decreto nº 13.150 de 2011**. Ofício de Vaqueiro, como bem cultural de natureza imaterial do Estado da Bahia. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/26356062/artigo-1-do-decreto-n-13150-de-09-de-agosto-de-2011-da-bahia>. Acesso em: 05 dez. 2013.

BAHIA. Secretaria de Cultura. Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. **Ofício de vaqueiro / Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia**. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2013.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **LEI Nº 12.870**, de 15 de outubro de 2013. Brasília, DF, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2018

COSTA, Maryneves Saraiva de Area Leão. ROCHA, Maria do Amparo Moura Alencar. (orgs). **Alto Longá, de vila à cidade; da cidade aos nossos dias**. Teresina: Halley Editora, 2017.

ENNES, Ernesto. **As Guerras nos Palmares**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

GIL, Carmem; SILVA, Mônica. **Notas de aulas com o patrimônio cultural: exercícios de “teorização prática sobre a prática de ensinar História”**. 2. ed. e-book (Ensino de História e suas práticas de pesquisa), São Leopoldo: Oikos, 2021.

HISTÓRIA DE ALTO LONGÁ. **Bandeira de Alto Longá**. Perfil @historiadealtolonga. 15 out. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjvBuOeAsc5/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

HISTÓRIA DE ALTO LONGÁ. **Hino de Alto Longá**. Perfil @historiadealtolonga. 23 dez. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmhdVN0Auzv/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

INTERNET ARCHIVE. **Hino de Alto Longá – Piauí – Brasil**. 25 nov. 2021. Disponível em: <https://archive.org/details/hino-de-alto-longa-pi/HINOS/Hino+de+Alto+Long%C3%A1+-+Pl.mp3> . Acesso em: 24 jan. 2024.

PIAUI. **Currículo do Piauí: um marco para educação do nosso estado: Ensino Fundamental** / Organizadores Carlos Alberto Pereira da Silva [et al.]. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

PIAUI. **Currículo do Piauí: um marco para educação do nosso estado: Ensino Médio** / Organizadores Carlos Alberto Pereira da Silva [et al.]. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021.

PINTO, Helena. **A educação patrimonial num mundo em mudança**. Educação e Sociedade., Campinas, v. 43, p.1-14.2022.

PORTAL CIDADE VERDE. **Festejo de Alto Longá reúne população e vaqueiros do Estado**. Disponível. Portal Cidade Verde. Teresina, 29 dez. 2015. Disponível em: <https://cidadeverde.com/cvplay/v/12247/festejo-de-alto-longa-reune-populacao-e-vaqueiros-do-pi>. Acesso em 20 dez. 2023.

PORTAL DICOIVARAS. **Festa do Vaqueiro Alto Longá Piauí**. Portal Dicoivaras (Youtube). Alto Longá, 29 dez. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=26qqxTHZ2WE>. Acesso em: 18 set. 2023.

PORTAL G1. **Museu do Vaqueiro em Alto Longá preserva a história do sertanejo**. Portal G1, Teresina, 09 ago. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2015/08/museu-do-vaqueiro-em-alto-longa-preserva-historia-do-sertanejo.html>. Acesso em: 07 ago. 2023.

PORTAL G1. **Museu reúne peças que representam a cultura do vaqueiro no Piauí**. Portal G1, Teresina, 27 abr. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/04/museu-reune-pecas-que-representam-cultura-do-vaqueiro-no-piaui.html>. Acesso em: 27 jul. 2023.

PORTAL TRABALHISMO EM DEBATE. **A lei do vaqueiro e o que isso representa?** 2013. Disponível em: <https://www.trabalhismoemdebate.com.br/2013/10/18/a-lei-do-vaqueiro-e-o-que-isso-representa/>. Acesso em: 09 jan. 2024.

ROCHA, Maria do amparo Moura Alencar. **Museu do Vaqueiro: Diagnóstico, Inventário e Exposição “Reis e Caretas”**. 2017. 114 p. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Reis Veloso, Parnaíba, 2017.

YOUTUBE. **Luiz Gonzaga – A Morte do Vaqueiro**. Brasília, 11 abr. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SJSnCHRjrEo>. Acesso em: 16 nov. 2023.